

do_co_mo.mo_

brasil

#07

REVISTA



Junho
2022

DOCOMOMO Brasil / Diretoria Executiva gestão 2022/2023

Programa de Pós-Graduação em História da UFCG

Coordenadora Geral | **Alcília Afonso**

Secretário Executivo | **Ivanilson Pereira**

Tesoureiro | **Joelmir Marques**

Conselheiros Fiscais | **Alda Ferreira e Ricardo Paiva**

Colaboradores

Vice Coordenação | **Ceila Cardoso**

Relações Nacionais | **Celma Chaves**

Relações Internacionais | **Rudivan Cattani** (*Tesoureiro em exercício*)

Socialização em redes | **Alexandre Dos Santos**

Conselho Consultivo

Anna Beatriz Galvão | do.co.mo.mo_sp

Carlos Eduardo Comas | do.co.mo.mo_rs

Claudia Cabral | do.co.mo.mo_rs

Fernando Diniz Moreira | do.co.mo.mo_pe

José Pessoa | do.co.mo.mo_rj

Luiz Amorim | do.co.mo.mo_pe

Hugo Segawa | do.co.mo.mo_sp

Maria Marta Camisassa | do.co.mo.mo_mg

Renato da Gama-Rosa Costa | do.co.mo.mo_rj

Revista Docomomo Brasil, revista semestral online do Docomomo Brasil, é um periódico científico que tem por objetivo a divulgação dos trabalhos de pesquisa, análises teóricas, documentos, projetos e resenhas bibliográficas na área da documentação e preservação das diversas manifestações do movimento moderno. Seu conteúdo é acessado online através do endereço eletrônico [revistabr.docomomobrasil.com].

O endereço eletrônico para contato é

[revistadocomomobrasil@gmail.com]

Copyright - 2022 DOCOMOMO Brasil

Os direitos de publicação desta revista são do DOCOMOMO Brasil.

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Projeto gráfico original: **Ivanilson Pereira**

Desenvolvimento do projeto gráfico, diagramação e capa: **Ives Aguiar**

Imagem da capa: Fachada Palácio do Supremo Tribunal Federal (1960), por Oscar Niemeyer (1907-2012); Escultura "A Justiça", por Alfredo Ceschiatti (1918-1989), Brasília, DF, Brasil.

Foto: Ricardo Paiva, 2011

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

Revista DOCOMOMO Brasil /vol.5, n.7 (2022) – Campina Grande:
Associação de Colaboradores do Docomomo Brasil, 2022.

Semestral

ISSN 2594-8601

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Pesquisa. I. Docomomo Brasil.

CDD 720

Corpo Editorial

Comissão Editorial

A Comissão Editorial é composta pelos docentes e pesquisadores:

Helio Herbst | PROARQ UFRJ / UFRRJ

Marta Silveira Peixoto | PROPAR UFRGS

Ricardo Alexandre Paiva | PPGAU+D UFC

Conselho Editorial

Ana Carolina Bierrenbach | Universidade Federal da Bahia

Ana Elísia Costa | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ana Tostões | Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa

Anna Beatriz Ayrosa Galvão | Universidade Federal da Bahia | Escola da Cidade

André Carinha Tavares | ETH Zürich

Beatriz Mugayar Kühl | Universidade de São Paulo

Carlos Eduardo Dias Comas | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ceça Guimaraens | Universidade Federal do Rio de Janeiro

Edson da Cunha Mahfuz | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fernando Diniz Moreira | Universidade Federal de Pernambuco

Flávio Carsalade | Universidade Federal de Minas Gerais

Frederico Rosa Borges de Holanda | Universidade de Brasília

Horacio Torrent | Pontificia Universidad Catolica de Chile

Hugo Segawa | Universidade de São Paulo

Juan Calatrava | Universidad de Granada

Leonardo Barci Castriota | Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Luíza Macedo Xavier de Freitas | Universidade Federal de Pernambuco

Maria Marta dos Santos Camisassa | Universidade Federal de Viçosa

Natalia Miranda Vieira de Araújo | Universidade Federal de Pernambuco

Nelci Tinem (in memoriam) | Universidade Federal da Paraíba

Nivaldo Andrade | Universidade Federal da Bahia

Renato Anelli | Universidade de São Paulo

Renato da Gama-Rosa Costa | Fundação Oswaldo Cruz

Ruth Verde Zein | Universidade Presbiteriana Mackenzie

Sônia Marques | Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

Editorial

- 5** **DOCOMOMO BRASIL EM PERSPECTIVA**
Helio Herbst, Marta Silveira Peixoto e Ricardo Alexandre Paiva

Memória

- 9** **HÁ 30 ANOS...**
Anna Beatriz Ayroza Galvão

- 17** **O PERÍODO FORMATIVO DO DOCOMOMO BRASIL:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL**
Ângela West Pedrão

- 23** **SOBRE O DOCOMOMO BRASIL**
Lúcio Gomes Machado

- 27** **DOCO-MEÇO: ANOTAÇÕES PARA UMA MEMÓRIA
DO DOCOMOMO BRASIL ENTRE 1992 E 2008**
Hugo Segawa

- 49** **COMO UM FILME DE TATI: RELATOS DA GESTÃO 2014 – 2015**
Sônia Marques

- 53** **COMUNICAÇÃO, CAMPANHAS E ARTICULAÇÃO INTERNACIONAL**
Fernando Diniz Moreira, Ana Holanda Cantalice; Maria de Fátima Barreto Campello,
Maria Luíza Macedo Xavier de Freitas e Natália Miranda Vieira

- 57** **O SANTO GUERREIRO CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE**
Renato da Gama-Rosa Costa

- 63** **DOCUMENTAR, CONSERVAR E CONECTAR**
Alcília Afonso Albuquerque e Melo

Artigos

- 73** **O RESTAURO DO MOBILIÁRIO MODERNO DE KARL HEINZ BERGMILLER PARA
O PALÁCIO ITAMARATY**
Fernanda Freitas Costa de Torres, Frederico Hudson Ferreira e Ana Claudia Maynardes

- 85** **A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PESSOAIS E A CONSTRUÇÃO DO
LUGAR CONCEITUAL E FÍSICO**
Jéssica Souza e Karina Pimentel

- 99** **CHALÉS MODULADOS NA GUARAPIRANGA:
UM CAMINHO PARA A PRÉ-FABRICAÇÃO**
Roberto Alves de Lima Montenegro Filho

- 119** **ARQUITETO CLÁSSICO NA MODERNIZAÇÃO DO RECIFE**
Fernando Diniz Moreira e Karine Cortez Filho

DOCOMOMO BRASIL EM PERSPECTIVA

A representação brasileira do DOCOMOMO foi criada em 1992, quatro anos depois da fundação do DOCOMOMO International, em Eindhoven, nos Países Baixos.

A iniciativa do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia visava contribuir para a valorização de nossa modernidade arquitetônica, urbanística e paisagística, tendo como emblemas a pesquisa, a documentação, a conservação e a troca de experiências entre diversos agentes sociais, para além da Academia.

Transcorridas três décadas, o DOCOMOMO se encontra presente em mais de setenta países.

Podemos afirmar, sem hesitação, que nossa atuação mantém o mesmo espírito de todas e todos que estiveram à frente da coordenação do DOCOMOMO Brasil nestes 30 anos. Continuamos comprometidos com os desígnios e os desafios atrelados à documentação e conservação do Movimento Moderno, por meio da criação de núcleos regionais, da organização dos seminários nacionais e regionais, das representações em conselhos, sempre em diálogo com o DOCOMOMO International.

Nessa jornada, estamos presentes em praticamente todo o território nacional e contamos com uma ampla rede de filiados, fato a tornar o DOCOMOMO Brasil a segunda maior representação em termos globais. Além disso, não medimos esforços para defender o patrimônio moderno, contribuindo para suplantar a brutalidade e ignorância em relação à cultura, que têm caracterizado o tempo corrente.

Os acontecimentos do dia 8 de janeiro, marcados pela vandalização dos símbolos da democracia em Brasília, retratam os desafios que ainda precisam ser enfrentados. A defesa do estado democrático de direito é uma tarefa urgente, tão necessária quanto a salvaguarda do nosso patrimônio artístico e arquitetônico, entendido como a consolidação de saberes em distintos campos do conhecimento. É preciso reconhecer a importância e o significado das múltiplas contribuições que singularizam a modernidade brasileira.

Para superar as adversidades, contamos com a contribuição voluntariosa de diversos núcleos regionais: Bahia-Sergipe (BA/SE), Brasília, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (DOCOMOMO Sul). Ao longo de três décadas, estes núcleos têm desempenhado um papel crucial para estimular novas frentes de trabalho, por meio da proposição de uma ampla gama de atividades, entre as quais informativos, inventários, guias de arquitetura, denúncias às ameaças ao patrimônio moderno, publicações, debates e seminários regionais, organizados bianualmente para reforçar as questões propostas pelos seminários nacionais, realizados com igual periodicidade nos anos subsequentes.

Levando-se em consideração a questões supramencionadas, a edição comemorativa dos trinta anos do DOCOMOMO Brasil encontra-se organizada em duas seções: **memória** e **artigos**.

A seção **memória** apresenta textos produzidos pelos ex-coordenadores do DOCOMOMO Brasil. O foco da temática é abrangente, muito embora centrado no contexto específico de cada gestão e nos percalços e conquistas enfrentados.

Organizados em ordem cronológica, os artigos se tornam a um só tempo testemunho e estímulo à continuidade de nossas atividades.

O artigo **Há 30 anos...** abre a presente edição da *Revista DOCOMOMO Brasil*. Nele, Anna Beatriz Ayrosa Galvão recupera os bastidores da criação da representação brasileira do DOCOMOMO e os seus primeiros anos na Bahia, sediado no então Mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), entre 1992 e 2000. O relato destaca a construção de um trabalho coletivo, ancorado nas diferentes regiões do país, para assim configurar uma participação respeitada na rede internacional.

O período formativo do DOCOMOMO Brasil: relato de uma experiência pessoal, de Ângela West Pedrão, apresenta um testemunho sensível dos embates pela criação da seção brasileira do DOCOMOMO. O depoimento discorre sobre a formação de uma ampla rede de pesquisadores, espalhados pelo país, e os desafios suplantados em prol da produção e difusão de conhecimentos sobre a modernidade brasileira, valendo-se da promoção de publicações e de eventos científicos de alcance nacional e internacional.

Sobre o DOCOMOMO Brasil, de Lúcio Gomes Machado, enaltece a consolidação da seção brasileira e recupera as discussões da sexta conferência do DOCOMOMO International, realizado em Brasília na virada do milênio, essenciais para o reconhecimento do valor de uma geração de pioneiros desconhecida por uma parcela significativa de participantes. O texto também ressalta a contribuição prestada pelo DOCOMOMO Brasil para a salvaguarda de edifícios e conjuntos significativos ao patrimônio moderno brasileiro.

Em **DOCO-MEÇO:** anotações para uma memória do DOCOMOMO Brasil entre 1992 e 2008, Hugo Segawa faz um balanço meticuloso dos primeiros anos de atuação de nossa organização. Merecem destaque as discussões empreendidas para a ampliação do escopo do DOCOMOMO International, o reconhecimento de um olhar próprio sobre nossas realidades – o que atualmente se reconhece como pensamento decolonial – e a segunda consolidação do Estatuto da Associação de Colaboradores do DOCOMOMO Brasil de 2008, ainda em vigor.

No artigo **Como um filme de Tati:** relato da gestão 2014-2015, Sônia Marques assinala o desejo de ampliar a ancoragem do DOCOMOMO Brasil para além do universo acadêmico e institucional. Para garantir sucesso em tal desafio, Marques defende a relação de eventos em locais correlacionados com a produção moderna, mas fora do ambiente universitário. Neles, a participação de um público diversificado poderia sensibilizar a sociedade para a necessidade de se documentar e conservar o patrimônio moderno. Fica a dica.

Fernando Diniz Moreira, Ana Holanda Cantalice, Maria de Fátima Barreto Campello, Maria Luíza Macedo Xavier de Freitas e Natália Miranda Vieira ponderam, em **Comunicação, campanhas e articulação internacional,** as atividades empreendidas na gestão 2016-2017. O artigo divide em três grandes frentes os desafios enfrentados. O primeiro deles remete às atividades de comunicação entre os associados. O segundo, ao engajamento em ações contrárias às demolições e descaracterizações de edifícios e conjuntos significativos da modernidade brasileira. Por fim, o terceiro desafio refere-se à colaboração com o DOCOMOMO International, de modo a reforçar o nosso papel na rede.

O dragão da maldade contra o santo guerreiro, de Renato Gama-Rosa Costa, coordenador em duas gestões sucessivas, percorre os tempos sombrios decorridos

após o golpe deflagrado contra a presidenta Dilma Roussef e os três primeiros anos do mandato de Jair Bolsonaro. Além de rememorar as agruras decorrentes da pandemia, o texto expõe as ações empreendidas para salvaguardar nosso patrimônio ante as ameaças de demolição, descaracterização, intervenção ou fechamento de instituições de pesquisa e órgãos patrimoniais.

Por fim, Alcília Afonso de Albuquerque e Melo, em **Documentar, conectar e conservar**, apresenta um resumo do primeiro ano de atividades à frente do DOCOMOMO Brasil. O texto ressalta a contribuição de jovens pesquisadores ligados ao recém-instituído DOCO-jovem, a participação colaborativa das representações estaduais e a utilização de ferramentas digitais para ativar discussões relacionadas ao futuro de nossa associação, sempre em defesa da documentação e conservação do patrimônio moderno.

A seção **artigos** reúne quatro contribuições inéditas, selecionadas mediante revisão e complementação solicitadas pelos pareceristas, em avaliação duplo-cega. Temos, ao final deste processo, uma pequena amostragem dos temas do debate contemporâneo sobre o Movimento Moderno, entendido em suas múltiplas significações e especificidades, em torno da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo, em diálogo com diversos campos do conhecimento.

O **restauro do mobiliário moderno de Karl Heinz Bergmiller para o Palácio Itamaraty**, abre a seção **artigos**. O texto de Fernanda Freitas Costa de Torres e Frederico Ferreira busca contribuir para a difusão da história do design brasileiro valendo-se do mobiliário desenvolvido por Karl Heinz Bergmiller para compor os ambientes administrativos do Palácio Itamaraty, em Brasília, nas décadas de 1960 e 1970. Para tanto, foram examinados desenhos, fotografias e analisados os métodos de produção da época, com o suporte da Oficina Escola de Restauro de Mobiliário Moderno do Instituto Federal de Brasília.

O ensaio **O diálogo entre a construção do lugar conceitual e físico, e a construção de identidades**, de Jéssica Souza e Karina Pimentel, assinala a importância da arquitetura e do urbanismo na promoção de lugares fluidos e inclusivos, capazes de possibilitar uma relação saudável para todos os usuários. A fim de evidenciar uma nova atitude, as autoras investigam a relação entre os objetos arquitetônicos e a construção de identidades e realizam uma tentativa de classificar as interações entre a arquitetura e as capacidades da psique, os sentidos, a memória e o espaço-tempo.

Chalés modulados na Guarapiranga: um caminho para a pré-fabricação, de Roberto Alves de Lima Montenegro Filho examina a concepção proposta por Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira para o Clube de Campo de São Paulo, indicando um caminho que incorpora a racionalização e a pré-fabricação no contexto da industrialização e produção da construção civil nacional nos anos 1960. A opção construtiva, apresentada como alternativa viável em pequena escala, ilustra os percalços de nossa industrialização tardia, ocasionalmente superada com apoio do poder público.

O artigo **Arquiteto clássico na modernização do Recife** fecha a presente edição da Revista DOCOMOMO Brasil. Nele, Fernando Diniz e Karine Cortez recuperam a trajetória do italiano Giacomo Palumbo. Como recorte de uma pesquisa que procura resgatar sua produção no Recife, os autores analisam sua atuação a partir dos anos 1930, quando a cidade atravessa um processo de modernização com o estabelecimento de profissionais alinhados ao Movimento Moderno, como Luiz Nunes, e com intensas discussões urbanísticas que levaram à remodelação do centro durante o Estado Novo.

EDITORIAL

Por fim, aproveitamos a oportunidade para reiterar nosso compromisso com a documentação e conservação do patrimônio moderno brasileiro, especialmente nos campos da arquitetura, urbanismo e paisagismo. Que a leitura dos artigos possa estimular a produção de novos conhecimentos, contribuindo de modo inequívoco para a difusão e salvaguarda da cultura brasileira.

Salve os 30 anos do DOCOMOMO Brasil!

Helio Herbst | (PROARQ UFRJ - UFRRJ)

Marta Silveira Peixoto | (PROPAR UFRGS)

Ricardo Alexandre Paiva | (PPGAU+D UFC)

HÁ 30 ANOS...

Anna Beatriz Ayroza Galvão

Doutora, UFBA, annabgalvao@gmail.com,

Coordenadora geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 1992-1996 e 1999-2000

Estamos em 2022. Neste ano comemoramos os 30 anos do DOCOMOMO Brasil. Foi um longo percurso, com momentos bem distintos, mas ricos de aprendizagem e marcados pelo mesmo ideal de melhor conhecer a produção arquitetônica e urbanística do Movimento Moderno, dentro de uma ótica preservacionista. Foram tantas histórias, olhares diversos, interlocuções e embates, que certamente poderiam gerar um livro. Fica aqui a sugestão.

Por ora, no entanto, a proposta é, através de alguns relatos, apresentar seu ponto de partida, isto é, sua origem e seus primeiros anos na Bahia, entre 1992 e 2000, quando o DOCOMOMO Brasil estava hospedado no então Mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), hoje o PPGAU/UFBA - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Foram anos de construção de um trabalho coletivo, que pretendia estar ancorado nas diferentes regiões do país para que assim configurasse nossa participação na rede Internacional DOCOMOMO. Para melhor entender esse processo de constituição do DOCOMOMO Brasil e, portanto, expor as bases concretas – “sapatas” e “fundações” – que sustentaram todas as suas ações nesses 30 anos, é interessante que algumas passagens ou fatos sejam colocados, como registros de memória.

Primeiramente é importante situar o DOCOMOMO Internacional, fundado em 1988 na Holanda, com apoio da Universidade de Eindhoven, por um pequeno grupo de europeus de diferentes formações e vivências profissionais, liderados pelos arquitetos Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge. Todos eram unânimes em manifestar a preocupação de que, naquele momento, a arquitetura do Movimento Moderno estava ameaçada e precisava ser revalorizada. Para tanto, ela deveria ser reconhecida, devidamente documentada e bem gerida pela sociedade em geral e, quando necessário, receber intervenções corretas de conservação. Desde então buscaram ampliar o número de participantes deste grupo, através de contatos com possíveis interessados na “causa” em outros países. Brasil era um desses alvos, tendo sido central a participação do arquiteto holandês Paul Meurs, responsável por divulgar entre nós a nova ONG internacional, através de suas conexões com pesquisadores e arquitetos brasileiros. No entanto, dessas pessoas contatadas, a coordenação Internacional nunca obteve sinal de interesse para se integrarem à rede, nem mesmo para apresentação de trabalhos em sua 1ª Conferência Internacional (Eindhoven/Holanda, 1990). Durante este evento, em paralelo, aconteceu a primeira reunião do Conselho do DOCOMOMO Internacional, quando foram estabelecidas suas primeiras normativas. Este passa a ser o espaço de encontro dos membros filiados para tratarem de questões operacionais da rede, para a definição dos futuros eventos, assim como para a constituição de grupos temáticos e trabalhos conjuntos.

Desconhecendo esse contexto, tive um trabalho selecionado para a 2ª Conferência Internacional (Dessau/Alemanha, 1992). Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pude participar do evento e apresentar um artigo sobre a preservação da Casa Modernista da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchavchik (1). Foi lá que conheci a pesquisadora Marta Camisassa, que foi à conferência de Dessau a partir de informações vindas da Inglaterra, onde desenvolvia seu Doutorado.

Era ainda um encontro bastante restrito, revelando uma rede ainda em formação. A única apresentação de trabalho fora da Europa foi a brasileira. Suas representações nacionais no Conselho, no entanto, já eram mais diversificadas e enfrentavam o desafio de formulação de princípios e conceitos para a documentação da arquitetura moderna no século XX, em função da diversidade de entendimentos sobre o Movimento Moderno, já percebida entre os membros. Como lidar com as diferentes culturas, estruturas institucionais e visões de seus membros? Um grande aprendizado se colocava pela frente.

No decorrer dessa II Conferência, recebi um pedido de Henket e Wessel de Jong para assumir a representação brasileira, que só aceitei na condição de coordenadora provisória, mas comprometida em participar da sua estruturação. FOTO 1. De volta ao Brasil, apresentei a proposta à Faculdade de Arquitetura da UFBA, instituição onde, na época, desenvolvia meu Mestrado e que concordou em sediar o DOCOMOMO Brasil, enquanto se avaliava sua representação definitiva. Nesse momento foi colocada a ideia básica que nortearia nosso trabalho, de que esta deveria ser uma representação brasileira, e não de um grupo de brasileiros. Para tanto, o primeiro desafio colocado era vencer os limites de comunicação da época, através de correios, telefonemas e pelos raros aparelhos de fax, lembrando que os textos e cartas eram todos datilografados. A intenção era localizar e fazer um levantamento de pessoas interessadas na temática do Movimento Moderno no país. Uma das primeiras manifestações veio de Abílio Guerra, que, como editor, traduziu artigos do DOCOMOMO Journal para a Revista Ócullum, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCampinas). Foi fundamental o apoio vindo de Hugo Segawa, que disponibilizou seus contatos e passou a acompanhar os trabalhos da Bahia. Porém eram poucos os retornos que recebíamos. Ao mesmo tempo, havia urgência para se realizar a tarefa comum colocada pelo DOCOMOMO Internacional, para testar sua metodologia para inventariar exemplares da arquitetura moderna. Foram, então, acionados contatos com pesquisadores-arquitetos já conhecidos da equipe UFBA, que aceitaram participar generosamente desse projeto-piloto, resultando na seguinte composição: José Pessoa (Rio de Janeiro); Geraldo Gomes da Silva (Recife); Mirthes Baffi, Walter Pires e Clara d'Alambert (São Paulo); Paulo Pontes (Belo Horizonte); Angela Pedrão e Anna Beatriz Galvão (Salvador). O trabalho final foi apresentado na III Conferência Internacional (Barcelona/Espanha, 1994), que, juntamente com a produção dos demais países, serviu de guia para reformulação e ajustes das fichas e diretrizes para o inventário do DOCOMOMO. Para esse terceiro encontro, além do inventário-piloto, foi feita uma divulgação nacional mais ampla, que resultou numa maior participação de brasileiros no evento. Além disso, também levamos ao Conselho a proposta de criação de um Comitê Internacional de Especialistas em Urbanismo, a partir de documento encaminhado pelos professores Ana Fernandes e Marco Aurélio Gomes, do PPGAU/UFBA, aprovado por unanimidade. Enfim, a coordenação brasileira saiu do encontro fortalecida e com um convite para

ser coeditora do DOCOMOMO Journal de 1995, que foi dedicado à América Latina.

Numa avaliação pós-Barcelona, reconheceu-se que a rede brasileira ainda precisava ser ampliada para que, de fato, fosse representativa. Esta ideia levou o grupo de pesquisa do PPGAU/UFBA vinculado ao DOCOMOMO Brasil (Naia Alban, Olivia de Oliveira, Ângela Pedrão e Anna Beatriz Galvão) a organizar em Salvador um seminário nacional em 1995: o I Seminário DOCOMOMO Brasil, com o tema "Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno" FOTO 2. Foi um evento apoiado pelo CNPq e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), num formato de seção única e com quatro conferencistas convidados: Aracy Amaral, Otilia Arantes, Roberto Segre e Jorge Francisco Liernur. O resultado foi surpreendente pelo número de interessados e trabalhos inscritos (provenientes de pesquisas acadêmicas e de órgãos de preservação), mas também pelo rico debate, fruto de diferentes visões e expectativas sobre a arquitetura moderna e sua preservação, que infelizmente não se repetiu nas outras versões. Esse seminário foi, provavelmente, o primeiro evento, depois de anos, a retomar a discussão sobre arquitetura no país, apontando a então carência de um fórum para pesquisadores da área. A partir dos seminários e de uma composição dos trabalhos inéditos apresentados foi publicado pela UFBA o livro "(Re)Discutindo o Modernismo", organizados por Luiz Antonio Fernandes Cardoso e Olivia de Oliveira.

E assim, o DOCOMOMO Brasil passou a organizar bianualmente seus seminários nacionais, onde identificamos uma predominância de trabalhos acadêmicos (biografias, valorações e revisões da história da arquitetura brasileira). Gradualmente houve um afastamento das práticas preservacionistas do país.

Seguindo esses passos, também foram realizados seminários regionais, como o do Vale do Paraíba, o de São Paulo, o do Sul e o do Norte-Nordeste, entre outros. Em meio ao importante viés acadêmico que passou a delinear as ações do DOCOMOMO Brasil, é interessante destacar uma experiência pioneira do grupo paulista, que foi a promoção de debates públicos sobre exemplares canônicos da arquitetura modernista que estariam ameaçados de destruição (Museu de Arte de São Paulo – MASP, Casa Modernista da Rua Santa Cruz, Parque do Ibirapuera, Parque da Cidade de São José dos Campos), tendo a participação de diferentes segmentos da sociedade e não apenas de arquitetos. Infelizmente essa prática ainda não foi consolidada.

Em paralelo aos eventos, o DOCOMOMO Brasil manteve em diferentes estados (e ainda mantém), ações de inventário e reconhecimento de sua arquitetura moderna, o que gerou a criação de guias locais de Arquitetura Moderna, assim como de Núcleos Regionais, como o da Bahia, de São Paulo, de Pernambuco, da Paraíba, do Piauí, do Rio de Janeiro, etc.

Em 1996 a coordenação nacional foi assumida por Ângela West Pedrão, do PPGAU/UFBA, que, até o início do ano 2000 assegurou a expansão da rede e preparou o processo de transferência e circulação do DOCOMOMO Brasil entre outras instituições do país. Nesse período, já com o uso consolidado da internet, que definitivamente facilitou nossos padrões de comunicação, os eventos nacionais que aconteceram foram: o II Seminário DOCOMOMO Brasil (Salvador, 1997), na FAUFBA, sob a mesma coordenação do I Seminário, onde aconteceu a excepcional sessão de depoimentos com a presença de Carmen Portinho (RJ), Antonio Baltar (PE) e Walter Gordilho (BA)

FOTO 3. Dois anos depois, já fora da Bahia, tivemos o concorrido III Seminário DOCOMOMO Brasil (São Paulo, 1999), sob a coordenação de Mirthes Baffi, durante a Bienal de Arquitetura de São Paulo. Quanto aos inventários, estes continuaram a ser produzidos nas várias regiões do país, não mais unicamente para responder às tarefas do DOCOMOMO Internacional, mas principalmente como ferramenta para reconhecimento e análise da produção de arquitetura e conjuntos modernistas ainda por serem revelados, gerando um material inédito, que precisaria ser processado e disponibilizado pelo DOCOMOMO Brasil para consulta.

Na esfera internacional, o Brasil se destacou não apenas pelo grande número de membros filiados e de trabalhos acadêmicos inscritos, mas também pelo envolvimento de alguns de seus membros com ações estratégicas para a consolidação do DOCOMOMO Internacional: Marco Aurélio Gomes, como coordenador do Comitê de Especialistas em Urbanismo; Hugo Segawa, como interlocutor com países da América Latina; Frederico de Holanda e Sylvia Ficher da Universidade de Brasília (UnB), que juntamente comigo e Alejandra Muñoz, da UFBA, organizaram e viabilizaram a VI Conferência do DOCOMOMO Internacional em Brasília, no emblemático ano 2000. Com o título *The modern city facing the future*, esta foi a primeira conferência fora do território europeu e que, enfim, trazia a questão urbana como tema central do evento internacional. Na ocasião, foram organizados MOMO Tours em outras capitais, sempre acompanhados de membros do DOCOMOMO Brasil.

Nesse momento, o DOCOMOMO Brasil tomou novos rumos e numa assembleia realizada durante o encontro de Brasília, a coordenação nacional foi transferida para o professor Lucio Gomes Machado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), de acordo com nosso regimento. A partir de então vem circulando por diferentes regiões do país, marcando uma bela trajetória e tendo à frente de sua coordenação consagrados nomes da história da arquitetura brasileira: Hugo Segawa, Carlos Eduardo Comas, Claudia Cabral, Sonia Marques, Luiz Amorim, Fernando Diniz, Renato da Gama-Rosa Costa e, agora, Kaki Afonso. Quantas histórias ainda por contar!

Hoje o DOCOMOMO Brasil chega aos seus 30 anos, fortalecido pelos seus eventos, que certamente explicam o aumento significativo de teses e dissertações em todo o país que versam sobre a temática modernista. Nos órgãos de preservação, apesar de certa abertura para a valorização do patrimônio moderno, ainda existe um caminho a ser percorrido principalmente no âmbito das técnicas restaurativas e nas práticas de conservação, mas que vem sendo suprido por parcerias com empresas especializadas e com universidades, como a recente e polêmica intervenção na FAUUSP, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Porém, para além de tais questões técnicas ou acadêmicas e aproveitando da "pausa" dos 30 anos, é sempre fundamental que se faça um balanço e uma atualização de nossos trabalhos nesse momento. O desafio ainda é o enfrentamento de questões-chave. Qual o papel de uma organização como o DOCOMOMO Brasil nos dias de hoje? Qual sua real importância nesses tempos de intolerância e disputas desmesuradas, de censuras estéticas e repressões?

Talvez não seja o momento de se olhar apenas para a excepcionalidade de uma perdida arquitetura erudita, mas também se abrir para entender o fenômeno de "querer parecer moderno e novo" que ainda assola nosso mundo. Talvez seja o momento de tomarmos a ideia de se conhecer um

Brasil desconhecido, diverso e complexo através de sua arquitetura tanto a erudita, quanto a popular, tanto a de qualidade artística e construtiva, quanto a meramente formalista. Somos um país “condenado ao moderno”, como afirmava Mario Pedrosa? Que fenômeno é esse que povoou o Brasil de Norte a Sul? Existe uma interlocução possível com outros setores da sociedade, nos moldes dos debates pioneiros de São Paulo? Seria possível a convivência de tanta diversidade numa única organização como o DOCOMOMO Brasil? No Seminário DOCOMOMO Brasil de Recife (2016) foram exploradas novas interlocuções, com outras áreas de conhecimento.

Repassando as histórias e expectativas presentes nas origens do DOCOMOMO Brasil, vejo ainda preservada uma base sólida, capaz de suportar reajustes necessários de percursos:

Tratava de uma proposta de restauração da casa de Warchavchik, desenvolvida em 1984 durante o Curso de Especialização em Conservação e Restauro da FAUFBA. Com a arquiteta Mirthes Baffi e seu tema da Marquise do Ibirapuera, arriscamos, na dúvida se seriam aceitos pela coordenação do CECRE, propor o restauro desses dois exemplares da arquitetura moderna de SP. Foram os primeiros trabalhos de preservação da arquitetura MOMO brasileira apresentados no Curso. Niemeyer todos conheciam, mas Warchavchik era desconhecido da maioria fora de SP, o que me levou a escrever, anos depois, um artigo sobre ele e sua casa na “Revista RUA” do Mestrado FAUFBA. Foi esse artigo, levado à Holanda por Paul Meurs, que incluiu meu nome no mailing do DOCOMOMO Internacional e, incentivada por Ana Fernandes, Anete Araujo, Odete Dourado, professoras do PPGAU, e pelos debates com os alunos do coletivo Vão Livre, acabei acatando o desafio de encaminhar o resumo selecionado para a II Conferência Internacional, em 1992. E lá se vão mais de 30 anos...

Figura 1: Reunião do Conselho Internacional, Bauhaus, Dessau, 1992
(Wessel d Jonge, Hubert-Jan Henket, Christopher Dean)



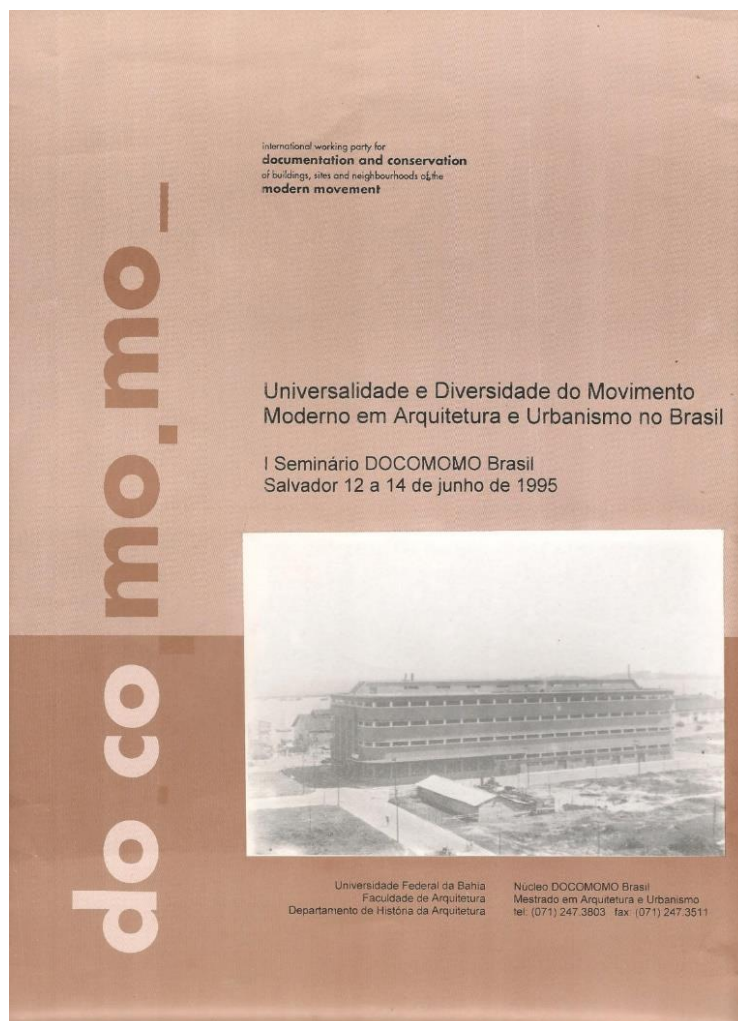
Fonte: Acervo da autora.

Figura 2: Reunião do Conselho Internacional, Bauhaus, Dessau, 1992



Fonte: Acervo da autora.

Figura 3: Cartaz I Seminário DOCOMOMO Brasil, FAUFBA, 1995



Fonte: Acervo da autora.

Figura 4: II Seminário DOCOMOMO Brasil, 1997
Naia Alban, Olívia de Oliveira e Anna Beatriz Galvão



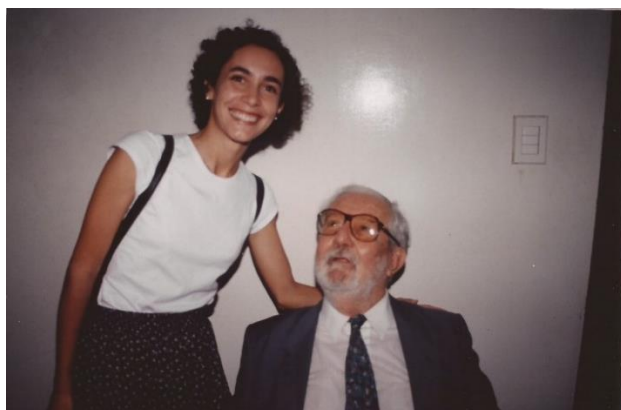
Fonte: Acervo da autora.

Figura 5 e 6: II Seminário DOCOMOMO Brasil, 1997
Nabil Bonduki e Mirthes Baffi / Hugo Segawa e a homenageada Carmen Portinho



Fonte: Acervo da autora.

Figura 7: II Seminário DOCOMOMO Brasil, 1997
Ângela Pedrão e o homenageado Antônio Balthar



Fonte: Acervo da autora.

O PERÍODO FORMATIVO DO DOCOMOMO BRASIL

relato de uma experiência pessoal

Ângela West Pedrão

*Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Território Ambiente e Sociedade da Universidade (PPGTAS) Católica do Salvador,
angela.pedrao@ucsal.edu.br*

Coordenadora geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 1997-1998

Em perspectiva, meu interesse e motivação em participar no recém formado DOCOMOMO Brasil se deu pelas questões teóricas postas por esta iniciativa, que me pareceu de certa forma inusitada. Para a então jovem egressa da graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFBA que havia participado como estagiária em pesquisa da história urbana da cidade colonial do Salvador, na Bahia, a noção de que alguns dos edifícios e conjuntos urbanos que haviam sido responsáveis pela transformação abrupta, sem dúvida deliberada, e às vezes até violenta desta cidade, agora necessitavam de um olhar de apreço e cuidado, assim como de ações que pudessem garantir sua permanência, era original. Como estudante do mestrado da mesma universidade, as elucubrações estruturantes postas pela questões teóricas levantadas sobre o moderno não constavam na minha experiência pessoal como história, mas como parte formativa e indelével da minha pessoa e da minha identidade profissional. Se tratava de pensar o moderno como "velho".

Achei fascinante o problema de se manter, preservar a arquitetura moderna, que foi em sua origem elaborada para pertencer ao seu momento histórico, para incorporar as funções necessárias de seu tempo, e de continuar existindo enquanto fosse útil. Com a criação do DOCOMOMO a existência da arquitetura moderna então não pertence mais a sua razão de ser, mas passa a ser contida dentro de um novo contexto que reavalia sua natureza determinando parâmetros de existência para sua permanência. Sempre me pareceu exata a afirmação de Wessel de Jonge, que comparava o se conservar da arquitetura moderna com a tentativa de se manter um copo descartável. A intenção daquele objeto presumivelmente se esgotaria no imediatismo de seu uso. Dito isto, hoje é claro temos uma visão imbuída do sentido de responsabilidade da arquitetura pelo consumo de meios e materiais para seu vir a ser. Exatamente desta forma se renova o contexto dentro do qual o meio construído existe.

O moderno traz embutida também a reafirmação do regular, ou do mundano, como valor. A possibilidade da repetição, modularidade e de conjunto como riqueza, em contraposição a excepcionalidade do individual. Estas são questões que entram em atrito com preceitos considerados clássicos até então na conservação e nas políticas de preservação por organismos de referência internacionais, que sem dúvida contribuíram para moldar políticas de preservação no âmbito doméstico de inúmeras nações. Esta vertente não é nova, mas sem dúvida a questão do

moderno traz a revisão destes princípios com urgência. Iniciativas estas que implicam também na determinação e destino de fundos para o suporte de campanhas de conscientização e de preservação dos monumentos modernos. Um dos eventos que me pareceu singular nos vários anos de apoio ao DOCOMOMO, e não me recordo em qual ano isso ocorreu, foi uma entrevista que dei para uma revista dedicada ao leitor estudantil de nível secundário. O tema suscitou curiosidade, e era apresentado como uma pauta futura do candidato à arquitetura. Na outra ponta desta experiência estiveram as primeiras campanhas em que participamos. Em alguns casos se tratava da informação, da educação e do esclarecimento público sobre aquelas obras existentes na cidade. Contribuições estas que se deram através de cartas, jornais e publicações acadêmicas.

Por meio destas iniciativas o DOCOMOMO começou a se tornar um nome reconhecido. No caso de campanhas de alertas (sobre demolição iminente), da necessidade de preservação e conservação de edifícios existia o apoio do escritório internacional, o nacional e de forma decisiva os grupos locais que traziam as pautas a se prestar atenção. Este trabalho coordenado trouxe peso e visibilidade ao grupo, não somente no Brasil como em outros países, e a apreensão desta capacidade de agir e reagir em conjunto foi benéfica a consolidação da entidade.

Minha entrada no DOCOMOMO Brasil se deu através do convite gentil de Anna Beatriz Galvão, que era pesquisadora do então Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Até efetivamente o ano 2000 fiz parte ativa do grupo. Durante um período presidi como coordenadora o DOCOMOMO Brasil, mas o fato é que sempre nos movemos em equipe, em conjunto. Em certo momento tivemos tantas responsabilidades que meu mestrado ficou em segundo lugar, e esta atividade nunca deixou de ser voluntária. O edifício onde o núcleo estava localizado era um anexo projetado por Lelé (João Filgueira Lima), ao conjunto de principal de edifícios projetado por Diógenes Rebouças. Nossa instrução diária se dava dentro de espaços pensados por mestres da arquitetura moderna, de Salvador. A escola contava então com um seleto grupo de professores que discutiam a questão da preservação da arquitetura com erudição, dedicação e desenvoltura. A experiência internacional era colocada em contraposição a nossa vivência da cidade, desenvolvendo um pensamento crítico sobre suas riquezas, suas dificuldades, potencialidades e impossibilidades.

A ideia mirabolante de Anna Beatriz de trazer a sede brasileira para Salvador do totalmente desconhecido DOCOMOMO encontrou imediato entusiasmo e apoio. A coordenação concordou em que eu pudesse dedicar algumas de minhas horas como estudante para prestar apoio, no que então se configurava como o início da catalogação da arquitetura moderna em Salvador e no Brasil (o famoso Register), que tinha como principal objetivo a defesa da inclusão da categoria do patrimônio moderno pela UNESCO.

A diretora do mestrado era Ana Fernandez, que disponibilizou recursos da escola na forma do apoio de funcionários, do espaço, uma sala para nosso

uso, e quando o momento se apresentou, também um computador. Os primeiros documentos foram redigidos com máquina de escrever, e alguns documentos tiveram um original em papel. Muitas contribuições dentro do território nacional se deram pelo envio de documentos e de fotografias via correio de superfície. Um sem número de comunicações se deram por fax (ao qual eu devia pedir acesso na diretoria em certos horários). É importante acrescentar estes dados para entender como a dinâmica de se costurar uma rede de pesquisadores no país, e da comunicação destes com as instâncias internacionais, tinham um tempo diferente.

Este longo processo da elaboração do inventário contou com um cuidadoso e delicado processo de criação de uma rede de pesquisadores para contribuir nesta empreitada liderado por Anna Beatriz, e eu como fiel escudeira. No Brasil, sempre estive em constante contato com Hugo Segawa e Mirthes Baffi, que sempre deram suporte incondicional desde São Paulo. São inúmeros os nomes que deixo de mencionar, mas estes são os que permitiram que eu pudesse levar a frente as tarefas que se apresentavam continuamente. Este apoio que encontrei se concretizou nos encontros nacionais e nas contribuições internacionais que fizemos. Participei de algumas publicações, organizei seminários e fiz participações no Brasil e em conferências internacionais. Desenvolvi em co-autoria com Anna Beatriz "The Brise-Soleil in Brasil" no Journal 13, um trabalho muito interessante que inclusive contribuiu para uma melhor compreensão e aprofundamento na elaboração do inventário brasileiro. Também pesquisei particularmente a Escola Parque de Diógenes Rebouças, em Salvador, o que resultou em uma apresentação e publicação do trabalho na Revista RUA, sobre a Escola Parque em Salvador.

Devíamos preparar comunicações sobre as atividades do DOCOMOMO Brasil, e então com os ISCs (International Specialists Committees) em formação, apresentar também o avanço na organização destas instâncias, e seus produtos. O inventário (ou o "Register") se movia através do estabelecimento de objetivos precisos, a partir de um formulário pré-estabelecido e com prazos bem definidos. A estrutura de trabalho tinha uma espinha dorsal que não precisava de muita atenção, portanto o esforço se concentrava na conclusão das tarefas e etapas. O sentido de realização era palpável, e a dinâmica híbrida das relações interpessoais e interinstitucionais ganhou desenvoltura. Para os eventos internacionais o Journal, a publicação semestral com temas propostos, permitia o planejamento de pesquisa, discussão e inclusão de tópicos brasileiros relativos a este, numa perspectiva internacional. Junto a estes Journals havia que redigir textos para os "Bulletins", que eram breves comentários das atividades sendo desenvolvidas. Houveram algumas mudanças de formatos. Viemos a adotar também um Boletim nosso para distribuição nacional mais detalhado quanto às atividades de pesquisa levados a cabo, e eventualmente incorporando campanhas. Foi surpreendente ver como foram se formando representações locais e até com critérios próprios, alguns com recortes específicos como foi o caso da representação no Vale do Paraíba em São Paulo.

Uma de nossas principais referências foi o catálogo "Brazil Builds" de Philip Goodwin. Uma espécie de cristalização notória da experiência moderna brasileira editada pelo MOMA para a exposição do mesmo nome de 1943 em Nova Iorque. Tínhamos total e absoluta consciência que assim como o livro de Yves Bruand, o célebre "Arquitetura Contemporânea no Brasil" de 1981, se tratava de uma visão ainda que muito bem educada; externa. E sabíamos que nosso trabalho deveria dar apoio ao surgimento de vozes brasileiras para descrever e elaborar sobre a arquitetura moderna, dentro da realidade brasileira e nos termos estabelecidos por brasileiros.

Um dia ao me debruçar mais detidamente sobre o Brazil Builds percebi para minha surpresa os agradecimentos a Antonio Baltar, um jovem que havia sido uma espécie de guia e motorista para Goodwin. O nome, confirmei depois, se tratava mesmo de um velho amigo da minha família. Vim saber que residia então em Pernambuco. Estava então em curso a organização do II Seminário DOCOMOMO Brasil. Consegui entrar em contato com ele e formalizar o convite para participar deste. Apesar da idade avançada e dificuldade de locomoção, para nossa alegria, aceitou vir a Salvador. Junto com Carmen Portinho na mesa, e Walter Gordilho, nos deram o privilégio de ouvir a experiência pessoal destes expoentes, constituindo este um momento singular naquele seminário. Particularmente a vivacidade e entusiasmo de Portinho relatando sua experiência pós-guerra na Inglaterra e depois do Brasil, então com 92 anos ressoou profundamente.

As informações percebidas na formação do arquiteto naquela escola projetada por Diógenes Rebouças incluíam as ladeiras coloniais com a Casa do Benin de Lina Bo Bardi. Tive a oportunidade de visitar as obras de Bardi junto com o arquiteto Aldo Van Eyck que com sua esposa estiveram em Salvador especificamente interessado em ver este trabalho. Ainda através do DOCOMOMO se formalizaram outras visitas e conexões de arquitetos. Um grupo organizado pelo arquiteto holandês Paul Meurs, uma figura central na concretização do DOCOMOMO no Brasil, composto exclusivamente por arquitetos, urbanistas e paisagistas holandeses, veio pesquisar o desenvolvimento da arquitetura de torres no Brasil, e parte significativa deste passeio foi dedicado a conhecer a arquitetura de Salvador, e mais especificamente o trabalho de Lelé (João Filgueiras Lima).

A pequena e potente equipe do DOCOMOMO Brasil na Bahia contava também com o apoio da arquiteta Naia Alban, que alguns anos depois veio a ser diretora da mesma escola. Outra colaboradora de peso foi a arquiteta Olivia Oliveira, presente enquanto preparava seu celebrado livro editado pela 2G "Lina Bo Bardi, Obra Construída". Outros professores na escola que avançavam esta discussão eram Marco Aurélio Gomes, que junto com Ana Fernandez desenvolveram um grupo de especialistas (ISC) dedicado ao urbanismo moderno no DOCOMOMO. Dentro das influências formativas naquele momento se encontra o Centro Cultural Dannemann em São Félix, Bahia pelo Professor Arquiteto Paulo Ormino. O projeto impressionou pela sua capacidade de reerguer o edifício ao seu contexto, atestando sua origem, mas apontando também a variedade de conexões culturais. Parte

da discussão que se fez presente então era de que maneira a modernidade influenciava na intervenção do conjunto colonial de Salvador. Se encontrava em curso então um amplo projeto no Centro Histórico de Salvador, com interferências pesadas na reorganização de seu espaço e estetização das fachadas para fins turísticos.

Percebo hoje como uma atitude inaugural e visionária a decisão da inclusão de indivíduos e grupos sem distinção institucional, mantendo o critério de interesse por este trabalho como denominador comum. Apesar de a maioria dos pesquisadores serem de origem acadêmica, alguns vieram colaborar por interesse pessoal na causa. Eventualmente, possivelmente o marco foi a Conferência Internacional em Brasília, o DOCOMOMO Brasil se tornou uma entidade reconhecida, respeitada e até disputada no Brasil. Para aqueles interessados e atuantes nos rumos da arquitetura no Brasil, a importância do DOCOMOMO Brasil deixou de se limitar ao contexto do moderno. Possivelmente em razão da arquitetura moderna ser tão representativa da nossa identidade arquitetônica, a rede formada de especialistas profissionais e amadores se tornou referência no universo do pensamento da arquitetura brasileira.

SOBRE O DOCOMOMO BRASIL

Lúcio Gomes Machado

Doutor, FAU-USP, luciogmachado@gmail.com

Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2000-2001

SOBRE O DOCOMOMO BRASIL

A primeira vez que ouvi falar em Docomomo foi durante o 7º SAL – Seminários de Arquitetura Latino-americana organizado na FAUSP pelo Professor Paulo Bruna, com minha colaboração. Muitos arquitetos e historiadores de toda a América Latina com palestras de altíssimo nível e, ainda uma oportunidade rara, naquele tempo, de termos contato com pesquisadores de outros estados. Entre eles, lá estava a Anna Beatriz Ayroza Galvão, divulgando a novidade: o Docomomo e a sua seção brasileira. Para ser sincero, não acreditei que a iniciativa teria futuro. Mas, depois de algum tempo, aderi ao Movimento e acabei sendo eleito Coordenador. Infelizmente, não consegui realizar muita coisa.

Há alguns momentos na História do Docomomo no Brasil que creio merecerem registro. Claro, são pequena história, mas creio ser importante fazerem parte da História.

Em 2000, foi realizado a 6ª. Conferência do Docomomo em Brasília, organizado pelo “missionário” Prof. Frederico de Holanda, com grande dificuldade e pouquíssimos recursos, além um nítido preconceito contra os “subdesenvolvidos”. A conferência foi realizada no Minhocão da Universidade de Brasília, com precariedade de instalações e de manutenção que caracterizam nossas universidades públicas. Reclamações constantes ao organizador e diferenças conceituais vieram à tona

O principal conflito não explícito era a conceituação que pretendiam os fundadores holandeses do Docomomo, restringindo o “Movimento Moderno” aos arquitetos pioneiros europeus das décadas 1920 e 30, colocando o nosso “Moderno” em segundo plano, tanto o tomarem como ser uma consequência da arquitetura do hemisfério norte quanto por conhecerem muito pouco de nossa produção. Evidentemente, desconheciam as obras de nossos pioneiros que estavam absolutamente sincronizados com a produção europeia. Por outro lado, desconheciam também que a arquitetura moderna brasileira teve uma continuidade entre as décadas de 40 e 50 que a Europa não pôde ter, em razão da Segunda Guerra Mundial. Certamente, também desconheciam que, além de alguns arquitetos que tiveram divulgação internacional de suas obras, havia um significativo contingente de profissionais que estavam respondendo ao desafio apresentado por um país que crescia em termos populacionais e em área urbanizada com escala somente observada nos países em desenvolvimento, fenômeno estranho aos europeus que precisaram enfrentar a reconstrução de suas cidades, indústrias e prática profissional. Menos ainda, podiam entender uma arquitetura que havia sido proposta por muitos arquitetos europeus que imigraram em nosso território e aqui produziram um moderno muito peculiar, com conceitos e técnicas construtivas adaptadas à nossa realidade.

Um lamentável episódio foi a programada eleição do Prof. Gerard Monnier para Presidente do Docomomo Internacional, durante a Conferência de Brasília. Além de terem tentado recusar sua contribuição científica para a Conferência, por ocasião da eleição não admitiram que Monier apresentasse sua candidatura em francês, exigindo a língua inglesa que deveria ser a língua oficial do Docomomo. Fomos obrigados a ouvir o grande professor e historiador do Movimento Moderno lendo, com extrema dificuldade, um texto seu traduzido para o inglês. Por que desprestigiar um especialista deste porte em arquitetura moderna?

Mas Brasília, por si só, é sempre um monumental espetáculo! E sua arquitetura foi aos poucos conquistando os holandeses, ao lado dos artigos apresentados por brasileiros e especialistas de outros países, que deixavam claro ser o movimento moderno muito mais abrangente que a estreita visão originária holandesa. Uma surpresa final acabou com qualquer pretensão de hegemonia eurocêntrica: a recepção de encerramento, realizada no terraço de cobertura do Itamaraty, com vista a cavaleiro da Esplanada dos Ministérios e assistindo a um pôr do sol arrebatador, seguido de um recital de piano de Marcelo Bratke com músicas brasileiras. Como sabemos, há poucos edifícios no mundo com a qualidade e a imponência do projeto de Oscar Niemeyer: liquidou a prepotência holandesa.

Um outro acontecimento, bem mais recente, mostrou como o Docomomo pode e deve se mobilizar para a preservação das obras de arquitetura moderna. No final da década de 1990, fui Conselheiro do CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Quando ingressei no Conselho já estava aberto um processo com o arrolamento de 50 imóveis passíveis de tombamento, entre casas e edifícios, cujo exemplar mais antigo era a Vila Penteado, projetada pelo Arq. Carlos Ekman em 1902, e que fora a partir da década de 50, a sede da FAUUSP. O relator do processo, Arq. Victor Hugo Mori propôs um critério para vincular os imóveis; proporcionar a visualização de uma história da habitação burguesa no século XX. Alguns imóveis foram descartados e um conjunto muito significativo de imóveis, com ênfase em edifícios modernos de apartamentos. Na discussão sobre quais e porque os imóveis deveriam ou não serem tombados, o Docomomo não pode estar presente.

Pouco tempo depois, propus o tombamento da Praça Vilaboim, situada na frente do Edifício Louveira, importante obra de João Villanova Artigas e Carlos Cascaldi. Essa praça de forma triangular, que é fundamental para que esse edifício possa ser admirado e compreendido, já tinha uma de suas faces verticalizada enquanto a outra estava ainda ocupada por uma série de sobradinhos em fase de transformação em lojas. O tombamento proposto referia-se à escala da praça, com a manutenção da baixa altura dos sobradinhos, e à vegetação exuberante existente em seu centro. Depois de um longo período o DPH - Departamento do Patrimônio Histórico, órgão técnico de apoio ao CONPRESP, propôs a limitação do gabarito de novas construções em toda a quadra onde se situa o Edifício Louveira em 10m.

Há cerca de dois anos, um arquiteto com certa relevância na área da Preservação foi contratado para projetar um edifício de apartamentos com altura significativa, em terreno lindeiro do Edifício Louveira, onde existe uma casa que não havia sido tombada pelo processo acima mencionado. Uma agravante é que uma das características fundamentais do projeto tombado que é a existência de um jardim entre os dois blocos do conjunto, configurando um prolongamento espacial da praça em termos de

ambiência e de vegetação. Evidentemente o edifício projetado configuraria um paredão que limitaria a continuidade espacial. Uma das alegações que o mencionado arquiteto mencionou em favor de sua proposta é que seriam construídos terraços com vegetação, o que teria efeito semelhante ao ambiente existente. Com uma manobra que se mostrou ilegal, conseguiu modificar o gabarito da quadra e aprovar o projeto pelo CONPESP.

O fato provocou justificada comoção entre os moradores do Edifício Louveira e na população do bairro, os quais procuraram o auxílio de professores, arquitetos e também de entidades como o ICOMOS e o Docomomo para reverter a aprovação do Conselho. Ao lado de pareceres de técnicos do DPH e de pesquisadores de história do bairro, o Docomomo apresentou um parecer fundamentado demonstrando a absoluta inconveniência da aprovação do projeto. Felizmente, conseguimos a reversão da decisão. No caso ficou clara a importância da participação do Docomomo e o seu peso como instituição para a reversão, embora vários conselheiros tenham relutado muito e rever seu voto.

A partir desta experiência, ficou clara para mim a importância de tornar o Docomomo mais visível para a sociedade, com participação mais ativa na discussão dos espaços urbanos e na defesa da preservação do patrimônio modernos, o que pode ser perfeitamente exercido concomitantemente com a permanente discussão científica sobre o moderno, conduzida pelos seus associados.

Neste mesmo sentido, uma outra questão me preocupa. Os bem-sucedidos encontros e conferências do Docomomo têm se organizado como reuniões científicas semelhantes a reuniões acadêmicas. Evidentemente esse espaço é importante para dar visibilidade para as pesquisas acadêmicas seja como iniciação científica, seja como partes de mestrados ou de doutorados. No entanto, o Docomomo deve ser mais que isto. Deveriam os encontros incorporar leigos, proprietários de imóveis modernos e participantes de sociedades amigos de bairros interessados na preservação da arquitetura e da urbanização do século XX. A versão acadêmica do Docomomo me parece uma forma muito reduzida do que a organização pode ser. Se durante as décadas de 50 e parte da década de 60 o governo federal fazia promoção cultural por meio da divulgação da nossa arquitetura moderna, até mesmo com a distribuição de cartões postais com edifícios notáveis, desde o golpe de 64 isto deixou de ser feito. Os arquitetos ao mesmo tempo em que foram aliados de diálogo com o governo autoritário, fecharam-se no âmbito das escolas e das entidades profissionais. De qualquer forma, a arquitetura brasileira tem força, quantidade de realizações e originalidade. Como forma de validação da importância da nossa arquitetura é necessário propor formas inovadoras de divulgação. Em escala muito reduzida, existe um interesse de turistas diferenciados por nossa arquitetura. Mas é muito restrito o elenco de arquitetos brasileiros conhecidos no exterior, e a ampliação deste espectro é fundamental.

Quando tive a oportunidade de organizar com o Arquiteto Luiz Fisberg e a colaboração do Arquiteto Paulo Fujioka, a 3ª. e a 4ª. Bienais Internacionais de Arquitetura, procuramos torná-la uma grande vitrine do passado e do presente da arquitetura, apresentados de forma palatável para quem ingressasse no Pavilhão das Indústrias do Parque Ibirapuera, em São Paulo. A visita na 3ª. BIA ultrapassou os 100 mil interessados no curto período em que ficou aberta e possibilitou receber incentivos para a organização da 4ª. edição com muito mais recursos e o imprescindível apoio da Fundação

Bienal de São Paulo. Lamentavelmente, depois da 6ª. edição o IAB rompeu relações com a Fundação Bienal e as mostras posteriores ficaram cada vez mais voltadas ao público interno.

Importante lembrar que nos Estados Unidos o Docomomo local promoveu a constituição de uma associação de proprietários de imóveis modernos qualificados. Analogamente, poderíamos propor assistência a moradores de edifícios de apartamentos, edifícios comerciais e de casas, que tem sempre problemas relativos à sua preservação seja apor meio de associações ou individualmente. Complementarmente penso ser importante trazer para o Docomomo os admiradores do moderno, independentemente de sua formação ou de sua inserção em instituições de pesquisa ou ensino. A participação de leigos, proprietários ou não de imóveis certamente ampliará a penetração e a repercussão das iniciativas da nossa instituição.

Defendo, ainda, que o Docomomo reivindique representação nos conselhos de preservação de modo a trazer a questão o trato dos edifícios modernos com a relevância que deve ter, de certo modo, contrapondo-se ao interesse tradicional desses conselhos, voltado para os edifícios mais antigos. Sei que muitos companheiros de Docomomo são contra essa institucionalização, mas os órgãos de preservação têm sido diminuídos e desprestigiados pelos governantes dos mais variados matizes ideológicos. O nosso interesse em participar ativamente da condução dos Conselhos significará também uma valorização desses órgãos perante a administração pública, em razão de nossa independência em relação aos entes tradicionalmente envolvidos com preservação do Patrimônio Cultural. Para tanto deveremos nos unir a outras organizações que devem ter lugar nos conselhos de preservação como o Icomos e as Sociedades que defendem a preservação e valorização de bairros.

Concluindo, vejo o Docomomo ampliando sua penetração na sociedade e tornando o nosso trabalho mais visível, concomitantemente com a continuidade do notável crescimento da produção científica dos associados. Esta junção de esforços será muito benéfica para todos e para a Arquitetura Brasileira.

DOCO-MEÇO

anotações para uma memória do DOCOMOMO Brasil entre 1992 e 2008

Hugo Segawa

Doutor, FAU-USP, segawahg@usp.br

Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2002-2007

Membro do Advisory Board do DOCOMOMO International entre 2004 e 2008.

Meu primeiro contato com o DOCOMOMO International está registrado na Docomomo Newsletter de janeiro de 1993: edição que se reporta à segunda conferência realizada em setembro de 1992 em Dessau, na sede da Bauhaus.

Em agosto de 1992, escrevi para a direção do DOCOMOMO. Traduzo o trecho da única carta publicada na revista:

Examinei o programa final da conferência e tive uma sensação incômoda sobre os assuntos tratados pelo DOCOMOMO. Gostaria de observar que o DOCOMOMO parecia estar ocupado principalmente com manifestações regionais, ou seja, tendências europeias do movimento moderno, e escassamente com o significado amplo da arquitetura moderna do século 20 em todo o mundo. Foi inesperado para mim que já na segunda reunião o DOCOMOMO pudesse especializar o assunto dessa forma, ao contrário do que imaginei de um "grupo de trabalho internacional" interessado no movimento moderno em geral. [...]

Não é do nosso interesse (quero dizer, da América Latina) estarmos envolvidos em grupos de trabalho eurocêntricos ou que adotem qualquer outro tipo de preconceito regionalista que negue a diversidade ou o que na França se chama alteridade.¹

A resposta do secretário geral do DOCOMOMO, Wessel de Jonge, era de outubro de 1992, pós-conferência. Reproduzo um trecho:

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que atribuo grande valor à sua franca declaração, porque acho que provavelmente você está certo em sua observação (...). No entanto, meu segundo ponto deve ser adicionado imediatamente: vamos mudar isso! [...]

O mais importante é que você está certo, mas estamos tentando ampliar o escopo do DOCOMOMO. Anna Beatriz Galvão provavelmente já lhe contou sobre a mudança de abordagem que o DOCOMOMO adotou na

Bauhaus, após as inspiradoras contribuições dos países latino-americanos (incluindo especificamente Argentina e Brasil) durante várias discussões e no Conselho DOCOMOMO. Isso acabou levando a uma mudança de princípio no que o DOCOMOMO deveria considerar como “moderno”.²

Não fosse Anna Beatriz Galvão, então mestrande da FAU-UFBA, não teria me envolvido na querela. Ela tinha contato nos Países Baixos, que consolidavam a iniciativa de Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge, da University of Technology de Endhoven, para a criação de um organização não-governamental voltada ao estudo e conservação das realizações do movimento moderno. Sugeriu que eu enviasse um trabalho para a reunião que estavam preparando para acontecer em Dessau.

Os bastidores da carta na Docomomo Newsletter não se explicitam na publicação. Colaborando na articulação de Anna Beatriz Galvão, submeti uma comunicação para a conferência na sede da Bauhaus, tratando da arquitetura moderna no Brasil. Era um modo de reforçar a presença brasileira na reunião. Naquele momento, estava concluindo a escrita do livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, publicado seis anos depois. Meu paper foi recusado – que, em qualquer hipótese, faz parte do jogo.

No entanto, quando tomei conhecimento do programa final, constatei que havia um trabalho sobre Lucio Costa e Affonso Eduardo Reidy de autoria de um holandês. Era Paul Meurs – um estudante que havia circulado pela FAU USP como pesquisador visitante, que se tornou depois um eminente brasilianista e um grande amigo. Havia cinco participantes canadenses, um norte-americano, uma argentina, uma brasileira (Anna Beatriz); comunicações sobre a Indonésia e África do Sul apresentadas por nativos dos países colonizadores. No mais, europeus de gema e russos.³

O teor da minha carta nasceu (a) como um libelo contra a discriminação de autores não-europeus e (b) como queixa de um participante ativo do SAL (Seminários de Architectura Latinoamericana) que pregava a construção de um olhar próprio sobre nossas realidades – o que atualmente é uma atitude chamada de pensamento decolonial.

Logo após sua participação na reunião de Dessau, Anna Beatriz Galvão me telefonou para contar sobre as novidades. E para que eu me engajasse na formação do núcleo brasileiro, nos termos do nascente capítulo que se organizava na UFBA.

PRIMEIROS PASSOS E “CONEXÃO PAULISTA”

Felizmente José Carlos Huapaya Espinoza e sua equipe resgataram a memória dos seminários iniciais do DOCOMOMO Brasil: o primeiro, em 1995⁴ e o segundo em 1997.⁵ Temos, nas duas publicações, o que foi possível recuperar dos eventos realizados há mais de duas décadas; e anotações compiladas posteriormente, todavia, com dados sem a revisão prévia daqueles que neles estiveram.⁶

Evidentemente, a memória sem rodeios é das pessoas que estiveram diretamente envolvidas na fundação e consolidação do DOCOMOMO Brasil – que é preciso registrar. Em especial, de Anna Beatriz Ayrosa Galvão. No entanto, olhando de fora, via no pequeno grupo em Salvador, que deu origem ao DOCOMOMO Brasil, forte presença feminina.

Entre outras, ademais de Anna Beatriz, Ana Fernandes, então coordenadora do Mestrado em Arquitetura (1991-95), deu o aval para instalar o DOCOMOMO na UFBA. É preciso recordar que a pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo estava em formação: até 1998, o único doutorado em funcionamento no país era o da FAU USP. Organizar eventos científicos e redes de pesquisa eram novidades em nosso meio.

Ângela West Pedrão foi uma ativa militante, a quem devemos a produção do magnífico vídeo com os depoimentos de Walter Gordilho, Carmen Portinho (1903-2001) e Antônio Bezerra Baltar (1915-2003). Os últimos dois, então com 94 e 82 anos, deslocaram-se, firmes e fortes, do Rio de Janeiro e do Recife respectivamente, para as notáveis falas de uma das sessões durante o 2º Seminário [Fig. 1].⁷ Depoimentos e homenagens aos mestres se tornaram um padrão nos programas dos seminários nacionais e regionais.

Figura 1: Ângela West Pedrão, Carmen Portinho, Antônio Baltar e Anna Beatriz Galvão (esquerda para direita), após a sessão de depoimentos no 2º Seminário DOCOMOMO Brasil, em Salvador.



Fonte: Acervo do autor.

Uma outra figura, discreta, mas fundamental, foi Mirthes Baffi. Ela fazia parte da “conexão paulista” da seção baiana, como eu e o grupo de professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, hoje IAU-USP. Quando da vigência da coordenação do DOCOMOMO em São Paulo, entre 1999 e 2007, Mirthes esteve revezando em distintas posições ao longo das gestões, sem nunca ter assumido a cabeça de chave, tocando o trabalho de bastidores. É a ela que devemos,

entre outras coisas, a segunda consolidação do Estatuto da Associação de Colaboradores do DOCOMOMO Brasil de 2008, ainda em vigor.

A “conexão paulista” foi viabilizada com o apoio de Lúcio Gomes Machado, professor da FAU USP, que, como um dos curadores da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de 1999, introduziu dentro do evento o 3º Seminário DOCOMOMO Brasil.⁸ [Fig. 2] Gomes Machado foi o primeiro coordenador (2000-2001) do DOCOMOMO em sua etapa paulista, início da diversificação regional do capítulo brasileiro com a realização do 4º Seminário DOCOMOMO Brasil na Universidade Federal de Viçosa, organizado por Marta Camisassa. O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos/USP abrigou a coordenação entre 2002 e 2005, e a FAU USP no biênio 2006-07. Em 2008-09, coube ao PROPAR da UFRGS prosseguir, liderado por Carlos Eduardo Comas.

Figura 2: Capa dos anais em CD do 3º Seminário DOCOMOMO Brasil em São Paulo, 8 a 11 de dezembro de 1999.



Fonte: Projeto gráfico de Alexandre Penedo.

O ESPÍRITO DE REDE

Na primeira década do século, algumas ideias nortearam a constituição do DOCOMOMO Brasil, que permeiam o Estatuto de 2008. Elas estão nas entrelinhas, sem constituir cláusulas pétreas, e orientaram as ações nos primeiros anos.

O DOCOMOMO Brasil surgiu olhando o estatuto do internacional, mas configurou um modelo próprio, descentrado, sem uma estrutura rígida de organização. Diferentemente da composição de participantes no plano internacional, na qual havia uma mescla de acadêmicos com profissionais

dedicados ao restauro e instituições de preservação, no Brasil prevaleceu o nascente sistema de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, com pouquíssimos escritórios dedicados à área – um mercado nascente para intervenções em arquitetura moderna, mas não na escala desenvolvida na Europa e Estados Unidos. A personalidade do DOCOMOMO Brasil se moldou na pesquisa universitária, institucionalmente ancorada em escolas de Arquitetura e Urbanismo.

Ideou-se como uma rede de interesse temático, que deveria surgir do entrosamento das partes, e não de um comitê central e sua malha capilar. O modelo a se evitar era a hierarquia do Instituto de Arquitetos do Brasil e seus departamentos: a descontinuidade de suas partes (como uma representação em cada Estado, nem sempre possível) gerava um vazio organizacional dispensável em uma rede que só faria sentido havendo ativistas responsáveis e eventos congregadores. O conceito era de uma rede interligada de pessoas em livre comunhão associativa (evidentemente derivada nos princípios do DOCOMOMO International), esquivando-se de hierarquismos.

Na medida que havia o compromisso de promover encontros nacionais organizados bianualmente, como alternância ao internacional, um modo de mobilização foi promover encontros regionais e locais, em um cenário relativamente rarefeito de discussão em arquitetura e patrimônio, sobretudo o moderno – a grande questão quase inexistente até no debate internacional. Vale recordar que as reuniões científicas em urbanismo, planejamento e história das cidades estavam então mais bem consolidadas, mas não se voltavam a essa temática.

São Paulo, no contexto da “conexão paulista” e como sede da coordenação, apoiou as primeiras iniciativas de alcance local: em 1998, o 1º Encontro e Seminário DOCOMOMO Estado de São Paulo em São José dos Campos (organizado pelo Grupo de Trabalho Vale do Paraíba/Alto Tietê); em 2002 o 2º Encontro e Seminário em Taubaté (o mesmo GT anterior, com o apoio do Curso e Arquitetura da UNITAU); em 2004 o 1º Seminário DOCOMOMO Cidade de São Paulo (realizado no Curso de Arquitetura do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo) e o 3º Seminário DOCOMOMO São Paulo em 2005 (realizado no campus do Mackenzie, coorganizado pelo Programa de Pós-graduação de Arquitetura do Mackenzie e o Centro Universitário Belas Artes) [Fig. 3]. Em todas essas iniciativas, o Prof. Ademir Pereira dos Santos foi fundamental. Foram reuniões que antecederam, ensaiaram e amadureceram a proposta de eventos regionais mais amplos para expandir os acolhimentos de mais participantes.

Figura 3: Cartaz do 3º Seminário DOCOMOMO Estado de São Paulo, organizado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com apoio do Centro Universitário Belas Artes em 2005



Fonte: Cortesia dos organizadores.

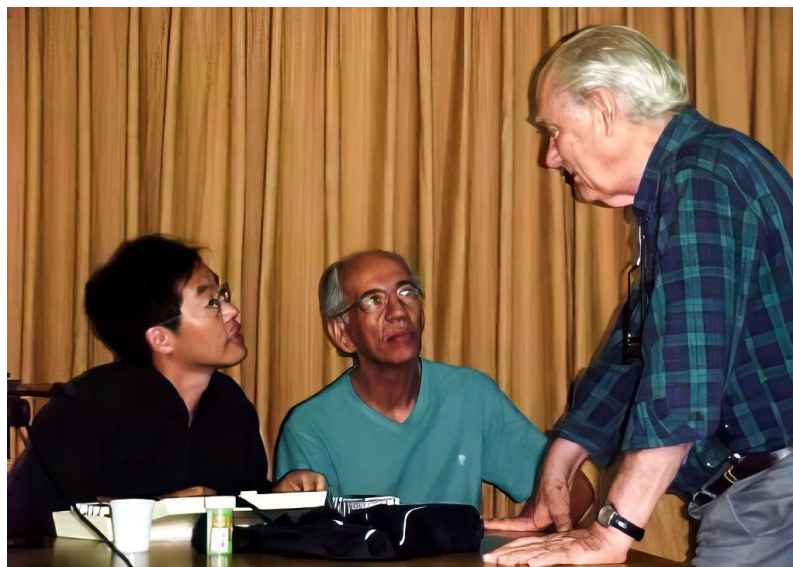
Nesse espírito surgiram os núcleos do Pernambuco e do Rio Grande do Sul, ambos destacando-se pela posterior consolidação institucional do DOCOMOMO Brasil. No Nordeste, patrocinado pelo CECI (Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada) e pelo Departamento de Arquitetura da UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, lançou-se a chamada de trabalhos do 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste em dezembro de 2005, para acontecer em 2006. Porque Norte-Nordeste? No início do século havia programas de pós-graduação (majoritariamente mestrados) e cursos de especialização nos Estados nordestinos, mas nada semelhante na região Norte. A resultante é que não houve adesão nortista no primeiro evento. A primeira coordenação do núcleo DOCOMOMO PE foi composta por Guilah Naslavsky, Fernando Diniz Moreira e Isabella Leite Trindade, abrigado na UNICAP [Figs. 4 e 5].

Figura 4: Cartaz de divulgação do lançamento, no ano seguinte à realização do seminário, da antologia *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: Universalidade e diversidade*, organizada por Fernando Diniz Moreira, reunindo uma seleção de comunicações do evento.



Fonte: Cortesia dos organizadores

Figura 5: Hugo Segawa, Geraldo Gomes da Silva e Acácio Gil Borsoi (esquerda para direita): conversa entre sessões do 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste, 8 a 11 de maio de 2006.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

No começo de 2006 o PROPARG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul lançou a chamada do 1º Seminário DOCOMOMO SUL [Fig. 6]. Foi feita em português e espanhol, para atrair os países do Cone Sul e, naturalmente, os Estados da região sul do Brasil. Os dois primeiros eventos olharam para um alcance regional e foram bem mais abrangentes que a ação de “departamentos” estaduais.

Figura 6: Divulgação do 1º Seminário DOCOMOMO SUL, promovido pelo PROPARG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado entre 28 e 30 de agosto e 2006.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

Na primeira década deste século, a questão da preservação da arquitetura moderna se tornava um grande tema para a consolidação de pesquisas nos programas de pós-graduação no país e no âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

O DOCOMOMO PR formou-se em 2005 na PUC - Pontifícia Universidade Católica do Paraná de Curitiba com a coordenação de Salvador Gnoato e Lauri da Costa. Organizaram o 1º Seminário DOCOMOMO Paraná em 2006, tendo na Comissão Científica pesquisadores da PUC e Unicenp - Centro Universitário Positivo (Irã Dedeque e Leonardo Oba), UEL - Universidade Estadual de Londrina (Jorge Marão) e USP - Universidade de São Paulo (Mônica Junqueira de Camargo). Realizaram o 10º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2010.

O Núcleo DOCOMOMO RJ formou-se em 2006 com uma coordenação multi-institucional: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Roberto Segre), UFF - Universidade Federal Fluminense (Marlice Azevedo) e COC/Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz (Renato da Gama-Rosa), que organizou o 1º Seminário DOCOMOMO Rio em 2008, 6º Seminário DOCOMOMO Brasil em Niterói em 2005 e o 8º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2009.

Em 2007, surgiram dois núcleos: Brasília, coordenado por arquitetos da Câmara dos Deputados (Danilo Matoso Macedo e Elcio Gomes da Silva), que organizou o 9º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2011, e o núcleo Minas Gerais, cuja coordenação fundadora abrigava-se em extensa geografia mineira: UFV - Universidade Federal de Viçosa (Marta Camisassa), PUC -

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Denise Marques Bahia), UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora (Fábio José Martins de Lima) e UFU - Universidade Federal de Uberlândia (Maria Beatriz Camargo Capello) [Fig. 7]. Minas Gerais organizou o 4º Seminário DOCOMOMO Brasil em Viçosa em 2001, como já dito, o 1º Seminário DOCOMOMO Minas Gerais em Uberlândia, em 2010,⁹ e o 12º Seminário Nacional em 2017, também em Uberlândia.

Figura 7: Encontro dos fundadores do DOCOMOMO MG em 2007: no meio, em branco, Marta Camisassa; ao seu lado esquerdo, Denise Marques Bahia; na ponta direita, Fábio José Martins da Silva; ao seu lado, M. Beatriz Capello.



Foto: Acervo do autor.

Alguns dos encontros mencionados não estão registrados na atual página web do DOCOMOMO Brasil, cuja base organizamos em 2007. Essa memória é uma feitura paulatina e colaborativa, que os 30 anos da organização enseja reunir.

A última reunião que tive alguma participação, ao término de meu mandato de coordenador nacional, foi no 2º Seminário DOCOMOMO N-NE realizado na UFBA. Uma década depois de deixar a sede da coordenação, o encontro de Salvador promoveu uma memorável conversa entre veteranos da arquitetura moderna brasileira, honrando a tradição criada na Bahia [Fig. 8]

Figura 8: Pasqualino Magnavita, Acácio Gil Borsoi e Francisco Assis Reis (da esquerda para direita) relaxados após a participação na mesa de depoimentos no 2º Seminário DOCOMOMO N-NE em Salvador.



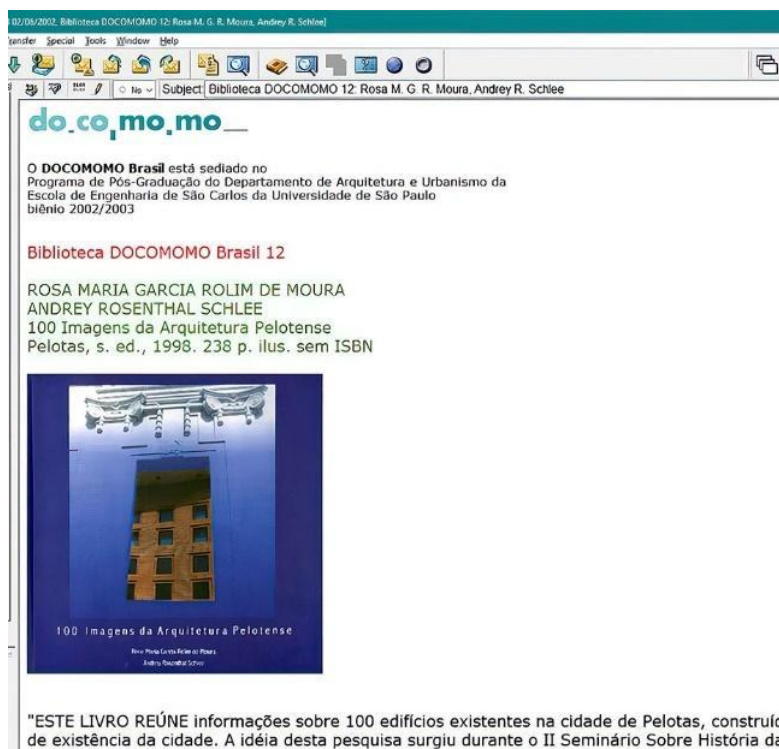
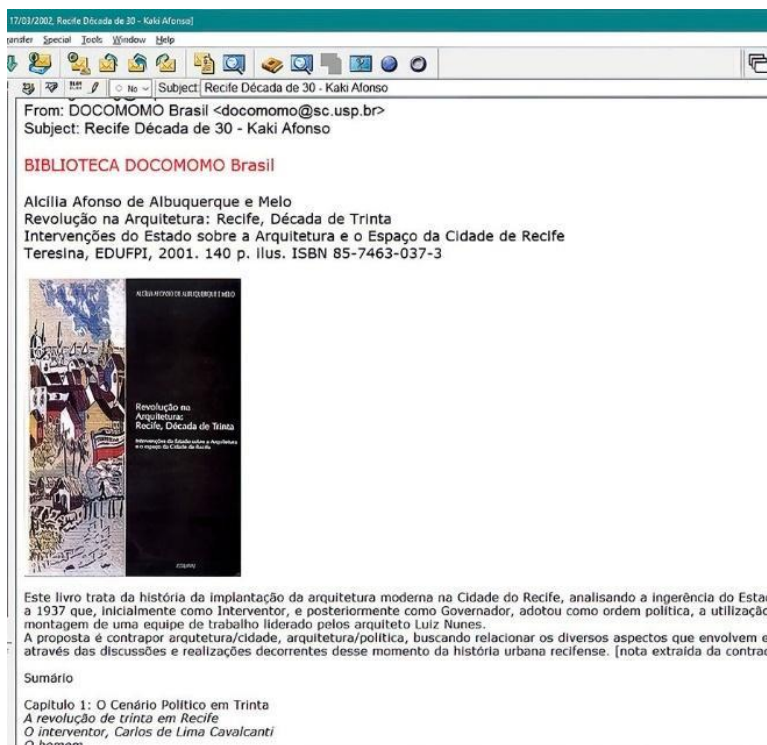
Foto: Acervo do autor.

Outra prática que se consolidou nesses anos, e foi vista como um “modelo brasileiro”: a transição constante de coordenações. Para se ter uma noção: nos 44 anos entre a fundação em 1988 em Eindhoven e a última conferência internacional de 2022, em Valencia, Espanha, o DOCOMOMO International conheceu quatro chairs – efetivamente, três chairwomen. O estatuto brasileiro traduziu essa posição para “coordenador geral” conscientemente. Em várias partes do mundo, há chairpersons que ocupam o posto desde a fundação do capítulo, ou que permaneceram na posição por muitos anos. Reconheço, nos nomes que compõem a estrutura de organização na última edição do Docomomo Journal (nº 67, 2022/2) e na página web, pessoas que ocupavam posições semelhantes desde o tempo que fui membro do Advisory Board ou as conheci percorrendo os corredores das conferências internacionais na década de 1990. Nossa contrarreferência foi o ICOMOS Internacional (em muitos países, dominados por grupos e as mesmas pessoas) e o ICOMOS/BR no século passado, que chegou a ficar inoperante por descontinuidades. O estatuto da ANPUR foi uma referência de partida para a organização jurídica do DOCOMOMO Brasil – como já dito, conduzida por Mirthes Baffi.

DOCO-MEMOS

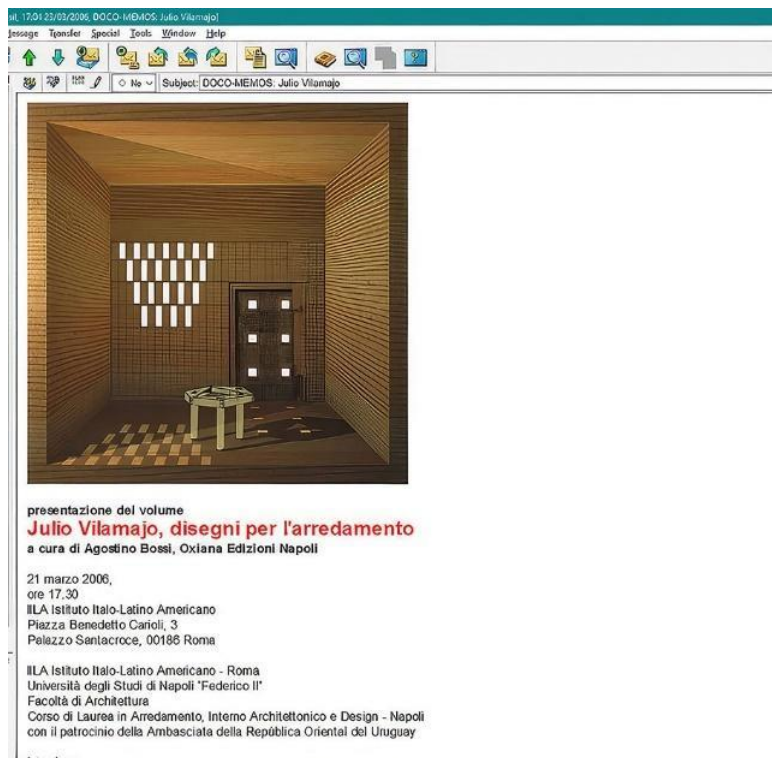
Em uma época em que não existia Google, e os navegadores mais usados na rede mundial de computadores eram o Netscape e o Internet Explorer, e muito antes do surgimento das redes sociais (Facebook, Instagram, o extinto Orkut, etc.), o DOCOMOMO Brasil “inventou” uma forma de comunicação a partir de uma então uma quase novidade: o e-mail. Disseminando para além de filiados, a partir de um e-mailing voltado para arquitetos, pesquisadores, professores e instituições, o DOCO-MEMOS foi um sistema que difundia informações de potencial interesse sobre arquitetura moderna brasileira, latino-americana e vez ou outra fora desses âmbitos, disparados às vezes de 2 a 4 vezes por semana [Figs. 9 a 17]. Naquela altura, nem o DOCOMOMO International mantinha um sistema diário de comunicação eletrônica como o DOCOMOMO Brasil.

Figura 9 e 10: DOCO-MEMOS de divulgação dos livros de Alcília (Kaki) Afonso de Albuquerque e Melo sobre o Recife e Rosa Moura e Andrey Schlee sobre Pelotas, em 17 de março e 2 maio de 2002, respectivamente. Esforço para disseminar a bibliografia brasileira, com ênfase à produção fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro.



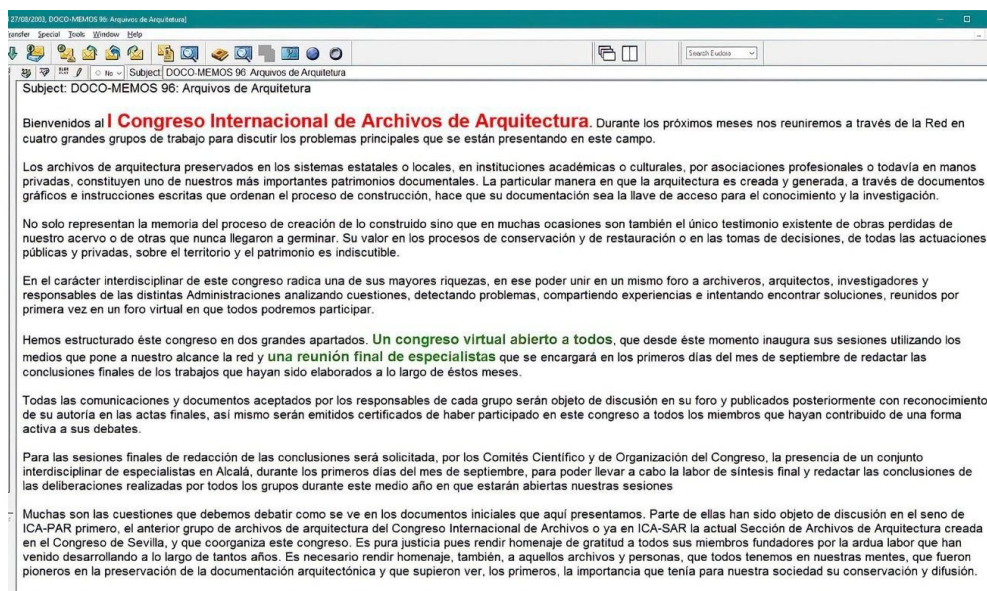
Fonte: Acervo do autor.

Figuras 13 e 14: DOCO-MEMOS com a divulgação do livro do uruguaio Juan Pedro Margenat, em 13 de junho de 2002, e do lançamento do livro sobre o arquiteto uruguaio Julio Vilamajò em Roma, em 23 de março de 2006



Fonte: Acervo do autor.

Figura 15: Divulgação do I Congresso Internacional de Archivos de Arquitectura, em 27 de agosto de 2003. Preocupação que recentemente impactou a documentação e pesquisa das universidades brasileiras.



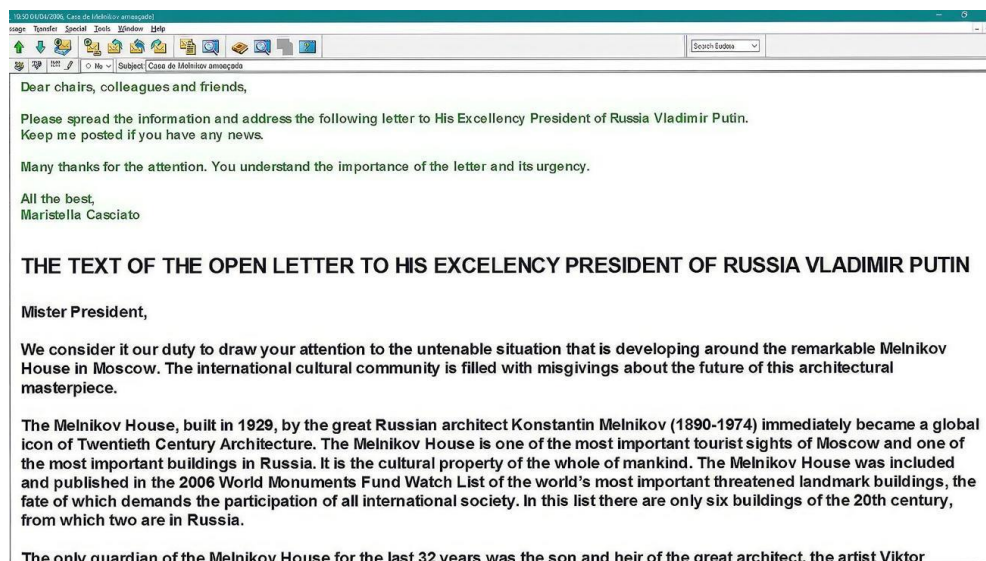
Fonte: Acervo do autor.

Figura 16: Campanha pela preservação do Pavilhão da Venezuela em Santo Domingo, República Dominicana em 25 de setembro de 2003. O DOCOMOMO Brasil, mediante os DOCO-MEMOS, disseminava informes de solidariedade internacional.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 17: O título da carta aberta pode insinuar uma mensagem atual, mas foi divulgada em 1º de janeiro de 2006 pelo DOCO-MEMOS. É a transcrição da campanha pela preservação da casa do arquiteto russo Konstantin Melnikov, assinada por Maristella Casciato, então chair do DOCOMOMO International



Fonte: Acervo do autor.

DOCO-AGITOS

Com a “novidade” de então – a conservação e preservação da arquitetura moderna no Brasil –, a visibilidade dos DOCO-MEMOS fez com que a Fundação Roberto Marinho convidasse o DOCOMOMO Brasil para uma consultoria científica, para a organização de um evento celebrando o restauro completo da Igreja da Pampulha e seu entorno. Coordenado pelas arquitetas Sílvia Fingerut e Mariângela Castro, pela FRM, e pelo DOCOMOMO, Hugo Segawa e Fernando Luiz Lara (então um jovem doutor de Michigan, que havia participado da comissão científica do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil em São Carlos, 2003), o Seminário Igreja da Pampulha [Fig. 18] ocorreu em 19 e 20 e maio de 2005 na pista de dança do antigo Cassino.

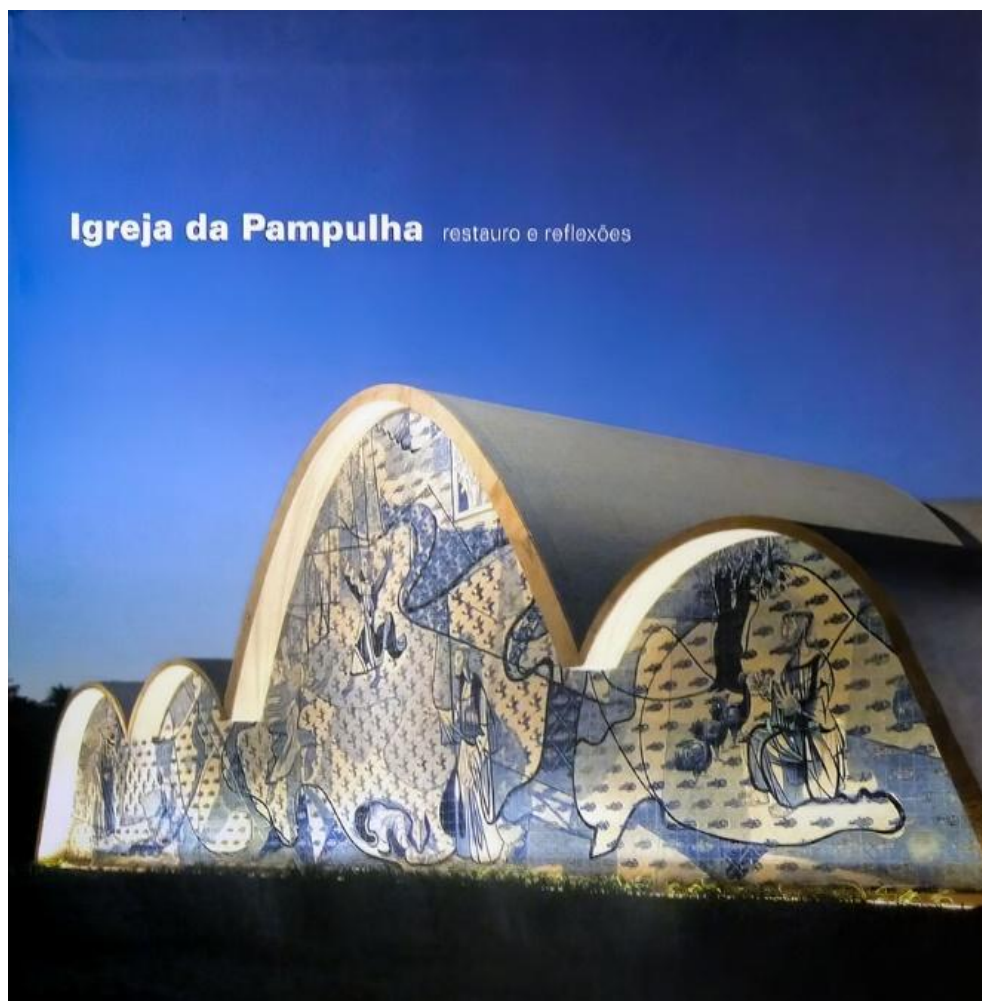
Figura 18: Logo de divulgação do Seminário Igreja da Pampulha, organizado pela Fundação Roberto Marinho em 2005 com a consultoria do DOCOMOMO Brasil.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

Falaram, e escreveram capítulos do livro¹⁰ posteriormente editado [Fig. 19], Flávio de Lemos Carsalade, Celina Borges de Lemos, Leonardo Barci Castriota, Guilherme Mazza Dourado, Haruyoshi Ono, Danilo Matoso Macedo, Carlos Eduardo Comas, Agnaldo Farias e Glauco Campello.

Figura 19: Livro reunindo as contribuições apresentadas no Seminário Igreja da Pampulha, editado pela Fundação Roberto Marinho em 2006



Fonte: Reprodução da capa.

Participou como convidado internacional (mas não encaminhou artigo para o livro), o arquiteto e historiador William Curtis [Fig. 20 e 21], de fama consolidada pelo livro *Modern Architecture since 1900*.¹¹ O convidado original seria o espanhol Luiz-Fernández Galiano; ao declinar, indicou Curtis – que nunca havia pisado na América do Sul. Até hoje, em correspondência particular, Curtis se recorda do périplo que organizamos para ele por Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro, como palestrante. Foi a primeira e única estadia do autor britânico no país. Não conheço texto que reordene suas posições sobre o Brasil, todas escritas antes da visita para o seminário da Igreja da Pampulha.

Figura 20 (esquerda): William Curtis fotografando a Casa do Baile de Pampulha; Fig. 21: Danilo Matoso Macedo e William Curtis na Igreja da Pampulha.



Fotos: Acervo do autor.

A criação da página web (atualmente remodelada, mas parcialmente consultável em sua versão original¹²) e a elaboração de um manual de identidade visual [Fig. 22, 23] – ambos desenhados pela arquiteta Márcia David (membro do GT Vale do Paraíba/Alto Tietê do DOCOMOMO SP) foram esforços de consolidação da imagem pública do DOCOMOMO Brasil em 2007.

Figuras 22 e 23: Reproduções de páginas do Manual de Identidade Visual do DOCOMOMO Brasil, elaborado por Márcia David em 2007.

03. logomarca DOCOMOMO Brasil
padrões cromáticos

do.co.mo.mo_
brasil

cor principal	
	C: 77 M: 7 Y: 100 K: 0 R: 57 G: 148 B: 0 Pantone: 370 C
	C: 39 M: 0 Y: 70 K: 19 R: 132 G: 174 B: 86 Pantone: 370 C Tingimento: 70%
	C: 100 M: 100 Y: 100 K: 100 R: 10 G: 11 B: 12 Pantone: Black 6 C

A logomarca DOCOMOMO Brasil segue os seguintes padrões cromáticos:

Utilização de no máximo duas cores, sendo que a cor principal Pantone 370 C, poderá ser desdobrada em tingimento 70%, conforme variações de aplicações.

Para aplicações de internet, utilizar os padrões RGB.

Para aplicações impressas, utilizar padrões CMYK.

manual de identidade visual | DOCOMOMO Brasil
m. d. r. c. | a. david | arquitetura | artes gráficas | webdesign
marciadavid@doco.com.br

03

07. logomarca DOCOMOMO Brasil
núcleos regionais

do.co.mo.mo_
brasil | ba
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

do.co.mo.mo_
brasil | bsb
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

do.co.mo.mo_
brasil | mg
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

O s núcleos regionais DOCOMOMO deverão seguir o padrão cromático da logomarca DOCOMOMO Brasil, acrescentando ao lado da assinatura Brasil, a sigla correspondente. Utilizar barra e fonte Futura Md BT Bold. Manter espaçamento entre caracteres (25%).

Veja exemplos.

manual de identidade visual | DOCOMOMO Brasil
m. d. r. c. | a. david | arquitetura | artes gráficas | webdesign
marciadavid@doco.com.br

07

Fonte: Acervo do autor.

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO DOCOMOMO INTERNACIONAL

Foi a maior ousadia o Brasil organizar a 6th International DOCOMOMO Conference em 2000. Quando Anna Beatriz me consultou a respeito, achei uma grande temeridade. Mas a motivação era potente: quarenta anos da fundação de Brasília, a primeira realização moderna reconhecida pelo World Heritage Center da Unesco. O arrojo dependeu da cumplicidade de Sylvia Ficher e Frederico de Holanda para que a Universidade de Brasília acolhesse a empreitada. Ambos foram brilhantes na defesa da candidatura única na assembleia geral do DOCOMOMO de 1998 em Estocolmo: demoveu em parte as resistências – com ajuda dos fundadores Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge, que conheceram e acompanharam no Brasil os seminários nacionais –, mas não as eurocêntricas desconfianças gerais.

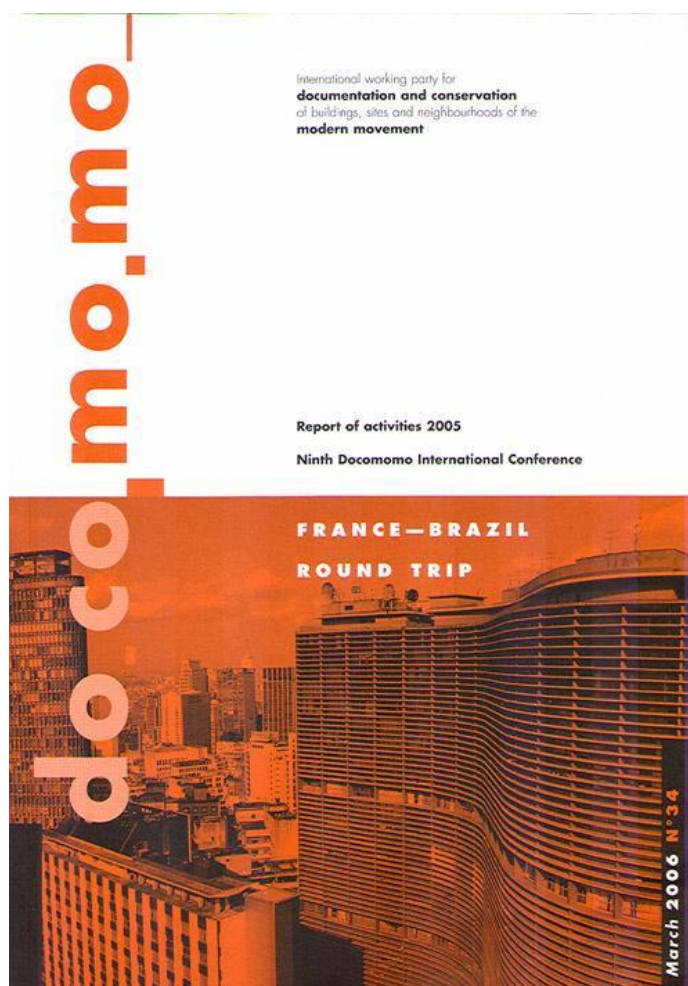
O Brasil tinha uma boa imagem, pelo trabalho diplomático do DOCOMOMO Brasil e iniciativas consequentes, como a proposta de criação do ISC (International Specialist Committee) de Urbanism & Landscape, com sua primeira coordenação ocupada por Marco Aurélio Filgueiras Gomes. A inclusão do paisagismo neste ISC foi um cavalo de batalha: só os brasileiros poderiam apresentar o argumento da modernidade de Roberto Burle Marx.

Creio que o evento realizado no Minhocão da UnB em setembro de 2000 foi um turning point para a imagem da arquitetura moderna brasileira. Não era difícil perceber o fascínio dos visitantes que conheciam Brasília apenas pelos livros, e a má-fama disseminada internacionalmente nas primeiras décadas de sua existência¹³ não correspondia à realidade que constataavam presencialmente. Ao contrário. A desconfiança virou admiração.

O sucesso da reunião de Brasília, o peso da participação brasileira nos seminários, os DOCO-MEMOS (que eram enviados para fora do Brasil, quando assunto era pertinente, em e-mailing reunindo quase todos filiados internacionais) pavimentaram a participação do Brasil no primeiro Advisory Board do DOCOMOMO International, criado na assembleia de Nova York em 2004. O critério original da composição de seus membros foi parcialmente geográfico, parcialmente termômetro de prestígio na época: um dos fundadores do DOCOMOMO (Wessel e Jonge), países nórdicos (Maija Kairamo, Finlândia), países ibéricos (Lluís Hortet i Previ), América do Norte (Theodor Prudhon – um holandês radicado nos Estados Unidos – e France Vanlaethem – canadense de fala francesa, uma questão diplomática creio que até hoje não resolvida), Oceania (Scott Robertson, Austrália), Ásia (Hiroyuki Suzuki, Japão) e América Latina (Hugo Segawa).

A boa fama brasileira e a assustadora (para outros capítulos internacionais) participação de brasileiros nos encontros internacionais, facilitaram a realização do primeiro número especial (sucedido por outro, mais tarde) do DOCOMOMO Journal dedicado ao Brasil. A edição de março de 2006 [Fig. 24] teve como guest editor a brasileira Anat Falbel que, junto com a chair do DOCOMOMO, Maristella Casciato, reuniram autores brasileiros (Maria Stella Bresciani, Mônica Junqueira de Camargo, Roberto Segre, a própria Falbel) e franceses (Yannis Tsiomis, Gérard Monnier), que produziram o dossiê Transatlantic Impressions – France- Brazil Exchanges,¹⁴ a partir de um simpósio organizado na Maison de France na Cité Universitaire de Paris, em 20 de junho de 2005.

Figura 24: Edição do Docomomo Journal de 2006 dedicada ao Brasil.



Fonte: Reprodução da capa.

Na gestão de Maristella Casciato o DOCOMOMO International ofereceu em 2007 e 2008 apoio para o desenvolvimento de pesquisas. Era a Summer Residence Grant in Paris, então cidade-sede do organismo, para as quais se poderiam apresentar pessoas de qualquer parte do mundo. As candidaturas deveriam responder ao edital, de forma sucinta, ao seguinte: (1) uma declaração de três páginas sobre seu projeto de pesquisa, explicando a necessidade de passar dois meses em Paris e os resultados que pretendem atingir durante sua estada; (2) um cronograma de trabalho de uma página; (3) um currículo de uma página; (4) uma breve declaração explicando suas atividades e compromisso com a DOCOMOMO. O comitê de análise foi formado por parte do Advisory Board, e as avaliações foram feitas e decididas mediante troca de e-mails. Nas duas edições, as bolsas foram concedidas para brasileiras: Anat Falbel e Guilah Naslavsky.

O DOCOMOMO, quando de sua fundação nos Países Baixos em 1988, talvez não tivesse a ideia no que se transformaria. Concebido dentro de uma bolha europeia, a questão da "documentação e conservação de edifícios, sítios e bairros do movimento moderno", que conformaram o acrônimo da entidade, com o tempo se mostrou insuficiente para tratar das múltiplas

modernidades e espacialidades. No entanto, não fosse a iniciativa, a consciência da diversidade não teria um palco e um cenário para confrontações. Ao congrega interessados de todo planeta, o DOCOMOMO serviu como plataforma de uma atitude ausente até a década de 1980 do século passado: a de reconhecer a modernidade recente como bens patrimoniais merecedores de preservação, conservação e restauro, tanto quando os monumentos e artefatos dos séculos que os antecederam. Inegável pioneirismo, para o qual o ICOMOS só despertou na virada para o século 21.

No entanto, na minha percepção, o DOCOMOMO perdeu o bonde. Frente ao crescimento do DOCOMOMO como fórum privilegiado de uma temática e cronologia ao qual o ICOMOS não havia se apercebido, este instituiu o “comitê do século 20”, talvez menos preciso conceitualmente, mas mais abrangente que os sempre discutidos e discutíveis recortes de natureza ideológica e historiográfica que o termo “movimento moderno” pode evocar. Flanando pelos bastidores do DOCOMOMO em sua origem, uma perspectiva que se desenhava então era, entre outras possibilidades, de tornar a entidade o organismo credenciado na expertise de avaliação dos artefatos do movimento moderno para a World Heritage Center da Unesco. Por motivos vários, tal diretriz não se consolidou: o ICOMOS continua como principal entidade de apoio técnico e conceitual para a avaliação dos bens culturais para o WHC. Situação que se espelha no Brasil: o ICOMOS tem uma cadeira no Conselho Consultivo do IPHAN.

Este texto é um acumulado de lembranças, que sequer conseguiu consultar adequadamente uma base de informações contemporâneas ao próprio DOCOMOMO Brasil: o portal Vitruvius, criado no ano 2000. Ainda há uma longa tarefa pela frente – para olhar para atrás. Por isto, não trago uma conclusão. Era só para falar do começo.

NOTAS

1 SEGAWA, Hugo. Eurocentrism. **Docomomo Newsletter**, Eindhoven, n. 8, p. 4, jan. 1993. Tradução do autor.

2 JONGE, Wessel de. Widen DOCOMOMO's scope. **Docomomo Newsletter**, Eindhoven, n. 8, p. 4, jan. 1993. Tradução do autor.

3 Conferir: DOCOMOMO INTERNATIONAL CONFERENCE, 2, Dessau. **Proceedings...** Dessau: Bauhaus Dessau, 1992.

4 HUAPAYA SPINOZA, José Carlos; MOURA, Alexandre Pajeú (Org.). **Universalidade e diversidade do movimento moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil/Departamento Bahia; PPGAU/UFBA, 2020. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/LIVRO_ANAIS-I-DOCOMOMO-BRASIL.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023.

5 HUAPAYA SPINOZA, José Carlos; MARQUES, Rômulo; PESSOA, Thiscianne (Org.). **Arquitetura, espaço público, projeto social, arte e técnica: novas formulações no campo da arquitetura e do urbanismo**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: <<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/Docomomo-Brasil-novas-formula%C3%A7%C3%B5es-no-campo-da-arquitetura-e-urbanismo.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

6 É impressão minha. Por deferência de José Carlos Huapaya, pude acrescentar uma nota, em tempo, sobre a publicação da minha comunicação para o 1º Seminário,

alertando que eu não participei presencialmente do evento (HUAPAYA ESPINOZA et al., 2020, p. 39); na publicação do 2º Seminário, consta no sumário uma comunicação atribuída a Alberto Xavier e Hugo Segawa, "Inventário da Arquitetura Moderna no Vale do Paraíba" (HUAPAYA et al, 2019, p. 114-117) que deve ser genuinamente creditada à liderança do Prof. Ademir Pereira dos Santos.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mnU3SVFNKok>>. Acesso em 9 de jan. 2023.

8 Conferir: <https://www.iabsp.org.br/bienais/programacao_plantas_4_bienal.pdf>. No entanto, a matéria publicada na revista AU de dez. 1999/jan. 2000 reproduzida no link do IAB/SP não registra o DOCOMOMO.

9 Conferir registro em: <<https://vitruvius.com.br/jornal/events/read/5>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

10 IGREJA da Pampulha: restauro e reflexões. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

11 CURTIS, William. **Modern Architecture since 1900**. London: Phaidon, 1982. A tradução brasileira (Porto Alegre: Bookman, 2008), baseada em edição revista, traz considerações sobre arquitetura latino-americana, mas não registra as impressões de 2005.

12 Conferir em <<https://docomomobrasil.com/old/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

13 A propósito da mudança de julgamento sobre Brasília, de seus primórdios até a celebração do cinquentenário, ver SEGAWA, Hugo. Brasília: pátina do futuro.

URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 430–474, 2019. DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756.

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8654756>>.

Acesso em: 10 jan. 2023.

14 FRANCE-BRAZIL round trip. **Docomomo Journal**, Paris, n. 34, Mar. 2006. Edição especial.

COMO UM FILME DE TATI relatos da gestão 2014 - 2015

Sônia Marques

Doutora, UFPB, soniamarques51@gmail.com

Coordenadora geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2014-2015

Quando assumimos a gestão do DOCOMOMO idealizávamos iniciar uma mudança, tanto na forma, como no conteúdo. Sabíamos que seria difícil, não acreditávamos em transformações radicais. Mas queríamos tentar, mesmo sendo através de um pequeno desvio em relação à rota até então percorrida pelo DOCOMOMO Brasil, aproximar esta entidade dos objetivos que figuram no nascedouro da organização, no plano nacional.

Como é sabido, DOCOMOMO é uma ONG que foi criada na Holanda por profissionais práticos da ação projetual para os quais, portanto, a tarefa de documentação e conservação estão intrinsecamente associadas. A documentação é tida como um instrumento da conservação, uma ferramenta para intervindo, no reuso, no restauro, na reabilitação, na reforma ou outros quaisquer mecanismos assegurar a preservação do objeto que testemunha a modernidade. Com este intuito, a afiliação pode ser tanto individual, e independente da inserção ocupacional ou profissão do indivíduo quanto corporativa de empresas ou escritórios ou instituições que tenham afinidade com a missão, definida no próprio nome da organização. E assim ocorre em vários países.

No Brasil, o nascedouro do DOCOMOMO deveu-se aos esforços da UFBA que garantiu uma ancoragem institucional acadêmica. No entanto, na evolução, DOCOMOMO jamais conseguiu ampliar-se para além desta ancoragem. Tornou-se, assim, uma instituição cuja ação para muitos, resume-se aos encontros, com um formato muito semelhante aos demais encontros da área de arquitetura e urbanismo. De tal forma, os seminários DOCOMOMO tornaram-se progressivamente apenas mais uma ocasião para desovar a produção acadêmica.

Em grande parte, este formato brasileiro deveu-se à obtenção de financiamento para os eventos. Organizados por nós, professores e pesquisadores, sendo dado o que conhecíamos e que tínhamos o hábito de fazer, os eventos findaram seguindo os modelos tradicionais da pesquisa acadêmica, nas próprias universidades e com o apoio possível que elas nos ofereciam, financiados pelas agências de fomento do tipo Capes e Cnpq. Os convidados seguindo os critérios das agências financiadoras deveriam ter alta titulação, pós-doutorado, etc.

Nosso intuito, portanto, era ultrapassar a esfera dos campi tanto topograficamente, quanto pelo alargamento e diversificação dos frequentadores. Por isso pensamos em:

- a) realizar eventos em locais correlacionados com a produção modernista, mas fora do ambiente universitário
- b) atrair um novo público participante, além do tradicional público acadêmico, profissionais arquitetos, engenheiros, artistas, literatos, músicos,

jornalistas sensibilizando inclusive leigos para riqueza e conservação do acervo modernista

Para isso, sabíamos, seria preciso realizar eventos com formato mais híbrido, fora dos campi, e com atividades diversificadas, além das tradicionais palestras, conferências e apresentações das pesquisas em grupos de trabalho

Nosso evento de pre-estreia dedicado à história e ao significado do edifício da SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, foi realizado no dia 16 de abril de 2014. Realizado na própria sede da superintendência, ele teve todo o apoio da instituição, cujos responsáveis mostraram-se entusiasmados com a possibilidade de patrimonialização do prédio. O evento contou igualmente com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco e teve início às 9 horas, com uma cerimônia em homenagem aos que contribuíram na concepção e construção do conjunto sede da Sudene, sendo seguido à tarde, das 14 às 17 horas, de uma mesa redonda com os pesquisadores e professores Ana Rita Sá Carneiro, Fernando Diniz, Luiz Amorim e Alba Bispo sobre a conservação do patrimônio moderno.

Participamos em seguida do importante movimento social, em prol, inclusive da petição para o tombamento do Cais Estelita, em março de 2015.

O evento oficialmente inaugural para a posse da nova diretoria foi um seminário internacional realizado basicamente com o apoio do consulado geral da França, a Embaixada da França, o Instituto Francês e a FUNDAJ, intitulado Prouvé, Tati e Candilis: revisitando a França modernista.

Na cerimônia de abertura do evento, além da posse da nova diretoria, foi realizada uma homenagem ao arquiteto e professor Zildo Sena Caldas, ex-diretor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife e ex-diretor do Centro de Artes e Comunicação, além de sócio-fundador do escritório Sena Caldas e Polito

Em seguida, houve uma mesa redonda composta pelos jornalistas Julio Cavani, e Gabriel Trigueiro do Diário de Pernambuco e da jornalista Adriana Dória Matos professora de jornalismo da Universidade Católica editora da revista Continente.

Houve a projeção do filme Playtime de 1967, obra do cineasta Jacques Tati - célebre pelos filmes irônicos em relação à arquitetura moderna e à cultura do automóvel seguido de uma palestra do professor Paulo Cunha, do Departamento de Cinema da UFPE

Já Paulette Girard, professora da École d'Architecture de Toulouse percorreu sobre as experiências francesas de conservações de monumentos do modernismo, especialmente sobre o bairro le Mirail, projetado pelo arquiteto Georges Candilis durante a década de 1960. Por fim, a presidente do docomomo_fr, Agnes Cailliau, architecte en chef du Conseil en Patrimoine et Monuments Historiques apresentou o projeto de restauro da casa do arquiteto e designer Jean Prouvé, na cidade de Nancy, cujo canteiro esteve sob sua responsabilidade. O evento foi realizado na sala Calouste Gulbenkian, situada no edifício Paulo Guerra do Campus Gilberto Freyre da Fundação Joaquim Nabuco, em Casa Forte.

Sou grata em particular a Pierre Fernandez, atual diretor da faculdade de arquitetura de Toulouse, que, na época era adido cultural do consulado da França no Recife e que viabilizou grande parte do evento. Sou grata

igualmente à Fundaj, em particular à Cristiano Borba que conseguiu viabilizar o espaço da Fundação.

O resultado global desta mesa foi um material intelectual de imenso valor que mereceria um resgate para publicação, inclusive bilingue, como eu prometera ao adido cultural, chegando a iniciar o trabalho de recolher os textos.

Penamos com um imenso trabalho para regulamentação da papelada, pelo que agradeço o apoio que tive de Rosita Borges e de Mirthes Baffi, entre outras.

Em sete de abril de 2015, a situação foi regularizada e abrimos uma conta no Banco do Brasil da UFPB onde trabalhávamos eu e a secretária, a professora Wynna Vidal. Infelizmente alguns compromissos que haviam sido avançados para que eu pudesse contar com o apoio da UFPE não foram respeitados e, sem o apoio desta instituição, nem tampouco da UFPB, a continuidade de nosso trabalho ficou inviabilizada.

Encerramos nossas atividades, eu e a professora Wynna Vidal, no dia 8 de junho, numa reunião no auditório do IAB Pernambuco, um projeto de Luiz Nunes que confirma que o modernismo brasileiro em arquitetura começou no Recife e com o diálogo Nunes, Cardozo e Corbusier¹.

NOTAS

1 Tal como no poster que apresentamos (Guilah Naslavsky e eu) no DOCOMOMO Internacional 2002, em Paris.

COMUNICAÇÃO, CAMPANHAS E ARTICULAÇÃO INTERNACIONAL

Fernando Diniz Moreira

*Ph.D (UPenn), UFPE, fernando.moreira@ufpe.br,
Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2016-
2017*

Ana Holanda Cantalice

Doutora (UFPE), A Liga Design, ana.holanda@gmail.com

Maria de Fátima Barreto Campello

Doutora (UFPE), UFAL, fatima.m.b.campello@gmail.com

Maria Luíza Macedo Xavier de Freitas

Doutora (USP), UFPE, luiza.freitas2@ufpe.br

Natália Miranda Vieira

Doutora (UFPE), UFPE, natalia.vieira@ufpe.br

A GESTÃO 2016-2017

Fernando Diniz Moreira, Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas, Ana Holanda Cantalice, Natália Miranda Vieira-de-Araújo, Maria de Fátima Barreto Campello.

As atividades de nossa gestão no biênio 2016-2017 podem ser divididas em três grandes grupos que naquele momento se apresentavam como grandes desafios para a nossa organização. O primeiro refere-se às atividades relacionadas a comunicação entre seus associados, que está na essência de uma rede de pesquisadores e profissionais, como o Docomomo. O segundo refere-se ao engajamento em campanhas que visavam evitar demolições e descaracterizações de edifícios significativos de arquitetura moderna, ou seja, nosso papel como ativistas. Por fim, o terceiro grupo refere-se à colaboração com o Docomomo Internacional, que consiste no nosso papel frente aos nossos pares no mundo.

GRUPO 1: COMUNICAÇÃO COM OS ASSOCIADOS

Um dos grandes desafios de uma organização como o Docomomo consiste no fortalecimento da articulação entre seus próprios usuários, particularmente em um momento no qual as redes sociais disseminam informações instantaneamente.

Uma primeira ação neste sentido foi a criação de um novo site, pois o antigo site, que datava do início dos anos 2000 necessitava de uma reformulação, visto que não atendia a requisitos contemporâneos essenciais. O novo site

buscou ter uma plataforma responsiva e recursos de manutenção simplificados. Os trabalhos publicados nos seminários anteriores do Docomomo Brasil, que estavam disponíveis no site anterior, foram gradativamente repassados para o novo site.

Buscamos também ter um papel mais ativo nas redes sociais com a atualização e manutenção de página do facebook na medida em que este era, naquela época, o meio efetivo de se atingir a comunidade envolvida com a conservação da arquitetura moderna.

Mesmo com ação nas redes sociais, decidimos recriar o Docomemos, um boletim informativo bimensal de divulgação aos associados com notícias sobre exposições, eventos, tombamentos, chamadas de trabalhos para eventos e seminários. Apesar de um boletim bimensal não ser o meio mais rápido para divulgar notícias, acreditamos que o Docomemos poderia servir para a construção da história da entidade para futuros pesquisadores.

Por fim, acreditamos que a ação mais importante foi a criação da revista/do.co.mo.mo_br, um antigo desejo da comunidade acadêmica do Docomomo. Por meio do esforço de nossos associados e colaboradores próximos, como Luiz Amorim e Cristiano Borba, participantes da gestão 2014-2015, e de Márcio Cotrim, membro do conselho consultivo, conseguimos lançar o primeiro número em 2017 da revista que está se tornando uma referência na área de estudos da arquitetura, urbanismo e paisagismo modernos. Para tal, foi pensada de forma a buscar seu enquadramento no sistema Qualis Periódicos da CAPES, assim como nos parâmetros internacionais de indexação.

GRUPO 2: CAMPANHAS EM DEFESA DO MODERNO

A nossa gestão procurou atuar em campanhas, promovidas pelos próprios núcleos do.co.mo.mos regionais ou outras organizações da sociedade civil, que visassem evitar demolições e descaracterizações de edifícios significativos de arquitetura moderna em várias cidades do país. Essa ação deu-se por meio do envio de ofícios e petições aos responsáveis pelas edificações ou para os órgãos competentes e pela publicação na seção Edifícios em risco do Docomemos, de edifícios e espaços modernos que estivessem sob ameaça de demolição, descaracterização e abandono. Assim, diversos edifícios foram objeto de atenção de nossa gestão:

- Fórum Judiciário de Teresina, de Acácio Gil Borsoi, Janete Costa e Gilson Miranda, Teresina-PI, 1971-1972;
- Centro de Proteção Ambiental de Balbina, de Severiano Porto, Presidente Figueiredo-AM, 1984-1988;
- Residência e escritório do arquiteto, de Hans Broos, São Paulo, 1970-71;
- Residência Cassiano Ribeiro Coutinho, de Acácio Gil Borsoi, João Pessoa, 1957-58;
- Casas geminadas da Av. Rosa e Silva, de Augusto Reynaldo, Recife, 1958;
- Rodoviária de João Pessoa, de Glauco Campello, João Pessoa, 1978-1982;
- Jockey Club do Rio Grande do Sul, Hipódromo do Cristal, de Roman Fresnedo Siri, Porto Alegre, 1951-1959;
- Edifício Jorge Machado (UFRJ), de Jorge Machado Moreira, Rio de Janeiro, 1957-1961;
- Hotel Reis Magos, de Waldecy Pinto, Antônio Didier e Renato Torres, Natal, 1957-1958;
- Sanatório de Curicica, de Sérgio Bernardes, Rio de Janeiro, 1952;
- Parque Dell'Este, de Burle-Marx, Caracas, 1958-1961.

O Docomomo Brasil também participou de reuniões com o órgão municipal de preservação do patrimônio, buscando discutir casos de descaracterizações de edifícios modernos na cidade do Recife.

GRUPO 3: COLABORAÇÃO COM O DOCOMOMO INTERNACIONAL E COM OS NÚCLEOS REGIONAIS

Nossa gestão contribuiu com a Virtual Exhibiton-Momove, uma iniciativa do Docomomo Internacional que buscou criar um guia georreferenciado composto por uma seleção de edifícios e sítios modernos ao redor do mundo. Em um esforço conjunto que envolveu a colaboração de diversos núcleos regionais e de três estudantes de Arquitetura e Urbanismo da UFPE conseguimos ampliar o número de obras brasileiras de 15 para 138, englobando todas as regiões do país. Foi uma honra termos representado nossa organização na reunião do Conselho do Docomomo Internacional que ocorreu durante o 15th International Docomomo Conference em Lisboa em 2016.

Nossa gestão buscou oferecer uma colaboração institucional para a realização dos seminários do.co.mo.mo regionais e participar, na medida do possível, de eventos promovidos pelos núcleos e grupos do docomomo ou de outras instituições cujo tema incluiu a conservação da arquitetura moderna. Neste sentido, participamos de mesas sobre conservação da arquitetura moderna em diversos seminários: Docomomo Sul (Porto Alegre, julho 2016), Enanparq (Porto Alegre, julho, 2016), Docomomo Norte-Nordeste (Teresina, agosto, 2016), Docomomo International (Lisboa, setembro, 2016), 3º CATS – Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade de Cataguases (Cataguases, outubro, 2016), Docomomo São Paulo (outubro, 2017) e, é claro, do Docomomo Brasil, (Uberlândia, novembro, 2017) quando foi eleita a gestão seguinte. Buscamos também apoiar o surgimento e reativação de alguns grupos regionais.

Em agosto de 2016, realizamos em Recife uma mostra de filmes de caráter documental sobre grandes nomes da arquitetura moderna brasileira, que foi também realizada em outras universidades como a UFBA, a UEL, a UFS, a FIAM-FAAM e UFT, por meio da coordenação de associados da nossa organização professores nestas universidades (José Carlos Huapaya Espinoza, Oigres Macedo, Betânia Brendle, Clevis Rebelo e Olívia Maia, respectivamente). Acreditamos que a conscientização dos futuros arquitetos sobre os valores da arquitetura moderna é uma tarefa fundamental para a conservação desta no futuro.

Lutar pela preservação de nosso patrimônio moderno é uma tarefa dura, que nem sempre é bem-sucedida. Nossa sociedade ainda não consolidou a ideia de que este patrimônio é um produto cultural e de que deve ser protegido para as futuras gerações. Se alguns edifícios e arquitetos conseguiram atingir este reconhecimento, a grande massa dos edifícios modernos que compõem as nossas cidades não teve a mesma sorte. Apesar de não poderem ser consideradas obras de arte, constituem um grande estoque construído que detém valores importantes para suas comunidades onde estão inseridos que precisam ser conservados para as gerações futuras.

O SANTO GUERREIRO CONTRA O DRAGÃO DA MALDADE

Renato da Gama-Rosa Costa

*Doutor, Fundação Osvaldo Cruz, gamarosacosta@gmail.com
Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2018-2019 e 2020-2021*

Em 2017, a Assembleia Geral Ordinária do Docomomo Brasil, reunida em Uberlândia, Minas Gerais, por ocasião do 12º Seminário, deu aval à nossa proposta de coordenar, a princípio, o biênio 2018-2019. Dois anos depois na assembleia de outubro de 2019, em Salvador, Bahia, os membros escolheriam nossa coordenação para mais um período. Na primeira reunião já se vivia os tempos pós-impeachment da Presidente Dilma e dos anos Michel Temer. Entretanto, não se tinha noção dos graves momentos que enfrentaríamos em relação ao patrimônio cultural com a eleição, no ano seguinte, de Jair Bolsonaro. Na segunda assembleia, a tragédia da gestão Bolsonaro já estava plenamente anunciada, mas, ninguém imaginava que o mundo sofreria uma de suas maiores ameaças, com a disseminação da pandemia de COVID-19, obrigando a medidas sanitárias há muito tempo esquecidas, a luta por vacinas, o enfrentamento de milhões de mortes mundo afora. O desejo de "arrumar a casa" que toda nova gestão enfrenta nos primeiros dias de gestão logo seria substituído por medidas de sobrevivência frente à pandemia e às ameaças de demolição, descaracterização, fechamento de órgãos, intervenção em instituições ligadas ao patrimônio, desmobilização...

Os compromissos assumidos pela nova coordenação dariam conta da busca por mais sócios (internacionais, nacionais e estudantes) durante as duas gestões, e da regularização burocrática (que parece nunca ter fim). Tais anos poderiam se expressar como de transição e balanço de gestões entre as comemorações de 25 anos (2017) e os preparativos para os 30 anos da entidade (2022), mas foram ocupados com ações que exigiram mobilização do grupo de uma forma jamais imaginada.

Logo de início, incentivamos ações promovidas pelos do.co.mo.mos regionais e organizações da sociedade civil, nos posicionando contra as demolições e descaracterizações de edifícios significativos da arquitetura moderna em várias cidades brasileiras. Propusemos ou inscrevemos abaixo-assinados, moções e petições, bem como notas de repúdio e ofícios, enviados aos responsáveis pelas edificações. Entre essas ações destacamos as promovidas em relação ao Hotel Internacional Reis Magos, Natal, RN; ao Salão de Baile do Clube Pinheiros, São Paulo; à Rodoviária de João Pessoa, PA; ao Hospital Octávio Mangabeira, Salvador, BA; às residências Benedito Macedo, em Fortaleza, CE; e Miguel Vita, em Recife, PE; ao Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo; e ao Edifício Jorge Machado Moreira e Palácio Gustavo Capanema, ambos no Rio de Janeiro. Todas as ações realizadas podem ser acessadas pelo site do Docomomo Brasil (<https://docomomobrasil.com/category/eds-em-risco/>). Vamos a algumas delas.

A autorização de demolição do Hotel Reis Magos, de 1965, localizado na praia do Meio, em Natal, projeto de Waldecy Pinto, Antônio Didier e Renato Torres, com projeto de interiores de Janete Costa, foi dada pelo Ministério

Público Federal em 2017. A partir de então, foram feitas diversas tentativas de evitar sua efetivação. Foi feita uma nota para a Seção Patrimônio em Risco do site do Docomomo Brasil, em que se discorre sobre sua importância como exemplar singular e relevante da arquitetura moderna produzida no Nordeste brasileiro. Essa mesma nota chama a atenção de que “o reconhecimento e a preservação do patrimônio moderno brasileiro ainda se constituem em um grande desafio cujas ações efetivas, infelizmente, ainda são inversamente proporcionais à importância de um valioso acervo para o país”¹. E que para algumas regiões brasileiras, esse reconhecimento é ainda mais difícil, como com certeza se configurou o caso do hotel de Natal. Muitos apelos foram feitos, com forte atuação dos filiados regionais, junto, inclusive, a jornais locais e à Prefeitura da Cidade de Natal, que havia se comprometido a requalificar o hotel, mantendo seus valores fundamentais para o modernismo brasileiro. Entretanto, não se conseguiu impedir e a demolição ocorreu em janeiro de 2020.

Mesmo destino tiveram as residências de Fortaleza e de Recife. Apesar de figurarem como “expressão de um período relevante da história da arte e da arquitetura, insubstituíveis em seu suporte material e nos valores simbólicos a eles associados”², dos apelos, notas de repúdio e cartas às entidades locais de preservação, as obras de Acácio Gil Borsói e Janete Costa, e de Delfim Amorim, não resistiram à pressão dos mercados imobiliários locais e vieram abaixo.

Nota de Repúdio também foi feita para reformas de “modernização” para o Hospital Estadual Octávio Mangabeira (HEOM). Concebido como Hospital Santa Terezinha, o HEOM foi construído pela Odebrecht entre 1937 e 1942 e “se constitui indiscutivelmente em um dos mais relevantes exemplares da arquitetura moderna na Bahia”³, tendo sido citado como um dos dois exemplares baianos pelo Museum of Modern Art (MoMA), de Nova York, quando realizou a exposição Brazil Builds: architecture new and old, 1937-1942, o que reforça o reconhecimento internacional de sua arquitetura. Aparentemente as obras prosseguiram, mas o projeto de “modernização” foi modificado, levando em consideração alguns argumentos colocados pelo grupo de filiados locais, em especial às icônicas varandas “de cura”.

Em relação ao Salão de Festas do Clube Pinheiros, de São Paulo, projetado por Gregori Warchavchik entre 1957 e 1958, foi feita uma Carta de Moção, expedida em maio de 2018, para o CONPRES P e para o CONDEPHAT, pedindo que não se realizasse seu destombamento para a construção de um novo salão no local. Entretanto, em reunião de junho de 2018, os votos foram contrários ao tombamento, a despeito da decisão do próprio CONPRES P em março daquele ano, e do apelo feito pelo Docomomo São Paulo, em que o órgão havia se reunido e decidido pelo tombamento de diversas obras modernistas paulistas⁴, de autoria de Rino Levi, Rodrigo Lefèvre e Oswaldo Bratke, além do próprio Warchavchik, entre outras. Em junho, por conta de pedidos de alguns sócios do Clube, e alegando que o salão havia sido descaracterizado, o CONDEPHAT e o CONPRES P decidiram que não cabia a ação de preservação. Em setembro de 2019 o Ministério Público de São Paulo abriu inquérito sobre a preservação do salão. Ao que tudo indica, as obras de modernização não avançaram e a obra de Warchavchik se mantém, não se sabe até quando.

Também em São Paulo, o ginásio do Ibirapuera se encontra ameaçado de demolição, igualmente em nome de obras de modernização, por conta da

cessão de uso concedida pelo governo municipal, em fevereiro de 2018, o que demanda nossa vigília constante.

No Rio de Janeiro, dois importantes símbolos do modernismo brasileiro foram e ainda são motivo de preocupação das entidades de preservação: o Palácio Capanema e o Edifício Jorge Moreira. O primeiro esteve ameaçado de venda pela União, que decidiu colocar à disposição da iniciativa privada, a aquisição de todos os edifícios sob sua posse. Depois de forte mobilização, liderada por Carlos Eduardo Comas, a frente da produção do Manifesto contra sua privatização (escrita em inglês e português)⁵, e diante do absurdo que seria a proposta, o Ministério Público, reconhecendo a importância da preservação do edifício e de seu tombamento, expediu ação civil pública em que relata: "A 23ª Vara Federal do Rio de Janeiro concedeu liminar para determinar à União Federal que se abstenha de ofertar e aceitar qualquer proposta de compra do edifício Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro, se essa proposta for formulada por entidades, instituições e pessoas (jurídicas ou naturais) de natureza privada, sob pena de multa diária de R\$ 5 mil (processo nº 5119360-34.2021.4.02.5101/RJ)"⁶. Em fins de obra de restauração, o Palácio está prometido para reabrir ainda em 2022 para a Secretaria Especial da Cultura, subordinada ao Ministério do Turismo.

Por fim, o edifício que abriga a Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, merece toda a atenção de nossas entidades. Foi vítima de dois incêndios, que destruíram parte de suas instalações, danificando, inclusive, parte do Núcleo de Pesquisa e Documentação, responsável pela preservação de importantes coleções e de fundos arquivísticos da arquitetura brasileira. A preservação de tal edifício, em meio ao corte de verbas que nossas universidades vêm enfrentando, torna a questão dramática para o patrimônio moderno brasileiro, um Santo Guerreiro lutando contra o Dragão da Maldade⁷.

Tal dramaticidade ensejou a criação de um Fórum em defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro, com participação de diversas entidades, entre elas, o Docomomo Brasil. O Fórum foi criado em Porto Alegre, por iniciativa do Instituto de Arquitetos do Brasil, em outubro de 2019, durante o 21º Congresso Brasileiro de Arquitetos, em evento que contou com a participação remota dos participantes do Docomomo BR, que estavam em Salvador, antevendo as reuniões em meio virtual, que seriam a tônica dos encontros no auge da pandemia pelos próximos anos. O Fórum Nacional surgiu como um grito de defesa do IPHAN, contra as ações implementadas a partir de 2016 que colocavam em risco as políticas públicas instituídas ao longo de mais de oitenta anos de atuação da instituição, em especial:

"A extinção do Ministério da Cultura e a posterior vinculação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ao Ministério do Turismo; as sucessivas nomeações de pessoas sem a devida experiência profissional ou formação para ocupar importantes cargos na direção e nas superintendências do IPHAN; a significativa redução do orçamento federal destinado ao IPHAN nos últimos dois anos; a extinção de todos os comitês gestores de sítios patrimônio mundial, exigidos pelos compromissos assumidos pelo Brasil junto à Unesco; o esvaziamento da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC); as ameaças aos povos e comunidades

tradicionais decorrentes da desregulação da proteção ambiental; e da revisão de direitos adquiridos por indígenas e quilombolas nas últimas décadas"⁸

Para finalizar esse breve relato, gostaria de, dentro do espírito do balanço de duas gestões, apresentar algumas reflexões que fizemos a partir da análise dos anais da primeira reunião do Docomomo Brasil, ocorrida em 1995, e os do 13º seminário, de 2019, ou seja, por ocasião da celebração dos 25 anos da realização do primeiro seminário.

O primeiro encontro do Docomomo Brasil, na forma de seminário, se deu na cidade de Salvador, por iniciativa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, em junho de 1995, com a apresentação de 38 trabalhos e quatro conferências, sob o tema "Universalidade e Diversidade em Arquitetura e Urbanismo do Movimento Moderno"⁹. Entre as temáticas apresentadas, destacam-se as que trataram de *cidade*, *linguagem moderna*, *documentação* e *patrimônio*, entre outras. Lina Bo Bardi, Diógenes Rebouças, Rino Levi e Saturnino de Brito foram os arquitetos e engenheiros estudados, com maior concentração de participantes de São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Brasília, mas, também de Belém do Pará, Cataguases, de Pernambuco, da Itália e da América Latina.

O evento de 2019, se reuniu sob o tema "Arquitetura Moderna Brasileira. 25 anos do Docomomo Brasil. Todos os mundos. Um só mundo", em referência ao encontro da União Internacional dos Arquitetos (UIA), que se realizaria na cidade do Rio de Janeiro em 2020. Por conta da pandemia, o evento seria virtual e ocorreria um ano depois. O encontro de 2019 foi novamente em Salvador e foram apresentados 152 trabalhos, entre comunicações e posters, e 26 conferências, um aumento de 400% e de 650%, respectivamente, em relação ao primeiro evento, mostrando o quanto se consolidou os estudos sobre o Modernismo brasileiro. Tal aumento de comunicações e palestras ampliou a diversidade de temas e de arquitetos estudados, e a procedência geográfica dos participantes.

Os destaques ocorreram em trabalhos sobre o movimento moderno na sua relação com *habitações*, *meio urbano*, *história de instituições*, *a atuação de arquitetas mulheres*, *paisagismo*, *documentação* e programas da área da *saúde*, *ensino*, *indústria*, *museus*, *comércio*, *igrejas*, *hotel*, entre outros. Em relação a estudos sobre arquitetos, houve uma explosão de referências, se falando muito ainda de Lina Bo Bardi, Oscar Niemeyer e Lucio Costa, mas, também de Le Corbusier, Warchavchik, irmãos Roberto, Roberto Burle Marx, Paulo Mendes da Rocha, Olavo Redig de Campos, Vila Nova Artigas, Acácio Gil Borsóí, Mies Van Der Rohe, Hans Broos, João Filgueiras Lima, Flávio de Carvalho, Sylvio de Vasconcellos, Sérgio Bernardes, Dieste, entre muitos outros. Lina continua sendo uma das pouquíssimas arquitetas estudadas nos eventos nacionais. Em 2019, apareceram trabalhos de apenas outras duas arquitetas: Lygia Fernandes e M^a do Carmo Schwab, revelando um campo fértil ainda de investigação sobre a produção feminina na arquitetura moderna brasileira.

Em relação à procedência dos participantes, permanece a prevalência de estudiosos de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, mas com destaque para Salvador, Campina Grande, Aracajú, Porto Alegre, Fortaleza, João Pessoa, Belo Horizonte e Recife, mas, também, de Curitiba, Ouro Preto, Juiz de Fora, São João del Rei, Maringá, Niterói, Teresina, Cuiabá, da Região Sul como um todo, e, também de outros países, como Portugal, Espanha, Holanda,

Colômbia, Argentina, Uruguai, Venezuela e Chile, ampliando sobre maneira o alcance e o interesse sobre o Patrimônio Moderno brasileiro na sua relação local e global, mais precisamente com a Europa e a América Latina.

No momento da escrita deste artigo, estamos entre os dois primeiros turnos da eleição presidencial de 2022. Esperamos que a nova presidência possa reverter o quadro lamentável e desolador que vive o Brasil e seu patrimônio cultural em geral, e o modernismo urbano e arquitetônico, em particular. Esperamos poder ver renascer a esperança por tempos melhores...

Gestão 2018-2019

- Coordenador
Renato da Gama-Rosa Costa
- Secretaria Executiva
Andréa de Lacerda Pessoa Borde
- Tesouraria
Maria Helena Rohe Salomon
- Conselho Fiscal
Inês El-Jaick Andrade e Helio Herbst
- Apoio técnico
Anna Beatriz Pimenta

Gestão 2020-2021

- Coordenador
Renato da Gama-Rosa Costa
- Secretaria Executiva
Andréa de Lacerda Pessoa Borde
- Tesouraria
Lúcia Siqueira de Queiroz Varella
- Conselho Fiscal
Andrea da Rosa Sampaio e Helio Herbst
- Apoio técnico
Anna Beatriz Pimenta

NOTAS

1 <https://docomomobrasil.com/geral/patrimonio-em-risco-hotel-internacional-reis-magos-natal-rn/>

2 <https://docomomobrasil.com/category/eds-em-risco/>

3 Idem

4 Ver <https://docomomobrasil.com/category/eds-em-risco/>.

5 Idem

6 Idem

7 Essa expressão faz alusão ao filme de Glauber Rocha *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, de 1969, em referência à lenda da luta de São Jorge contra um dragão que assolava um vilarejo. Qualquer semelhança com os anos 2019-2022 não é mera coincidência.

8 ANDRADE, Nivaldo. Apresentação. IN SANT'ANNA, Marcia; QUEIROZ, Hermano. Em defesa do Patrimônio Cultural: percursos e desafios/ Marcia Sant'Anna, Hermano Queiroz (Organizadores). Vitória: Editora Milfontes, 2021, pp. 10-11.

9 Ver os anais do evento, publicado em https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/LIVRO_ANAIS-I-DOCOMOMO-BRASIL.pdf.

DOCUMENTAR, CONSERVAR E CONECTAR

Alcília Afonso Albuquerque e Melo

Doutora, UFCG, kakiafonso@hotmail.com

Coordenadora geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2022-2023

Antes de tudo, é fundamental informar que o DOCOMOMO Brasil é uma associação de colaboradores, sem fins lucrativos- que pesquisam, e atuam na documentação e na conservação do movimento moderno, tendo completado nesse ano de 2022, trinta anos de existência.

Na nossa gestão, a entidade está sediada no Programa de Pós-Graduação em História/ PPGH, da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, na cidade de Campina Grande, Paraíba, pois faço parte do quadro docente permanente desse programa, além de atuar na graduação em arquitetura e urbanismo da mesma universidade.

Ao propormos nossa candidatura em setembro de 2021, planejamos atuar com uma chapa denominada SOMA, que tinha como mote "documentar, conservar e conectar", procurando-se utilizar das ferramentas digitais presentes no século XXI, para interagir através de redes com instituições de distintos estados brasileiros, proporcionando assim, uma aproximação virtual com esses lugares, e suas diversas manifestações de modernidade.

Dessa maneira, para compor a comissão executiva foram convidados membros, que, de certa forma, já possuíam articulações acadêmicas modernas com a coordenação geral, tais como: o arquiteto e mestrando da FAUUSP, Ivanilson Pereira (secretaria executiva); Dr. Joelmir Marques/UFPE, que foi substituído pela Dr. Rudivan Catanni (profissional liberal de SC) (tesouraria e relações internacionais); e como conselheiros fiscais, Dr. Ricardo Paiva (UFC) e Dra. Alda Ferreira (pós-doutoranda da UFRJ). Como colaboradores da comissão executiva, Dra. Ceila Cardoso (UFBA), que atua como vice coordenadora geral, e também, nas relações internacionais; Dra. Celma Chaves (UFPA), que vem colaborando no fortalecimento das relações nacionais, principalmente, em regiões do norte e centro-oeste, que necessitam de uma aproximação maior; e Dr. Alexandre dos Santos (UFSC), que colabora com a socialização das informações.

Temos incentivado ainda, o trabalho de jovens pesquisadores da modernidade, filiados ao DocoJovem, que convidamos para a nossa equipe: os recém graduados em arquitetura e urbanismo pela UFCG, Matheus Batista e Lucas Jales, para estagiarem com a comissão executiva e colaborarem na administração do site, das redes sociais, das diagramações das produções que produzimos, entre outras atividades.

A seguir, será realizado um breve relato sobre nossas ações, desde que assumimos a entidade em janeiro de 2022, até o presente momento da escrita desse texto, em outubro de 2022. Através de tópicos pontuais, será exposto um pouco, sobre o que temos realizado para gerir a entidade, e seguindo nosso plano de metas apresentado na nossa candidatura.

GESTÃO

Ao assumirmos a comissão executiva em janeiro de 2022, necessitamos ajustar de acordo com o Estatuto, alguns pontos administrativos da gestão, tais como organização da documentação cartorial, financeira e dos sites aos quais o DOCOMOMO Brasil possuía a responsabilidade de gerenciamento.

Uma de nossas primeiras ações, foi atualizar as informações do antigo site, criar um site novo, com nova diagramação, mas respeitando a memória e os dados já existentes pelas gestões passadas.

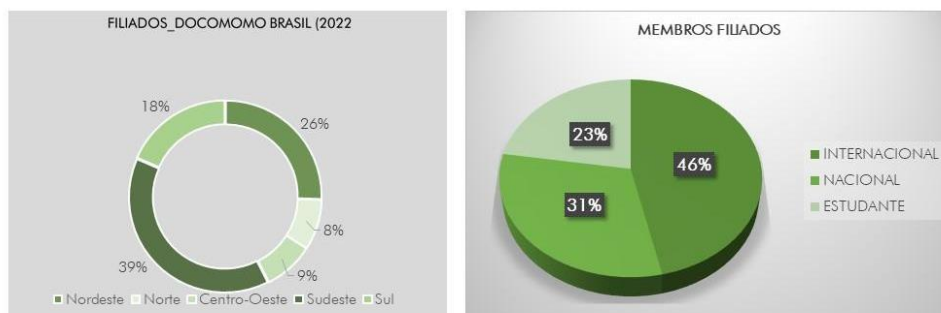
Em paralelo a esse trabalho, foi resolvido o problema do site da Revista do DOCOMOMO Brasil, que devido a problemas técnicos, teve fora do ar desde 2019, e necessitava de toda uma organização técnica para funcionar corretamente, e assim, a revista poder voltar a ser editada e ter seus números atualizados.

Sabe-se que o trabalho de filiação é um dos mais importantes para a vida financeira da entidade, e também para seu vínculo com o DOCOMOMO internacional, que recebe de cada membro filiado 30 dólares/ano.

Dessa maneira, foi organizada a listagem com dados dos membros filiados, em categorias, por estados, por atuações, bem como, realizamos a chamada para novos filiados em redes sociais, através de um trabalho constante de divulgação, a fim de que novos pesquisadores possam contribuir com os trabalhos de preservação do acervo moderno.

Atualmente, outubro de 2022- temos 149 membros, sendo 39% da região Sudeste; 26% da região do Nordeste; 18% da região Sul; 9% do Centro-Oeste, e 8% da região Norte (Figura 1).

Figura 1: Gráfico das filiações do Docomomo por região brasileira e por categoria.



Fonte: Lucas Jales 2022

Figura 2: Logomarca do Docojovem



Fonte: Site do Docomomo Brasil

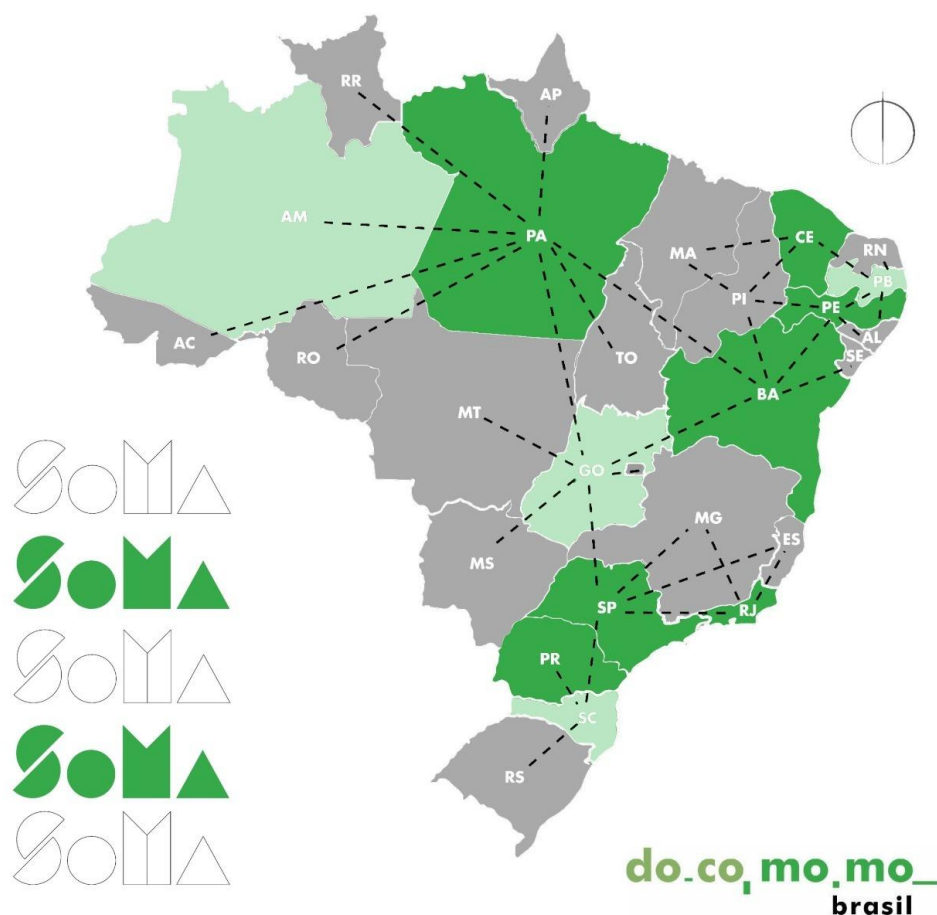
A proposta do DocoJovem (Figura 2) é de aproximar cada vez mais a discussão e as ações ativistas patrimoniais da modernidade, que vêm ocorrendo no Docomomo Brasil há trinta anos, de um público jovem, criativo e proativo: alunos de graduação, de pós-graduação e jovens profissionais. Acredita-se que são essas pessoas que já vêm produzindo pesquisas valiosas e inéditas, atuando na base dos estudos sobre modernidade, seja como alunos de iniciação científica na graduação, seja na elaboração de suas dissertações de mestrado ou teses de doutorado- que aportam uma energia nova e pulsante para a consolidação do trabalho da entidade.

Pretende-se dar espaço aos jovens, abrir as portas, os espaços e dizer que eles são sim, muito bem-vindos ao Docomomo Brasil! E que precisamos de sua jovialidade, vitalidade, inovação, ideias. Queremos ouvi-los e produzir trabalhos juntos: produtos contemporâneos e antenados com o século XXI. Este é um espaço de construção e fortalecimento de uma rede de pesquisa nacional entre profissionais e estudantes, e propõe-se dois caminhos para a socialização das produções: 1) Pesquisas: onde podem ser divulgadas as investigações, integrando uma rede de colaboração; 2) Repositório: local para o que vem sendo produzido academicamente para consulta pública.

A REDE NACIONAL E A APROXIMAÇÃO COM ESTADOS E NÚCLEOS: DIALOGANDO COM AS DIVERSIDADES REGIONAIS

Através da procura pelo diálogo com as mais diversas regiões e estados brasileiros (Figura 3), a nossa gestão tem realizado uma aproximação com os núcleos já existentes, tais como o do Ceará, coordenado pelo professor Dr. Ricardo Alexandre Paiva (UFC); com o Núcleo BA_SE (Bahia e Sergipe), coordenado pela professor Dr. José Carlos Huapaya Espinoza (UFBA); o Núcleo do Pará, coordenado pela professora Dra. Celma Chaves (UFPA).

Figura 3: Conectando a modernidade brasileira.



Fonte: Matheus Batista 2022.

Estamos também, tentando reativar núcleos anteriormente atuantes, mas que atualmente, estão desativados, devido ao afastamento de professoras que atuavam dinamicamente neles, e se aposentaram, ou estão trabalhando em outras áreas- como por exemplo, os núcleos de Brasília, e Minas Gerais. Algumas conversações vêm sendo realizadas no sentido de que estes núcleos voltem a articular com pesquisadores e profissionais atentos à modernidade.

Outros núcleos continuam bem estruturados e possuem um bom número de filiados, como por exemplo, o Núcleo São Paulo (vinte e nove membros), que possui uma boa composição e tem sido bastante atuante, coordenado por uma comissão executiva, composta pelo Dr. Miguel Antônio Buzzar (IAU USP/São Carlos) e Dra. Mônica Junqueira de Camargo (FAUUSP). Produzem um boletim mensal, online e distribuído a todos os filiados do Docomomo Brasil, além de terem organizado em agosto de 2022, o 8º Seminário Docomomo São Paulo (Figura 4).

Figura 4: Chamada virtual do 8º Seminário Docomomo SP.



Fonte: Núcleo Docomomo SP.

Alguns núcleos vêm produzindo seus trabalhos de forma mais local, e não mantêm uma conexão constante com a entidade, como tem sido o caso do Núcleo do Rio de Janeiro, e Paraná. O que se observa é o trabalho pontual de alguns membros desses estados, atuando em trabalhos importantes em prol da entidade.

O Núcleo do Rio Grande do Sul, através de seus pesquisadores vem colaborando com o trabalho nacional da entidade, e inclusive, estão organizando o próximo evento do núcleo, " VII Seminário Docomomo Sul", a ser realizado em parceria com o PROPAR UFRGS, nos dias 17 e 18 de novembro, no formato online.

O Núcleo Pernambuco tem sido coordenado pelo Dr. Fernando Diniz (UFPE) que também vem procurando articular com antigos membros, não mais filiados, e com jovens pesquisadoras, novas filiadas, que no estado vêm tentando dar um novo caminho às discussões e ações, como por exemplo, o trabalho desenvolvido pelas arquitetas e pós-graduandas Juliana Santos, Liliana Adrião, Patrícia Athayde, Juliana Santa Cruz, entre outras, que têm procurado uma articulação com o Docomomo Brasil e com o CAU PE (Conselho de arquitetura e urbanismo, seção Pernambuco).

Alguns estados procuraram a entidade, almejando criar núcleos e vêm trabalhando para isso, tais como os estados de Goiás, através da Dra. Eline Caixeta (UFG); do Amazonas; de Santa Catarina, através de articulações dos doutores Alexandre dos Santos e Rudivan Catanni que têm realizado uma boa conexão entre ativistas da modernidade catarinense; e da Paraíba, estado no qual, sedia atualmente na cidade de Campina Grande, a gestão do Docomomo Brasil, e o grupo de pesquisa Arquitetura e lugar/GRUPAL.UFCG, coordenado por mim, e composto por diversos pesquisadores, vêm resgatando a modernidade estadual e regional.

DIÁLOGOS COM INSTITUIÇÕES PATRIMONIAIS

Na nossa gestão temos procurado o diálogo e as parcerias com outras entidades patrimoniais, tais como o TICCIH Brasil/Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial, e um dos resultados foi o “Fórum Internacional de Patrimônio Industrial: Diálogos com a Modernidade, 18 e 19 agosto de 2022.

O DOCOMOMO Brasil também tem convidado o ICOMOS brasil para uma série de atividades que realizamos, principalmente, em parceria com o comitê científico nacional de documentação/ ICOMOSdoc- que também coordena naquela entidade. Vários membros desse comitê são, também, filiados ao Docomomo Brasil, e os diálogos têm sido constantes e muito profícuos.

Além disso, temos mantido as conversações com o CAU Brasil/ Conselho de Arquitetura e Urbanismo, tanto em nível nacional, quanto com seções estaduais (Figura 5). Em nível nacional, a participação durante o “Seminário nacional de patrimônio: caminhos para a valorização da arquitetura e do urbanismo”, que ocorreu em Ouro Preto/MG, durante o mês de julho foi muito proveitoso, e encaminhamentos importantes foram extraídos desse encontro, no qual o Docomomo Brasil participou de maneira bastante ativa.

Figura 5: Diálogos com outras entidades em defesa do patrimônio moderno.



Fonte: Fotomontagem de Alcília Afonso 2022

O CAU PE também promoveu um evento- “Seminário Pioneiros da Arquitetura Pernambucana 2022”, organizado pela doutoranda Juliana Santos, em Recife, durante o mês de setembro, que promoveu palestras, lançamentos de livros, diálogos entre pesquisadores, profissionais e estudantes que vêm se dedicando à salvaguarda da documentação e da conservação da modernidade pernambucana e nacional.

Fundamental tem sido a participação do DOCOMOMO Brasil nas discussões existentes pelo “Fórum de entidades em defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro”, criado em Porto Alegre, em 10 de outubro de 2019, que reúne entidades da sociedade civil para fomentar a mobilização contra os ataques promovidos contra o Iphan/ Instituto de patrimônio histórico e artístico nacional, e o Patrimônio Cultural Brasileiro.

A partir de agosto de 2020, o Fórum passou também a se articular em Núcleos Estaduais, capilarizando sua mobilização, e o DOCOMOMO Brasil tem indicado membros para atuarem em seus respectivos estados, articulando-se com a coordenação nacional e apoiando a luta em prol da preservação da cultura brasileira.

INTERNACIONALIZAÇÃO

As relações do DOCOMOMO Brasil com o DOCOMOMO Internacional, vêm sendo realizadas através de diálogos virtuais com Uta Pottgiesser (Chair) e Wido Quist (Secretary General).

O DOCOMOMO International possui seis comitês de especialistas internacionais, "International Specialist Committees (ISC) concentrados nas áreas de Registros, Tecnologia, Urbanismo + paisagens, Educação +Training, Interior Design e Publicações, e o Brasil atualmente, possui apenas dois membros que representam nosso país: Dra. Ruth Verde Zein no ISC/Registers, e Dra. Marta Peixoto no ISC/Interior Design.

A gestão encaminhou desde que assumiu, os nomes de filiados para representar a entidade nos demais comitês, mas os trâmites internos internacionais ainda estão realizando análises documentais exigidas pela entidade, que possui sua forma própria de selecionar as indicações realizadas pelas entidades dos países parceiros.

Conforme foi visto anteriormente, atualmente, no DOCOMOMO Brasil temos 66 (sessenta e seis) membros filiados na categoria internacional, que vêm se articulando em rede internacional para os avanços na área, realizando participações em eventos, pesquisas em rede, entre outras atividades. Essas conexões têm sido fundamentais e temos percebido o acolhimento internacional de nosso trabalho.

PUBLICAÇÕES

Na área de publicações, a gestão continuou a administração financeira da Revista DOCOMOMO Brasil, apoiando o corpo editorial no sentido de possibilitar a veiculação de números produzidos e organizados pelos editores, tendo resolvido os problemas técnicos do site, criado um novo site e capacitado técnicos para colaborarem na gestão do periódico virtual. O atual corpo editorial é composto pelos membros Helio Herbst, Marta Peixoto e Ricardo Paiva.

Estamos também, dando continuidade ao boletim DOCOMEMOS, que socializa de forma online para os filiados, notícias coletadas nos núcleos regionais, e com pesquisadores individuais, que trazem à tona, eventos, lançamentos de livros, notas de pesar, notas de repúdio, croquis, entre outras informações que sempre estamos difundindo (Figura 6).

Neste ano, foi montado ainda, um dossiê temático, composto de 10 (dez) artigos sobre a relação do patrimônio industrial com a modernidade, para ser veiculado na Revista Labor e Engenho da UNICAMP/São Paulo, tendo como editores responsáveis, eu, Alcília Afonso/UFCG, e o Dr. André Argollo/ UNICAMP (editor chefe da Revista Labor e Engenho).

Figura 6: Publicações DOCOMOMO Brasil 2022.



Fonte: Montagem de Alcília Afonso 2022.

A partir de nossa gestão, foi produzido por nossa entidade, o primeiro E-book, "Conexões Modernas no Brasil: documentar, conservar e conectar" (Figura 7), que foi organizado por mim e por Celma Chaves (UFPA), tratando-se de um produto cultural que pretendeu dar início a um trabalho de divulgação de resultados de pesquisas e atividades desenvolvidas por profissionais filiados ao DOCOMOMO Brasil que estudam e atuam com a preservação do patrimônio da modernidade.

O e-book composto por 400 páginas, está dividido em duas partes: a parte 1 que se intitula "Conexões regionais da modernidade arquitetônica"; e a parte 2, "Moderno em movimento, usos, reusos e novas cartografias". Trata-se de um documento que comemora os trinta anos de atuação do DOCOMOMO BRASIL, conectando saberes e olhares sobre a documentação e a conservação do acervo moderno nas mais distintas regiões brasileiras sobre essa produção. Foi produzido pelo DOCOMOMO Brasil e é distribuído gratuitamente no site a todos os interessados, pelo tema da modernidade brasileira.

Figura 7: Capa e vinhetas das partes 1 e 2 do e-book "Conexões regionais da modernidade arquitetônica".



Fonte: Montagem de Alcília Afonso 2022.

CAPACITAÇÕES

Na área de capacitações o DOCOMOMO Brasil na nossa gestão organizou no ano de 2022, quatro eventos que procuraram retomar questões cruciais no debate sobre modernidade, tais como a conservação das obras arquitetônicas modernas; a paisagem da modernidade, as relações entre a tipologia industrial e a modernidade, e as comemorações reflexivas sobre os 30 anos de nossa entidade. Dessa maneira, foram produzidos (Figura 8) :1) 1º Fórum de conservação do patrimônio moderno: tecnologias do concreto;

2) 1º Fórum Nacional: Paisagem & Modernidade; 3) "DOCO30 + LELÉ90: Fábrica e Patrimônio"; 4) O "Fórum Internacional de Patrimônio Industrial: Diálogos com a Modernidade".

O "1º Fórum de conservação do patrimônio moderno: tecnologias do concreto" ocorreu em 11 de março de 2022, de forma virtual e foi organizado pelo grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/GRUPAL UFCG, em parceria com o DOCOMOMO Brasil e contou com a colaboração da FAUUSP/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; da Universidade Federal do Ceará/UFC, da UFBA/ Universidade Federal da Bahia. Foi composto de quatro mesas temáticas, doze palestrantes, 10 instituições representadas, oito horas de palestras e 136 inscritos. A coordenação do evento ficou sob minha responsabilidade, pois tenho atuado na área de conservação do patrimônio moderno e suas distintas tectônicas, mantendo contatos com uma rede de pesquisadores nacionais e internacionais na área.

Figura 8: Chamadas socializadas em rede dos eventos promovidos pelo DOCOMOMO Brasil em 2022.



Fonte: Montagem de Alcília Afonso.2022.

O segundo evento- "I Fórum Nacional: Paisagem & Modernidade" ocorreu no dia 29 de abril, e foi organizado pelo Grupal UFCG em parceria com IcomosDoc e DOCOMOMO Brasil, e teve quatro mesas temáticas, treze palestrantes, com a presença de todas as cinco regiões brasileiras representadas, oito horas de palestras e 107 inscritos. A coordenação do evento foi de nossa filiada e conselheira fiscal, doutora na área de paisagem, Alda Ferreira, que realizou a articulação com colegas da área da paisagem.

O evento "DOCO30 + LELÉ90: Fábrica e Patrimônio" foi coordenado pela professora Dra. Ceila Cardoso/UFBA, em formato híbrido, e ocorreu entre os dias 19 e 21 de maio de 2022. Foi uma iniciativa do grupo "FABER: Arquitetura, Construção, Tecnologia e Patrimônio (FAUFBA) ", com apoio do DOCOMOMO Brasil, DOCOMOMO núcleo BA_SE e do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL/ UFCG). Foram oito mesas temáticas, três palestras, trinta e um convidados, duas oficinas presenciais, 110 inscritos, com vinte horas de discussão sobre a obra de Lelé e os 30 anos do DOCOMOMO Brasil.

O "Fórum Internacional de Patrimônio Industrial: Diálogos com a Modernidade" ocorreu entre os dias 18 e 19 de agosto de 2022, e pretendeu aproximar as relações entre o patrimônio da modernidade e o industrial: duas tipologias patrimoniais, relativamente recentes, e que não vêm recebendo a devida atenção de uma agenda política preservacionista no nosso país. Observa-se a cada dia, a necessidade em se resgatar, discutir e procurar soluções que documentem e tratem da conservação do acervo

dos bens modernos industriais. Foi composto de seis mesas temáticas, dezessete palestrantes, com um alcance internacional, totalizando 12 horas de palestras e 127 inscritos. Foi organizado pelo GRUPAL UFCG e contou com a parceria do DOCOMOMO Brasil, TICCIH Brasil, e ICOMOSdoc.

O DOCOMOMO Brasil ainda apoiou a organização do “9º Seminário Docomomo Norte Nordeste”, ocorrido em São Luís/ Maranhão, de formato híbrido, entre os dias 28 a 30 de setembro de 2022, colaborando na composição do comitê científico, da organização das palestras, e nos produtos finais, como a elaboração dos Anais do evento e do e-book “Ecos da Modernidade”, que está em fase de pré-produção.

SOCIALIZAÇÃO EM REDES

Como maneira de manter a sociedade informada sobre as atividades do DOCOMOMO Brasil, apresentando notícias, atuações, eventos, manifestos, apoios e resultados em geral, dos trabalhos de nossos membros filiados, a entidade tem investido sempre na ampliação e criação de novas redes sociais, como forma de se aproximar do público em geral, que utiliza cada vez mais, esse tipo de mídia digital.

Assim, ampliamos o horizonte e podemos desenvolver uma política de educação patrimonial em redes sociais como o Facebook (3.500 seguidores), Instagram (2.473 seguidores) e os recém-criados, canal do Docomomo Brasil no Youtube (112 inscritos) e LinkedIn (67 seguidores). Observa-se que temos que trabalhar cada vez mais para estar presente nestas redes e se conectar de maneira mais ágil e dinâmica com todo o público interessado em colaborar com nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano em que se comemora o aniversário de 30 anos do DOCOMOMO Brasil, a atual gestão procura ser contemporânea com suas atuações, atualizando propostas e permitindo novas conexões, novos olhares, e demandas. Dialogar e articular tem sido dois objetivos sempre presentes em nosso planejamento, além de procurar pessoas dinâmicas, engajadas, ativistas patrimoniais que possam enfrentar a atual crise pela qual passa o nosso país, após período pandêmico e o caos político dos últimos anos do Governo Federal, onde pôde ser observado o abandono pelas questões culturais e pela preservação de nossa identidade.

Há muito ainda o que ser realizado pela preservação da documentação e da conservação da modernidade brasileira, principalmente, naqueles estados mais longínquos, nos quais os cursos de graduação e pós-graduação ainda são incipientes, e ainda tem muito por ser resgatado e salvaguardado. Temos essa missão de articular, orientar, conectar, interagindo saberes de forma inter e multidisciplinar. O caminho é longo, contínuo e devemos seguir sempre em frente.

O RESTAURO DO MOBILIÁRIO MODERNO DE KARL HEINZ BERGMILLER PARA O PALÁCIO ITAMARATY

THE RESTORATION OF MODERN FURNITURE BY KARL HEINZ BERGMILLER FOR THE ITAMARATY PALACE

LA RESTAURACIÓN DE MOBILIARIO MODERNO POR KARL HEINZ BERGMILLER PARA EL PALACIO DE ITAMARATY

Fernanda Freitas Costa de Torres

Doutora, Instituto Federal de Brasília, fernanda.torres@ifb.edu.br

Frederico Hudson Ferreira

Doutor, Instituto Federal de Brasília, frederico.ferreira@ifb.edu.br

Ana Claudia Maynardes

Doutora, Universidade de Brasília, anacmay@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca contribuir para a difusão da história do design brasileiro do mobiliário moderno desenvolvido pelo designer Karl Heinz Bergmiller, para compor os ambientes administrativos do Palácio Itamaraty, em Brasília, nos anos 1960 e 1970. Resgatando sua história e memória, dialogando com interface de conhecimentos do design, educação e sua relação com a preservação do patrimônio cultural brasileiro, tem o objetivo de promover a democratização do acesso aos bens culturais móveis integrados à arquitetura modernista e executar o projeto de restauro executado pelo Núcleo de Pesquisa em Mobiliário Moderno do Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Samambaia, por meio de um Acordo de Cooperação Técnica entre IFB e Ministério das Relações Exteriores (MRE) e com o apoio Universidade de Brasília (UnB), foram realizadas pesquisas em documentos, desenhos, fotografias e em métodos de produção da época. Para tanto, a Oficina Escola de Restauro de Mobiliário Moderno do IFB, realiza ação de ensino, pesquisa e extensão na área temática do patrimônio cultural e recuperação de bens culturais móveis, recuperou parte do acervo Palácio Itamaraty, assinado por Karl Heinz Bergmiller.

PALAVRAS-CHAVE: design; mobiliário moderno; karl heinz bergmiller; restauro; educação;

ABSTRACT

This article seeks to contribute to the dissemination of the history of Brazilian design through the modern furniture developed by designer Karl Heinz Bergmiller, to compose the administrative environments of the Itamaraty Palace, in Brasília, in the 1960s and 1970s. Rescuing its history and memory, dialoguing with interface of design knowledge, education and its relationship

with the preservation of Brazilian cultural heritage, aims to promote the democratization of access to movable cultural assets integrated into modernist architecture. Through a restoration project carried out by the Research Center in Modern Furniture of the Federal Institute of Brasília (IFB) Samambaia campus, through a Technical Cooperation Agreement between IFB and the Ministry of Foreign Affairs (MRE) and with the support of the University of Brasília (UnB), research was carried out on documents, drawings, photographs and production methods of the time. To this end, the IFB School of Modern Furniture Restoration Workshop, through a teaching, research and extension action in the thematic area of cultural heritage and recovery of movable cultural assets, recovered part of the Itamaraty Palace collection, signed by Karl Heinz Bergmiller.

KEYWORDS: *design; modern furniture; karl heinz bergmiller; restoration; education;*

RESUMEN

Este artículo busca contribuir a la divulgación de la historia del diseño brasileño a través del mobiliario moderno desarrollado por el diseñador Karl Heinz Bergmiller, para componer los ambientes administrativos del Palacio de Itamaraty, en Brasília, en las décadas de 1960 y 1970. Rescatando su historia y su memoria, dialogando con la interfaz del conocimiento del diseño, la educación y su relación con la preservación del patrimonio cultural brasileño, tiene como objetivo promover la democratización del acceso a los bienes culturales muebles integrados en la arquitectura modernista. A través de un proyecto de restauración realizado por el Centro de Investigación en Mobiliario Moderno del Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Samambaia, a través de un Convenio de Cooperación Técnica entre el IFB y el Ministerio de Relaciones Exteriores (MRE) y con el apoyo de la Universidad de Brasília (UnB), se investigó sobre documentos, dibujos, fotografías y métodos de producción de la época. Para ello, el Taller de Restauración de la Escuela de Muebles Modernos del IFB, a través de una acción de docencia, investigación y extensión en el área temática de patrimonio cultural y recuperación de bienes culturales muebles, recuperó parte del acervo del Palacio de Itamaraty, firmado por Karl Heinz Bergmiller.

PALABRAS CLAVES: *diseño; muebles modernos; karl heinz bergmiller; restauración; educación;*

INTRODUÇÃO

Brasília possui um dos maiores e mais expressivos acervos do mobiliário moderno brasileiro. Nos interiores dos Palácios, encontramos obras de Oscar Niemeyer e de sua filha Anna Maria, Sérgio Rodrigues, Bernardo Figueiredo, Joaquim Tenreiro, Lina Bo Bardi, Jorge Zalszupin, Karl Heinz Bergmiller, Elvin Dubugras e de tantos outros profissionais, brasileiros e estrangeiros, que contribuíram para a constituição, reconhecimento e valorização do mobiliário moderno brasileiro e que, em Brasília, encontraram um espaço privilegiado para acolher sua produção.

De acordo com Santos (2015), a partir da década de 1930 houve um movimento de transição pautado por uma revisão de influências externas e pela valorização das formas e materiais de origem nacional, ao mesmo tempo que o processo de industrialização em implantação torna-se alicerce para o país, representando assim, um período de mudança para o programa modernista do mobiliário. Já a década de 1950 mostrou um momento político e economicamente bastante favorável às iniciativas ligadas à produção industrial. A construção de Brasília consistiu em importantes incentivos para a validação e consolidação da arquitetura moderna, bem como para o desenvolvimento do desenho industrial. A chancela definitiva para o movimento moderno na arquitetura e no design talvez tenha sido o convite a diversos arquitetos e designers para projetarem os mobiliários e a ambientação de interiores dos edifícios administrativos da nova capital. Poucas cidades podem se orgulhar de abrigar um acervo tão representativo do movimento moderno que dialoga, complementa e enriquece o patrimônio edilício, urbanístico e paisagístico da cidade.

Visando a preservação, a conservação e o restauro desse rico acervo, o grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa em Mobiliário Moderno do Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Samambaia, no Distrito Federal, composto por professores, pesquisadores e estudantes, vivencia a experiência da pesquisa constante relacionada à história do mobiliário desenvolvido para Brasília. Tem como procedimento básico de estudo o levantamento histórico e artístico e seu contexto, assim como o levantamento iconográfico e da legislação. Realiza também o levantamento estrutural do estado de conservação, onde a intervenção física, quando necessária, se dá através de ações de restauração, conservação, manutenção, revitalização, reabilitação e reconstrução, através da Oficina Escola de Restauro de Mobiliário Moderno.

Para tanto, este trabalho relata pesquisa que foi realizada acerca dos mobiliários modernos das décadas de 1950 e 1960, pertencentes ao acervo do Palácio do Itamaraty de autoria de Karl Heinz Bergmiller e seu respectivo restauro. Para tal, utilizou-se o método do estudo de caso exploratório, por meio de análises de documentos, em pesquisa de campo, e o restauro de vinte bens.

O PALÁCIO DO ITAMARATY

O Palácio do Itamaraty (ou Palácio dos Arcos) é a sede do Ministério das Relações Exteriores (MRE), da nova Capital do Brasil, inaugurado em 1967, e foi o último dos palácios a ser construído em Brasília. É um edifício público, com parte de seu espaço aberto à visitação diariamente e, semelhante a um museu, possui ações culturais e educativas, o prédio e seus ambientes, pois é um importante projeto de Oscar Niemeyer com paisagismo de Burle

Marx no interior e no entorno, e abriga um acervo de obras de arte, objetos e mobiliário de diferentes épocas da história do país. Seu rico acervo é composto por obras de renomados artistas e designers brasileiros, como Athos Bulcão, Bruno Giorgi, Candido Portinari, Debret, Franz Weissmann, Manabu Mabe, Mary Vieira, Milton Dacosta, Tommie Ohtake, Volpi, Alfredo Ceschiatti, Victor Brecheret, Maria Martins, Anna Maria Niemeyer, Sérgio Rodrigues, Bernardo Figueiredo, Joaquim Tenreiro, Karl Heinz Bergmiller, dentre outros, e é representativo da criatividade brasileira desde o barroco até o contemporâneo.

À época da construção do palácio, a mobilização dos artistas e designers brasileiros foi coordenada por Wladimir Murtinho, chefe da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília, e por Olavo Redig de Campos, chefe do Serviço de Conservação e Patrimônio que, em contato direto com Oscar Niemeyer, visavam garantir que o projeto de arquitetura e interiores não só atendesse às necessidades do cerimonial do Estado, e suas particularidades, mas, como um órgão de representação da diplomacia brasileira, o Palácio Itamaraty se mostrasse ao mundo totalmente brasileiro.

Em relação ao mobiliário moderno, especialmente desenhado e produzido para as salas administrativas do palácio, era prerrogativa que se harmonizassem ao ambiente palaciano, composto por salas de pé direito elevado e grandes dimensões. Por outro lado, já que os móveis modernos figuravam ao lado de peças antigas, era necessário que, fosse nos materiais empregados, fosse no alto nível do desenho e execução, não perdessem em conforto comparados aos dos séculos anteriores, mas que, pelo contrário, o contínuo desenvolvimento e a qualidade do móvel nacional. Para tanto, tendo em vista a necessidade de conservar uma unidade na decoração original do Palácio do Itamaraty, que ficou a cargo de apenas quatro profissionais: Sérgio Rodrigues, Bernardo Figueiredo, Joaquim Tenreiro e Karl Heinz Bergmiller. Bernardo Figueiredo se referia aos projetos de mobiliários que fazia para o Palácio como "linha palaciana", em oposição aos seus projetos de peças de uso residencial e de escritório, termo que pode ser estendido para Tenreiro e Sérgio Rodrigues, (Revista da ABD, 2017).

Segundo texto de apresentação da Exposição "Desenhando um Palácio" (2018), o MRE, desde 1926 até 1968, encomendou peças de mobiliário especialmente adaptados às suas rotinas, criando, em seus palácios sede, ambientes para desempenhar as três funções da diplomacia: informar, negociar e representar o Brasil.

A função "informar" tem o objetivo de manter o governo brasileiro informado sobre tudo que possa interessar ao país. A representação do país no exterior, por meio dos diplomatas, acompanha informações acerca de economia, novas tecnologias e técnicas, entre outros assuntos que venham a contribuir para o desenvolvimento social e econômico, assim como busca oportunidades de divulgação da cultura e dos produtos e serviços brasileiros.

Já a função "negociar" é a "essência da atividade diplomática", na qual os representantes diplomáticos se sentam à mesa para defender os interesses de seus países. A arquitetura de interiores do Palácio Itamaraty faz algumas referências a essa importante atividade da diplomacia.

Por fim, a função "representar" é um dos deveres dos diplomatas. Atividades de representação são cerimônias que marcam momentos importantes da vida diplomática e política. Os palácios do Rio de Janeiro e de Brasília

servem com eficiência para as atividades de representação, pois têm salões adaptados para diferentes formatos de cerimoniais, e por possuírem acervo de arte e design que mostra a riqueza e a variedade das artes e da manufatura brasileira (SCOZ; MAYNARDES; 2019).

O mobiliário do MRE visava a criação ambientes para a representação, mas, especialmente, para a negociação:

quanto aos móveis, foram desenhados segundo as exigências da diplomacia. As pessoas que vivem no palácio, explica o embaixador Murtinho, muitas vezes são de idade. Se você os senta numa Mies Van Der Rohe, não conseguem mais se levantar. Também é necessário que se possa falar-lhes ao pé do ouvido ou traduzir-lhes uma conversa. Nossas poltronas são, portanto, fartas e sem rebuscamento inútil. Salvo pelo salão de recepção do ministro – onde elas são rijas, incômodas, intimidantes. Não se visita o ministro para brincar. É necessário um certo aparato (Revista da ADB, 2017, pg 21).

Segundo SCOZ; MAYNARDES (2019), os projetos de mobiliário desenvolvidos para o palácio, em sua maioria, foram pensados exclusivamente para o uso interno do MRE e não tiveram produções comercializadas. Assim, muitas peças ou coleções são únicas e estão em plena utilização em ambientes de trabalho. Exemplo disso são as poltronas do Auditório Wladimir Murtinho produzidas por Hermann Müller; as mesas, cadeiras, poltronas e os sofás dos gabinetes do Ministro e embaixadores, de Sérgio Rodrigues; os inúmeros móveis de escritório, projetados por Karl Heinz Bergmiller; e as Cadeiras Arcos, de Bernardo Figueiredo, entre outros.

Uma das características mais marcantes da coleção de mobiliário do Palácio é a junção de traços modernos com peças antigas. Até hoje, ao menos cem peças de famosos designers brasileiros estão em uso ao lado de tapeçarias, luminárias, quadros e móveis, vindos de todo o Brasil e de diferentes épocas. O Itamaraty também possui uma grande quantidade de móveis de escritório dos anos 1970 e 1980, demonstrando a evolução do desenho industrial, e fazendo parte da historiografia do design brasileiro.

O MOBILIÁRIO DE KARL HEINZ BERGMILLER

Karl Heinz Bergmiller, nasceu em 1928, na Alemanha. Formado em desenho industrial na Hochschule Für Gestaltung (Escola Superior da Forma) em Ulm, foi um dos precursores do Desenho Industrial Moderno instalado no Brasil na década de 1960. Ao lado de Geraldo de Barros e Alexandre Wollner, participou de um dos primeiros escritórios de design, o Forminform, com o intuito de tocar projetos de caráter de produção industrial. Em 1959 mudou-se para o Rio de Janeiro e se envolveu na estruturação da Escola Superior de Desenho Industrial, a ESDI, que seguia uma proposta pedagógica com orientação técnico-produtiva e funcionalista, tendo por referência conceitos formais de Max Bill por intermédio da sua atuação. Juntamente com Sérgio Rodrigues e Bernardo Figueiredo, Karl Heinz foi chamado para desenvolver o mobiliário dos blocos representativo e administrativo do Palácio do Itamaraty, projetou uma mesa que pudesse ser utilizada quando ultrapassasse o limite de convidados no salão de Banquetes em eventos e comemorações e tivessem que avançar para o terraço do Palácio. Já para

o bloco administrativo, projetou mesas de escritório e de apoio com especificidades funcionais dentro dos conceitos de “padrão”, tão difundidos à época. Alguns desenhos dos móveis de Bergmiller ainda se encontram conservados no Departamento de Arquitetura e Engenharia do Palácio Itamaraty. As escrivaninhas, assim como as mesas de datilografia e os carrinhos volantes são as peças que encontramos com mais frequência e que ainda estão em uso. A maioria dos móveis possui uma estrutura fixa básica: tubo de aço de seção retangular pintado de preto e peças padronizadas em madeira laminada (SCOZ; MAYNARDES; 2019).

Segundo Souza (2019) poucos trabalhos profissionais na área do design evidenciaram influência tão acentuada da escola HfG-Ulm como o de Karl Heinz Bergmiller. Na ESDI, passou pouco tempo, cerca de dois anos. Desenvolveu um trabalho intenso, notável, no curso fundamental. Definiu ideias e princípios básicos desse setor da Escola a ponto de muitos anos depois de sua partida, ainda se constituir em parâmetro de rigor e qualidade. No escritório Forminform, iniciou suas atividades em São Paulo que, juntamente com Alexandre Wollner, tinham a ideia de “aplicar na prática o que se propunha em Ulm: um design de sentido amplo, em uma empresa de serviços que integrasse as áreas de desenho industrial e comunicação visual” (SOUZA, 2019). Ao mesmo tempo, havia a intenção de se trabalhar em arquitetura de interiores e processos de racionalização pensava que isso poderia parecer pretensioso para a época; há cerca de cinquenta anos, porém, era absolutamente coerente com as ideias gerais de um país que se considerava projetado para o futuro. Para a Unilabor, fábrica de móveis modernos que adotou a forma de uma comunidade de trabalho, conduzido por frei João Batista Pereira dos Santos, Bergmiller desenvolveu uma mesa elástica, e dizia que a empresa, durante as décadas de 1950–60, fabricou móveis destinados a um consumo médio, com qualidade artesanal, os quais não apresentavam elementos supérfluos, sempre projetados racionalmente. A Unilabor recebeu apoio de empresários, intelectuais e artistas de São Paulo e entre seus principais colaboradores estava Geraldo de Barros, responsável pelo design da maioria dos móveis lá produzidos.

Para o Palácio Itamaraty, Bergmiller projetou vários tipos de móveis de escritório, todos em virtude de algumas prerrogativas funcionais (móveis de escritório e toda a sua gama de sub-funcionalidades de uso) e de fabricação. A maioria dos móveis possui uma estrutura fixa básica: tubo de aço de seção retangular pintado de preto e peças padronizadas em madeira laminada. Essa “estrutura base” projetada por Bergmiller se tornou símbolo dos conceitos funcionalistas utilizados para a industrialização dos produtos da Escrita, empresa na qual trabalhou e que é responsável por grande parte do mobiliário presente no Palácio. A partir desse padrão é que se instituiu toda uma linha de mobiliário de escritório que compôs o catálogo da Escrita e que mobiliou também o Palácio Itamaraty. Nos arquivos do Palácio existem algumas pranchas que contêm os desenhos técnicos assinados pelo designer e datadas de 1968 (SCOZ; MAYNARDES; 2019).

O PROJETO DE RESTAURO DO MOBILIÁRIO MODERNO DE KARL HEINZ BERGMILLER

A conservação do patrimônio cultural sob todas as suas formas e em todos os seus períodos históricos está enraizada nos valores atribuídos ao próprio patrimônio (Conferência de Nara de 1994).

Para tanto, na Oficina-escola restauro de mobiliário moderno do Instituto Federal de Brasília foram recuperadas cerca de dez peças de mobiliário moderno de alguns ambientes do bloco da administração do Palácio Itamaraty, onde se localiza a maioria dos escritórios pertencentes ao Palácio. Ali existem coleções com muitas modelos de diferentes funções: mesas para reuniões e de apoio, mesas de escritório, escrivaninhas, sofás, entre outras, sendo que alguns estão em uso desde 1967.

O projeto de restauro do mobiliário moderno de Karl Heinz Bergmiller tem como objetivo principal a preservação do bem cultural, onde o design e a educação atuam como mediação cultural na preservação do patrimônio brasileiro. O projeto baseou-se nos princípios da mínima intervenção, autenticidade, distinguibilidade, reversibilidade, valores simbólicos e o registro, para o retorno do bem cultural ao uso, não somente como coleção e exposição.

Na Oficina-escola restauro de mobiliário moderno é vivenciada a experiência da pesquisa constante na história do mobiliário desenvolvido para Brasília, aprofundando os conhecimentos em preservação, conservação e em um restauro exigente, de acordo com as demandas de cada bem cultural. E também pesquisas históricas do mobiliário moderno, através de levantamento iconográfico e de legislação.

O diagnóstico realizado é sempre minucioso (Figura 1), traz um Levantamento estrutural bem detalhado do estado de conservação do Bem e uma proposta de intervenção técnica. A intervenção física, quando necessária, se dá através de ações de restauração, conservação, manutenção, revitalização, reabilitação e reconstrução e, por fim, a documentação do restauro.

Figura 1: Aparador - mobiliário no estado de conservação encontrado para perícia, antes da intervenção



Fonte: acervo IFB. Foto: André Zimmerer

No projeto de restauro do mobiliário moderno de Karl Heinz Bergmiller recuperou-se mesas de reunião e mesas de apoio escrivatinhas, aparadores e carinhos volantes. Durante a perícia de diagnóstico das peças, havia predominantemente: manchas generalizadas, sujidade, mossas e perda de material, acabamento danificado e com lascas, peças quebradas com perda de pigmentação, puxadores danificados, metais com perdas de pigmentação, falta de prateleiras. Algumas peças apresentavam etiquetas originais da Escriba na parte inferior.

Durante o projeto de restauro realizou-se—a identificação de autoria, higienização, desmontagem, remoção de acabamento, lixamento, em seguida ao lixamento foi produzida uma massa com selador e o pó do lixamento para o preenchimento de falhas e buracos existentes por calafetação (processo de preenchimento através da aplicação de massa própria), assim como o enxerto de lâminas de madeira, troca de laminado, regulagem das gavetas, troca de parafusos, acréscimo de puxador para gaveta, acréscimo de plataforma de madeira entre a parte superior e a base de metal, pintura manual de pontos esbranquiçados, colagem em rachadura na gaveta, aplicação de pintura de coloração original e cera em todas as partes em todas as partes (Figuras 2, 3 e 4).

Figura 2, 3: Oficina de restauro no IFB, processos de intervenção no mobiliário



Fonte: acervo IFB. Foto: André Zimmerer

Figura 4: Aparador - mobiliário restaurado e pronto para o uso.



Fonte: acervo IFB. Foto: André Zimmerer

CONCLUSÃO

Entende-se que o design é tangível e intangível; é também político e carrega consigo a cultura inerente ao homem, assim como a história do patrimônio cultural brasileiro. As criações de design contam histórias e trazem memórias do contexto em que se inserem, nesse sentido, estão diretamente conectadas com os produtos voltados para a valorização do patrimônio brasileiro. O design se concentra em processos para gerar valor do bem cultural, como um sistema e como uma experiência. Ou seja, o design para o patrimônio cultural oferece uma visão sistêmica de valorização (LUPO, 2009).

A partir do entendimento da relação do design com a valorização da cultural, torna-se necessário que a educação patrimonial seja um dos instrumentos de mediação cultural para que haja efetiva valorização e preservação da cultura brasileira.

A contribuição do designer Karl Heinz Bergmiller para a difusão e concretização do design no Brasil. Ele permanecerá na história como um designer que impulsionou a profissão e marcante principalmente no mobiliário exclusivo para o Palácio Itamaraty de Brasília onde, até o momento, foram identificadas cinco modelos/linhas.

Por isso, acredita-se que o Palácio do Itamaraty pode ser considerado hoje um grande museu onde se encontram peças que contam a história do mobiliário brasileiro, desde o período colonial, passando pela pré-industrialização, pós industrialização até os dias atuais. Isso não é só importante apenas como registro, mas para que as novas gerações conheçam e saibam que parte da história do design brasileiro está aqui na capital do Brasil e que permaneceu por estes longos anos.

Para tal conhecimento e reconhecimento, o bem cultural móvel, que continuará em uso, necessita muito mais do que o reconhecimento do seu valor histórico, necessita de medidas que viabilizem a sua perpetuação

através do tempo, através dos projetos de conservação e restauro que precisam ser vistos como uma ação de política pública.

Esse foi mais um desafio do projeto de restauro, recuperar ícones exclusivos da história do mobiliário moderno, sua memória e valor como patrimônio cultural, algumas vezes peças únicas, desenvolvidas na década de 1960, que estiveram em uso no decorrer dos últimos 50 anos, e muitas vezes sem a preservação preventiva adequada. E após o projeto de restauro, retornou ao mesmo local, e continuará em pleno uso por autoridades políticas do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Distrito Federal (IPHAN DF), ao apoio da Fundação de Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) e ao Ministério das Relações Exteriores (MRE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTA DE CRACÓVIA, 2000. Disponível em: <http://www.patrimonio cultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>. Acesso 06 de maio, 2019.

COSTA, J. A., **Arquitetos-designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. 2014. 215f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 2014.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso 06 de maio, 2019.

EXPOSIÇÃO, **Desenhando para um palácio**, 2018. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-br/desenhando-para-um-palacio>. Acesso 16 de junho, 2020.

GONÇALVES, J. R. S., 2002. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: editora UFRJ.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Museu Imperial, 1999.

KUHL, B. M. **Projetos de intervenção em bens arquitetônicos de interesse cultural: por um diálogo construtivo entre o novo e a preexistência**. In: Anais. Natal: Enanparq, 2012.

LUPO E., (WITH PARENTE M.), **Il sistema design Italia e la valorizzazione dei beni culturali**. Polidesign, Milano, 2009.

MARTINS, S.; **Reia-journal of anthropological studies and investigations**, year 1, volume 1 (1): 2014. The experience of modernity and cultural heritage.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMATAS BRASILEIRO, ano xix nº 94. 2017. **O Itamaraty e o design**.

SANTOS, M.C. L.; SAKURAI, T. **Móvel moderno brasileiro**. São Paulo: editora olhares, 2017.480p.

SCOZ, J. C.; MAYNARDES, A. C.; **Karl Heinz Bergmiller e o Palácio Itamaraty**, p. 6080. In: anais do 13º Congresso pesquisa e desenvolvimento em design

(2018). São Paulo: editora blucher, 2019.issn 2318-6968, doi 10.5151/ped2018-1.1_aic_02.

SOUZA, P. L. P. **Karl Heinz Bergmiller: um designer brasileiro** [livro eletrônico]. São Paulo: editora Blucher, 2019.

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PESSOAIS E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR CONCEITUAL E FÍSICO

uma aproximação entre arquitetura, urbanismo e a
psicologia moderna

*THE CONSTRUCTION OF PERSONAL IDENTITIES AND THE CONSTRUCTION OF
CONCEPTUAL AND PHYSICAL PLACE*
an approximation between architecture and modern psychology

*LA CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES PERSONALES Y LA CONSTRUCCIÓN DEL
LUGAR CONCEPTUAL Y FISICO*
una aproximación entre la arquitectura y la psicología moderna

Jéssica de Souza Silva

*Graduanda, DEAAU – Departamento Acadêmico de Arquitetura e
Urbanismo da UTFPR –
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
jessica.1997@alunos.utfpr.edu.br.*

Karina Scussiato Pimentel

*Dr. Arquiteta, Professora Magistério Superior.
DEAAU – Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da UTFPR
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
kspimentel@professores.utfpr.edu.br*

RESUMO

A partir do envolvimento do indivíduo com as construções em uma relação além dos fatores físicos e funcionais, esta aproximação com a psicologia moderna propõe ao leitor um olhar sensível para arquitetura e urbanismo através da difusão do reconhecimento do real valor e importância dos lugares para o desenvolvimento humano; o presente estudo resulta-se da investigação acerca da construção de identidades pessoais relacionada à construção de lugares conceituais e físicos. Além da necessidade inata de garantir o seu próprio valor e lugar na sociedade, o indivíduo se envolve com a arquitetura em um evento que emerge da relação sensorial entre o sujeito e uma construção. A importância do lugar para os movimentos sociais e para a constituição de identidades culturais está justamente na sua indissociabilidade com a experiência do indivíduo, e consequentemente, com a sua existência e identidade pessoal. Cabe a arquitetura e ao urbanismo promoverem lugares fluidos e inclusivos que possibilitem uma relação saudável e profunda para todas as pessoas, sem distinções. Nesta relação a psique deve encontrar sustento para construir uma identidade pessoal. Portanto, para evidenciar a urgência por um olhar mais sensível para com as construções, as autoras investigam a fundo a relação entre as construções arquitetônicas e a construção de identidades e realizam uma tentativa de classificar as interações entre a arquitetura e ambas as capacidades da psique, os sentidos, a memória e o espaço tempo.

PALAVRAS-CHAVE: sensibilidade, identidade pessoal, arquitetura urbanismo e psicologia moderna, fluida, inclusiva.

ABSTRACT

As of the individual's involvement with constructions in a relationship beyond physical and functional factors, this approximation with modern psychology proposes a sensitive look at architecture and urbanism through the diffusion and recognition of the real value and importance of places for the human development; the present study is the result of the investigation about the construction of personal identities related to the construction of conceptual and physical places. In addition to the innate need to guarantee their own value and place in society, the individual engages with architecture in an event that emerges from the sensorial relationship between the subject and the construction. The importance of the places for social movements and for the constitution of cultural identities is precisely in its indissociability with the experience of the individual, and consequently, with his existence and personal identity. It is up to architecture and urbanism to promote fluid and inclusive places that enable a healthy and profound relationship for all people, without distinction. In this relationship, the psyche must find support to build a personal identity. Therefore, to highlight the urgency for a more sensitive look at constructions, the authors investigate in depth the relationship between architectural constructions and the construction of identities and make an attempt to classify the interactions between architecture and both capacities of the psyche, senses, memory and space-time.

KEYWORDS: *sensitivity, personal identity, architecture urbanismo and modern psychology, fluid, inclusive.*

RESUMEN

A partir de la implicación del individuo con las construcciones en una relación más allá de los factores físicos y funcionales, esta aproximación con la psicología moderna propone al lector una mirada sensible a la arquitectura y el urbanismo a través de la difusión del reconocimiento del valor y de la importancia de los lugares para el desarrollo humano; el presente estudio es el resultado de la investigación sobre la construcción de identidades personales relacionadas con la construcción de lugares conceptuales y físicos. Además de la necesidad innata de garantizar su propio valor y lugar en la sociedad, el individuo se relaciona con la arquitectura en un acontecimiento que surge de la relación sensorial entre el sujeto y una construcción. La importancia del lugar para los movimientos sociales y para la constitución de las identidades culturales radica precisamente en su indisociabilidad con la experiencia del individuo y, en consecuencia, con su existencia e identidad personal. Por lo tanto corresponde a la arquitectura y al urbanismo promover lugares fluidos e inclusivos que permitan una sana y profunda relación entre todas las personas, sin distinción. En esta relación, la psique debe encontrar apoyo para construir una identidad personal. Por lo tanto, para resaltar la urgencia de una mirada más sensible a las construcciones, las autoras investigan en profundidad la relación entre las construcciones arquitectónicas y la construcción de identidades y hacen un intento de clasificar las interacciones entre la arquitectura y ambas las capacidades de la psique, los sentidos, la memoria y el espacio-tiempo.

PALABRAS CLAVES: *sensibilidad, identidad personal, arquitectura urbanismo y psicología moderna, fluida, inclusiva.*

INTRODUÇÃO

A construção da identidade pessoal se desenvolve de forma natural e afetiva em uma relação dinâmica e ambígua entre o indivíduo e seus objetos-lugares. A partir dos três anos de idade pode-se observar que um sujeito naturalmente classifica e qualifica lugares específicos para sujeitos específicos. Além disso, desde crianças as pessoas demonstram uma necessidade inata de garantir o seu próprio valor e lugar na sociedade.

A evolução e transformação constante dos seres humanos é resultado de suas relações com os objetos, e a busca incessante do indivíduo por pertencimento faz dos lugares os objetos mais atraentes. A partir de uma prazerosa sensação de continência ao lugar, a pessoa pode iniciar uma interação corporal que a levará a uma conversa inconsciente com a construção.

Entretanto, além de contentoras, as construções devem ser flexíveis o suficiente para permitir a liberdade necessária ao desenvolvimento e evolução do indivíduo. Ao se distrair com a autonomia de características dinâmicas e elusivas de um edifício, o sujeito se torna menos influenciado por julgamentos racionais do ego, e assim, abre espaço para os pensamentos da mente inconsciente.

Mesmo a arquitetura que encerra a paisagem das cidades com a qual a sociedade interage diariamente pode ser apreciada esteticamente, ela afeta os indivíduos de forma profunda e pode ainda abrir possibilidades imprevistas para o desenvolvimento pessoal, permitindo que coisas inesperadas se tornem conscientes. A relação sensorial entre o indivíduo e uma construção possibilita uma relação profunda, na qual a psique encontra sustento para construir uma identidade pessoal saudável.

Além disso, do mesmo modo que se pode fazer com palavras, a arquitetura e urbanismo pode facilitar grandes *insights* e sugerir ideias sobre inteligência, bondade, igualdade, inclusão, representatividade, preconceito, arrogância, ou ainda sobre democracia ou aristocracia.

Portanto, ao elencar e evidenciar as relações entre ambas as capacidades da psique, os sentidos, a memória e o espaço tempo, os arquitetos e urbanistas podem encontrar novas diretrizes projetuais para construir uma arquitetura fluida e inclusiva.

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR CONCEITUAL

De maneira ampla, ao definir o lugar como um centro de valor, alimento e apoio, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2015) identifica a mãe – ou o cuidador principal – como o primeiro lugar para uma criança, onde a criança reconhecerá seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico. Assim como um indivíduo explora o mundo ao sair de casa, uma criança inicia suas próprias explorações do espaço ao engatinhar para longe de sua mãe.

No decorrer de seu crescimento e desenvolvimento a criança passa a se relacionar e se apegar a objetos. Desde suas primeiras interações com os objetos grandes que lhe pertencem, a relação que se desenvolve entre a criança e o objeto-lugar é ambivalente. A cadeira de refeições por exemplo, qualifica um objeto-lugar de pertencimento onde a criança

obtem tanto alimentos que lhe promovem satisfação e nutrição, quanto experiências que desagradam seu paladar.

Para a criança, as coisas se tornam mais reais quando possuem nomes próprios e podem ser classificadas de alguma maneira, por isso, assim que começa a falar, por volta dos 2 anos de idade, a criança já se interessa em saber o nome das coisas. Segundo o psicólogo americano Arnold Gesell (1950), entre os 3 e 4 anos de idade a criança naturalmente associa pessoas a lugares específicos, e em decorrência de seu processo de classificação ainda em estado de desenvolvimento, encontrar sua professora do jardim de infância no centro da cidade, por exemplo, perturbaria o sistema de classificação da criança, pois a professora estaria deslocada de seu lugar predefinido.

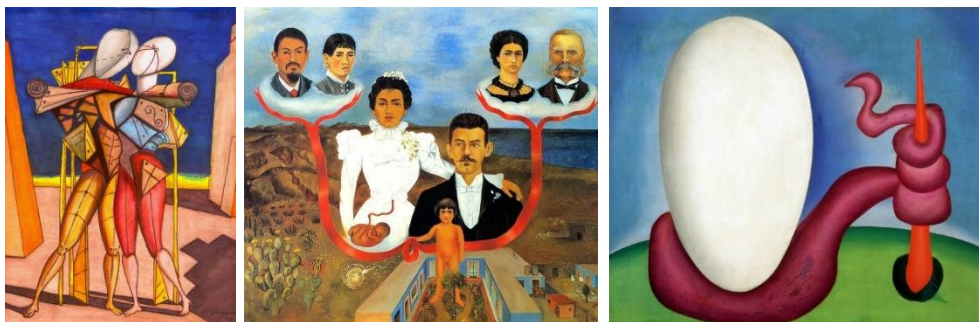
Então, como se estrutura a identidade pessoal de uma criança que não visualiza, e, portanto, não classifica pessoas de sua mesma etnia, raça ou gênero para posições importantes e relevantes na sociedade? E como se cultiva a personalidade da criança que qualifica apenas pessoas de sua própria etnia, raça ou gênero para tais posições? As afirmações feitas por Gesell nos anos 50 manifestam sucintamente a importância da representatividade para o desenvolvimento da humanidade e da cidadania.

Ainda durante a infância, pode-se examinar o desejo e a necessidade do sujeito de garantir seu próprio valor e lugar na sociedade. Tuan observa que assim que outra criança ameaça se apossar de um objeto ou lugar até então irrelevante, este instantaneamente adquire maior valor para a criança que o tem como propriedade. No entanto, assim que readquire o controle absoluto de seu objeto ou lugar de posse, o interesse da criança por este rapidamente acaba.

Todos os seres humanos possuem seus próprios pertences, e provavelmente todos tenham necessidade de ter um lugar próprio, seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer lugar (TUAN, 2015). Da caverna aos dias atuais, a arquitetura é o lugar do abrigo, do acolhimento, do amparo e da proteção. A construção arquitetônica protege o indivíduo não apenas das hostilidades ambientais, mas também do desamparo que acomete o ser humano frente à experiência de existir (NORBERG-SCHULZ, 2001).

O desenvolvimento do conceito de lugar parte do afeto, a casa e a cidade promovem a impressão de que sempre estiveram ali justamente porque foram assimiladas inconscientemente como dados naturais por um processo intuitivo (ROUANET, 2007). Então, como o espaço afetivo é anterior ao espaço geométrico, o senso de humanidade e a sensibilidade devem ser premissas para a construção de qualquer lugar.

Figura 1: Inter-relações Artísticas – Lugar e Identidade



Fonte: De Chirico – Ettore Clerici, Frida Kahlo e Tarsila Do Amaral – Rebeca Fuks.

O LUGAR COMO OBJETO DE PROJEÇÃO

De acordo com o psicanalista americano Christopher Bollas (2008), ao longo da vida, uma pessoa articula seu caráter ou personalidade por meio do uso de objetos. A psique é nutrida pelo encontro, o indivíduo seleciona objetos em busca de uma colisão entre a sua “forma humana” e a “estrutura do objeto” que resulta em sua transformação. Então, a escolha do objeto se determina por sua forma ou aparência estrutural, e essa é a resposta para o motivo pelo qual o ser humano é compelido a selecionar edifícios como objetos favoritos para a elaboração de sua estrutura pessoal.

Qualquer objeto transmite através de seus desenhos uma impressão de atitudes psicológicas e sociais que ele defende, mas essencialmente, o design e a arquitetura falam sobre o tipo de vida que deveria desenvolver-se dentro e ao redor de seus objetos. Os objetos falam de certos estados de espírito que buscam incentivar e sustentar, e convidam o indivíduo a ser um tipo específico de pessoa (DE BOTTON, 2006).

Prédios são objetos visuais ligados a conceitos que se pode facilmente analisar e avaliar. Do mesmo modo que se pode fazer com palavras, grandes ideias sobre inteligência, bondade, juventude ou serenidade por exemplo podem ser transmitidas por pedaços de madeira e corda ou engenhocas de gesso e metal. Esculturas abstratas conseguem falar em sua peculiar linguagem dissociativa sobre temas importantes na vida humana. (DE BOTTON, 2006).

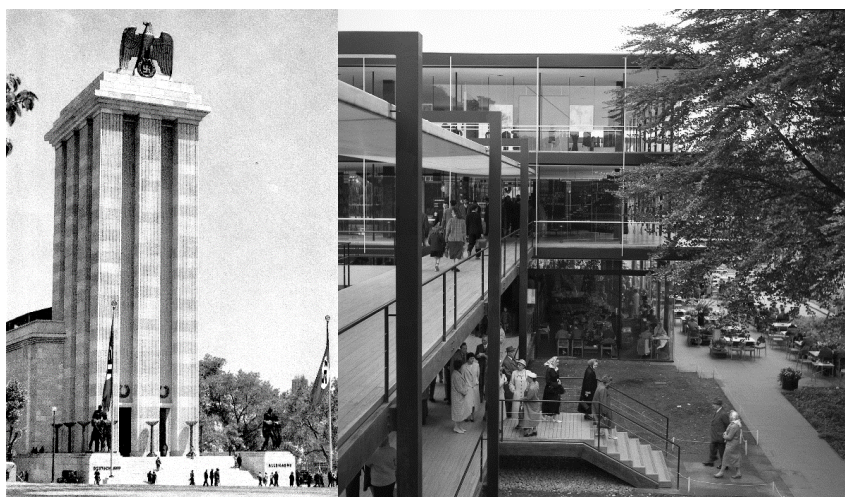
Portanto, cabe aos profissionais da arquitetura e urbanismo, através de seus lugares projetados, promoverem a continência e pertencimento almejados por todas as pessoas, para que toda a sociedade tenha a possibilidade e facilidade de se envolver com os objetos-lugares. E assim que se encontrarem acolhidos e em segurança, os indivíduos se tornarão menos suscetíveis aos julgamentos racionais do ego – muitas vezes estabelecidos por padrões da sociedade –, então, a sensibilidade permitirá aos sujeitos que acessem pensamentos da mente inconsciente. Neste ponto se reconhece a responsabilidade dos arquitetos e urbanistas como artistas comunicadores. Muitas vezes, nas mensagens sugeridas pelos projetistas de cada lugar, as pessoas deverão encontrar sustento para o desenvolvimento de suas identidades pessoais.

(A arquitetura) ... não tem um “significado”, mas um horizonte de significados: uma multiplicidade específica ou indefinida de significados, uma hierarquia mutável na qual ora um, ora outro significado passa momentaneamente ao primeiro plano, por meio de – e para – uma ação particular (LEFEBVRE, 1991, 222).

Ao coagir o indivíduo a perceber suas formas imaginativamente, a arquitetura captura sua atenção inconsciente, e assim proporciona uma oportunidade inestimável de negociar aspectos inconscientes de sua identidade, incluindo conflitos reprimidos, traços de memória e outros fragmentos de experiências. Uma obra arquitetônica pode encorajar o vaguear livre de pensamentos, que poderão passar por caminhos imprevisíveis permitindo a cogitação de novas ideias que estariam inacessíveis por meio de uma abordagem mais direta, racional e lógica. Tais pensamentos podem trazer à tona *insights* sobre a própria identidade do indivíduo, *insights* que a pessoa não havia percebido até aquele momento (HUSKINSON, 2021).

De Botton (2006) compara dois pavilhões criados para feiras mundiais antes e depois da Segunda Guerra Mundial, são eles: a proposta de Albert Speer para a Feira de Paris de 1937, a qual “faz uso das metáforas visuais no seu mais alto grau: altura, massa e sombra”, segundo o autor, pode-se sentir algo ameaçador, agressivo e desafiante mesmo sem olhar para a insígnia do governo que a patrocinou; e o pavilhão para a Feira Mundial de 1958, em Bruxelas, onde Egon Eiermann recorre a um trio de metáforas bem diferente: “horizontalidade para sugerir calma, leveza para dar ideia de delicadeza e transparência para evocar democracia”.

Figura 2: Pavilhão Alemão, Feira de Paris (1937) e Feira de Bruxelas (1958)



Fontes: La Photolith (1937) e Manfred Eiermann (1958).

Todos os componentes básicos de uma obra arquitetônica podem ser percebidos e experimentados. Alguns serão prontamente perceptíveis, enquanto outros mais obscuros ao intelecto e aos sentidos do indivíduo. Alguns componentes podem transmitir imagens e significados, enquanto

outros serão qualificadores ou transformadores dessas mensagens (CHING, 1999).

O arquiteto finlandês, Juhani Pallasmaa, considera a projeção uma resposta instintiva que ocorre quando a pessoa inconscientemente reconhece a semelhança entre sua própria forma corporal e a estrutura de um edifício. Para o arquiteto, o indivíduo compreende a escala arquitetônica através da medição inconsciente do edifício por meio do próprio corpo, projetando sua forma corporal no lugar em questão. Então, o indivíduo recebe a prazerosa sensação de continência e inicia um "intercâmbio curioso" descrito como uma "interação corporal" entre o indivíduo e o edifício, como uma voz em uma conversa "inconsciente". Pallasmaa afirma ainda que ao projetar emoções e sensações na estrutura arquitetônica o edifício empresta ao indivíduo sua autoridade e aura, e por meio desta interação a pessoa se encontra, mas em uma versão aprimorada de si (PALLASMAA, 2018).

O LUGAR CONSTRUÍDO EVOCATIVO DE UMA MEMÓRIA EXISTENCIAL

Nas interações com a arquitetura, a psique desperta uma experiência descrita por Bollas (2008) como uma "memória existencial", que marca as primeiras experiências transformacionais vivenciadas em relação ao objeto original de continência de qualquer pessoa, a mãe – ou cuidador principal –, é a memória do momento no qual a autoconsciência gradualmente emerge, com a constatação de que cada pessoa é um ser autônomo, distinto dos objetos e das outras pessoas.

Devido à impossibilidade do indivíduo de recordar cognitivamente o momento de sua primeira transformação em um ser autoconsciente com identidade, o que permanece para ele é o desejo de reviver tal processo transformacional que culminou na criação de sua identidade. É esse desejo que compele o indivíduo, ao longo da vida, a buscar por objetos que ofereçam experiências semelhantes de transformação.

Os objetos de características contentoras, – principalmente objetos com forma, estrutura e proporções semelhantes ao corpo humano que facilitam o processo mimético de medição inconsciente descrito por Pallasmaa – estarão preparados para acionar a "memória existencial" de transformação justamente porque a primeira transformação do indivíduo ocorre pela experiência de uma relação de continência com o objeto contentor à sua forma e semelhança, a mãe – ou cuidador principal –.

Lucy Huskinson, conferencista sênior na Escola de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Bangor, no Reino Unido chama de evento arquitetônico a construção da identidade pessoal em resposta ao ambiente construído. E para descrevê-lo com maior clareza, a autora divide o evento em três fases sobrepostas, sendo: o encontro inicial da pessoa com o edifício ou com a característica arquitetônica, em seguida o seu afastamento ou desapego dele, e por último a revelação de uma nova identidade pessoal. Portanto, a continência buscada pelos indivíduos deve ser flexível o suficiente para promover também a liberdade necessária para o desenvolvimento e evolução da pessoa, para que ela possa se defender contra ansiedades de sufocação e restrição, ansiedades que encorajam a compulsão inicial de se separar e se desapegar dos objetos com os quais o indivíduo se funde (HUSKINSON, 2021).

O simples ato de tocar, cheirar ou ouvir um prédio faz com que o indivíduo se abra para um envolvimento corporal completo com as características arquitetônicas, um envolvimento sinestésico que penetra mais profundamente do que a superfície física da pele, que se relaciona com a psique para construir uma identidade pessoal (HUSKINSON, 2021).

Para o filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty, nenhum órgão dos sentidos é privilegiado na percepção da arquitetura; todos os sentidos trabalham em conjunto, um se inclui no outro, para que o indivíduo esteja "aberto" às formas que percebe. Para Merleau-Ponty, a "solidez e a fragilidade do vidro" não se tocam apenas através a pele, diz ele:

Pode-se sentir através dos olhos, [assim como] a elasticidade do aço, e o peso de um bloco de ferro fundido afundando na areia; e ouvimos a dureza e a irregularidade das pedras do calçamento das ruas (MERLEAU-PONTY, 1996, p.229).

A RELAÇÃO ENTRE A PSIQUE, A IDENTIDADE E O LUGAR

Enquanto bebê, o ser humano carece de poderes cognitivos de raciocínio, portanto seu envolvimento com os objetos conta com um registro imaginativo. Já na vida adulta, orientado pelo componente racional da psique, o indivíduo pode interpretar a suspensão da consciência como algo desorientador e estranho, podendo se sentir "incomodado" consigo mesmo ou "deslocado" em seu ambiente. O acionamento da imaginação indica que o pensamento racional, que acompanha a atenção direta ou focada nas coisas, foi suspenso, permitindo que a pessoa se envolva com a sua identidade e com o lugar de maneira mais fluida.

Quando uma pessoa espera que um objeto cumpra um propósito particular e o aborda com o objetivo de usá-lo de um modo específico, a psique tende a restringir a percepção da forma e caráter do objeto, o indivíduo o percebe meramente como algo para apropriação imediata. Em contrapartida, se a abordagem é feita de modo inconsciente e despreocupada, a mente se permite a um vaguear livre, e assim, considera sequências de pensamentos inesperados, e se torna mais receptiva ao excedente de significados evocados pelos ambientes construídos (HUSKINSON, 2021).

Os edifícios evocam um pensamento imaginativo e simbólico ao qual Jung (2020) se refere como "não dirigido". O pensamento "não dirigido" é um "jogo automático de ideias" que "se afasta da realidade para as fantasias do passado ou do futuro". Quando o indivíduo remove a atenção concentrada no objeto ele deixa de obrigar seus pensamentos a seguirem uma trilha definida, ele os deixa "flutuar, afundar e se elevar de acordo com a sua gravidade específica". Assim, a pessoa pensa sem direção, e o pensamento "não dirigido" percebe as formas como uma colagem aleatória de associações inconscientes. O inconsciente pensa sem direção ao interligar uma série de imagens, sentimentos, memórias e sensações à percepção que a pessoa tem das coisas.

Portanto, toda arquitetura que não é puramente utilitária, até certo ponto leva o observador para além da vida cotidiana, e uma arquitetura sensível fluida e inclusiva, que permita que suas mensagens flutuem, assim como o

pensamento não dirigido, pode acompanhar a evolução humana, perdurando no tempo como os símbolos.

Em sua influente obra "A arte do pensamento", 1926, o psicólogo inglês Graham Wallas (2014) destaca os quatro estágios ou sequências claras acerca do pensamento criativo descrito pelo filósofo francês Henri Poincaré (1854-1912). O primeiro estágio – preparação – é o período do pensamento dirigido, o indivíduo encontra-se preocupado com as atividades que requerem suas deliberações racionais, no entanto, especialmente quando a pessoa se depara com um problema que não consegue resolver, ou quando inicia um processo de projeção mimética, o pensamento focado chega ao fim, dando início ao segundo estágio – incubação –. As estratégias do pensamento dirigido se mostraram insuficientes para as necessidades do indivíduo, então a mente "muda de marcha", a mente consciente se distrai por outras atividades. Poincaré cita algumas atividades como vitais para o pensamento criativo e para a resolução de problemas, atividades que fornecem nutrição cognitiva ao aplicar ao problema em questão uma perspectiva diferente daquela abordada pelo pensamento consciente da lógica e do raciocínio, entre elas: viajar de ônibus, caminhar pela praia ou beber uma xícara de café.

No evento arquitetônico de Huskinson (2021), o período de incubação pode ser identificado pelo momento em que o indivíduo se sente fundido ao edifício de alguma forma, quando o percebe imaginativamente. Momentaneamente, o pensamento racional do indivíduo se suspende, sua atenção se desvia da percepção literal da obra arquitetônica para se envolver com características mais elusivas, que de outra forma, passariam despercebidas. Uma pessoa distraída se torna menos influenciada por julgamentos racionais da consciência do ego, e assim, mais receptiva ao jogo criativo e imaginativo do inconsciente. O sujeito renuncia a sua capacidade de ser reflexivo e se comporta como o bebê antes do estabelecimento de seu ego cognitivo, não está mais preocupado com pensamentos deliberados e explícitos, semelhante ao bebê, que é mais propenso a se relacionar com o ambiente por meio de atos de projeção. Neste estado, a pessoa permite que a mente inconsciente pense por si, e ela o faz.

A incubação termina "do nada", com a revelação repentina de uma ideia, e a percepção da presença dessa ideia marca o terceiro estágio do processo criativo, a – iluminação –. O quarto e último estágio retorna ao pensamento dirigido e então avalia a ideia inconsciente revelada, solidifica sua validade e, possivelmente, reformula um pouco a ideia para esclarecer enfatizar seu significado. O material que é revelado na iluminação será avaliado pelo ego do indivíduo, que decidirá se aceita ou rejeita os pensamentos recebidos, essa decisão do ego caracteriza o estágio da – verificação –. Se o ego optar por rejeitar tais pensamentos, ele buscará se manter separado deles, reprimindo-os ou afastando-se deles. Caso contrário, o material é integrado à personalidade consciente, que se enriquece com uma atitude mais desenvolvida e objetiva (WALLAS, 2014).

Mas a sensibilidade à arquitetura tem também seus aspectos mais problemáticos. Se um único aposento é capaz de alterar o que sentimos, se a nossa felicidade pode depender da cor das paredes ou do formato de uma porta, o que acontecerá conosco na maioria dos lugares que somos forçados a olhar e habitar? O que

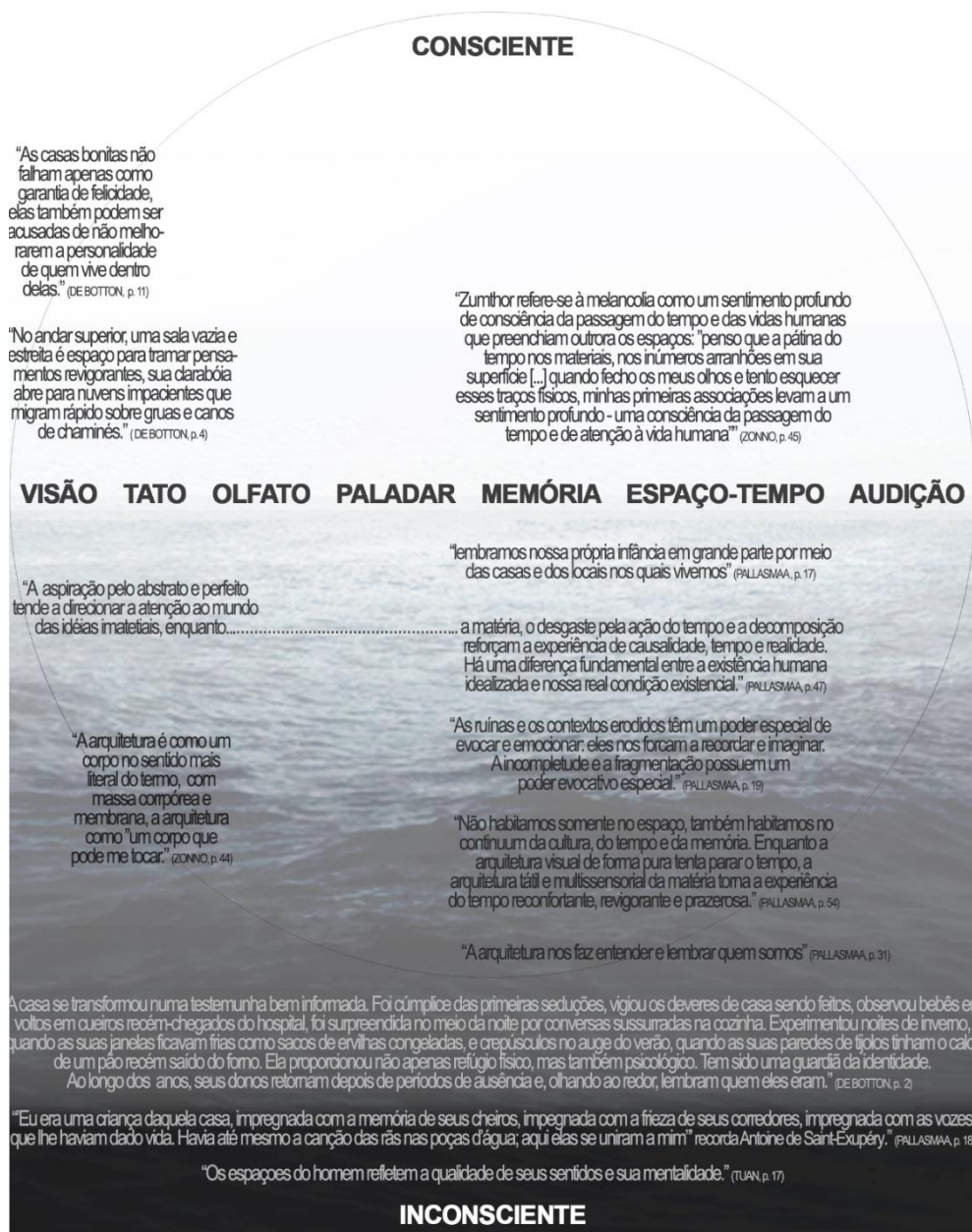
vamos sentir numa casa com janelas que parecem as de uma prisão, carpete manchado e cortinas de plástico? [...] A premissa para se acreditar na importância da arquitetura é a noção de que somos, queiramos ou não, pessoas diferentes em lugares diferentes – cá convicção de que cabe à arquitetura deixar bem claro para nós quem poderíamos idealmente ser (DE BOTTON, 2006, p.15).

Embora a arquitetura seja, muitas vezes, considerada uma disciplina visual, um indivíduo não vê um prédio meramente como uma imagem na retina, ele aborda o edifício como uma experiência multissensorial, confrontando-o com todos os sentidos de uma só vez, vivenciando-o como parte de seu mundo existencial, e não como um objeto externo a si mesmo. Cada obra arquitetônica tem suas características auditivas, táteis, olfativas e até mesmo gustativas que lhe conferem um senso de completude somadas à percepção visual (PALLASMAA, 2018).

Jung (2020) afirma que os edifícios são representações simbólicas da psique, e que os edifícios moldam e transformam os indivíduos. Mesmo a arquitetura da cidade com a qual os sujeitos interagem diariamente pode ser apreciada esteticamente, podendo afeta-los "no fundo do seu ser a cada passo". Os edifícios "abrem perspectivas imprevistas e permitem que coisas inesperadas se tornem conscientes".

Portanto, na tentativa de classificar as interações entre a arquitetura e a psique, e investigar a fundo a relação entre a construção arquitetônica e a construção de identidades, o espectro abaixo busca elencar as interações da arquitetura com cada um dos cinco sentidos, a memória e o espaço tempo, e os componentes da mente. No espectro relacionam-se investigações e afirmações feitas pelos autores Pallasmaa (PALLASMAA, 2018), Tuan (TUAN, 2015), De Botton (DE BOTTON, 2006), e um artigo feito pela professora da UFRJ, Fabiola do Valle Zonno, sobre a construção de memória a partir da arquitetura, reconhecendo lugares poéticos da memória em projetos fenomenológicos de Peter Zumthor (ZONNO, 2020).

Figura 3: Espectro da Tentativa de Classificação das Interações Entre a Arquitetura e a Psique



Fonte: autoras.

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA PARA A CRIAÇÃO DE IDENTIDADES PESSOAIS E PARA OS MOVIMENTOS CULTURAIS

Uma certeza: só existo aqui dentro.
Lá fora, sou a mais inesperada sombra,
desenhada com pó e giz
O Labirinto e a solidão (REZENDE, 2007, p.49).

A importância do lugar para movimentos sociais, para a constituição de identidades culturais, para resistências, contrapontos, sonhos, renovações, devaneios e liberdades está justamente na sua indissociabilidade com a experiência do indivíduo e, conseqüentemente, com a sua existência, ou seja, com a sua identidade pessoal. A arquitetura é onde o indivíduo constrói sua proteção existencial e material, e onde ele guarda suas memórias (TUAN, 2015).

Entre a história que se conta e a história que se vive há um entrelaçamento inevitável. Então, faz sentido excluir a subjetividade território fundamental do embate entre tantos afetos que tecem a existência humana? A forma nunca é definitiva ou conclusiva, assim como numa história que se inventa encontra-se o inesperado e o inesgotável, a casa não tem uma única forma, tampouco uma única história. (REZENDE, 2007).

Do abrigo necessário à propriedade. Da demarcação de um lugar geográfico, edificado ou não, até a alusão às origens ou aos mitos humanos. Podemos até dizer que, para muitos, esse espaço pode representar uma parte de nós mesmos, ou nossa extensão simbólica (REZENDE, 2007, p.137).

A experiência arquitetônica e a estrutura narrativa das histórias pessoais são partes de uma única existência: o evento, e os autores deste evento serão sempre aqueles que o viveram, que o narraram e o próprio edifício que o arquitetou (REZENDE, 2007). Portanto, a arquitetura não é apenas um cenário passivo que assiste ao desenrolar das vidas que acomoda, mas é coautora de todas as possíveis experiências vivíveis e narráveis (AMORIM, 2007).

CONCLUSÃO

As diversas literaturas que embasam o artigo, ao serem relacionadas entre si – e elencadas em um espectro que analisa a relação entre a construção arquitetônica e a construção de identidades – contribuem para a sensibilização do leitor acerca da importância da arquitetura e o urbanismo promoverem lugares fluidos e inclusivos, que acompanhem e favoreçam a evolução humana e que possibilitem a construção de identidades saudáveis.

A revisão literária elucida os meios para que as construções contenham e distraiam os indivíduos, tornando-os menos influenciados por julgamentos racionais do ego, e assim, a arquitetura abre espaço para os pensamentos

da mente inconsciente que poderão ser integrados à personalidade consciente, enriquecendo a identidade pessoal do indivíduo.

Ao sensibilizar o olhar do leitor a respeito das relações entre a arquitetura e a construção da identidade pessoal, o artigo facilita o entendimento da importância de abordagens e problematizações sobre identidades e gêneros para as construções, e encoraja estudos e experimentações urbanas e arquitetônicas que explorem os meios para construir lugares evocativos de identidades saudáveis, afinal:

"Se é verdade, como afirma Adolf Loos no ensaio "Arquitetura" de 1910:
"a arquitetura desperta humores no homem, e a tarefa do arquiteto é, portanto, especificar o estado da alma"; é igualmente verdade que quando uma arquitetura está aberta a provocar emoções é possível transformá-la em uma "lição de arquitetura" (PERUGINI, 1983, apud STORP e WEBER, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, L. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- BOLLAS, C. **The Evocative Object World**. 1ª Ed. Routledge, 2008.
- CHING, F.D.K. **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. 1.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DE BOTTON, A. **A Arquitetura da Felicidade**. 1. Ed. Rio De Janeiro: Rocco, 2007.
- GESELL, A; Ilg, F. L.; Bullie, G. E. Vision. **Its Development in Infant and Child**. New York: Paul B. Hoeber, 1950.
- HUSKINSON, L. **Arquitetura e Psique: Um Estudo Psicanalítico De Como Os Edifícios Impactam Nossas Vidas**. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2021.
- JUNG, C.G. **O Homem e Seus Símbolos**. 3.Ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford/ Cambridge: Wiley-Blackwell, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of Perception**. London/ New York: Routledge, 1996.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Intenciones en architecture**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- PALLASMAA, J. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- REZENDE, A. P. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- ROUANET, S. P. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- STORP, S. e WEBER, P. **Casa Albergo**. 2020. Disponível em: <https://casasperimentale.org/research/casa-sperimentale-drawings/>. Acesso em: 5 Mai. 2022.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: A Perspectiva Da Experiência**. 1. Ed. Londrina; Eduel, 2015.

WALLAS, G. **The Art of Thought**. Tunbridge Wells: Solid Press, 2014.

ZONNO, F. V. **Arquitetura, Paisagem E Memória - A Poética De Peter Zumthor**. Revista Poiésis, Niterói, V. 21, N. 36, P. 35-66, Jul./Dez. 2020.

ZUMTHOR, P. **Atmosferas**. 1. Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

FIGURAS

ETTORE CLERICI, **Heitor e Andrômaca, Giorgio de Chirico, 1931** (1888 - 1978). Disponível em: <https://br.pinterest.com/eclerici/>. Acesso em: 10 Nov. 22.

REBECA FUKS, **Meus Avós, Meus Pais e Eu, Frida Kahlo, 1936. Urutu, Tarsila do Amaral, 1928**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/obras_grandes_artistas_surrealismo/. Acesso em: 10 Nov. 22.

LA PHOTOLITH, **Paris Expo, Pavilhão da Alemanha, 1937**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paris-expo-1937-pavillon_de_l%27Allemagne-02.jpg Acesso em: 16 Mar. 2023.

MANFRED NIERMANN, **Pavilhão Alemão na Expo 1958, Bruxelas**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Expo_1958_German_Pavilion_2.jpg. Acesso em: 16 Mar. 2023.

CHALÉS MODULADOS NA GUARAPIRANGA - SP

Um caminho para a pré-fabricação

MODULATED CHALETS IN GUARAPIRANGA - SP: A path to prefabrication

CHALETS MODULADOS EN GUARAPIRANGA- SP: Un camino hacia la prefabricación

Roberto Alves de Lima Montenegro Filho

Doutor (2012), Docente Universidade Federal do Piauí, Curso de Arquitetura e Urbanismo, robertomontenegro@alumni.usp.br

RESUMO

Por meio de estudo sobre os chalés modulados de Eduardo Kneese de Mello e Sidnei de Oliveira para o Clube de Campo de São Paulo, apoiado em modelagem a partir de levantamento, pesquisas iconográfica e bibliográfica, visitas e entrevistas, este artigo tem como objetivo uma reflexão sobre a simplificação dos processos construtivos incorporada ao pensamento de projeto. O partido traz a racionalização e a pré-fabricação em sua concepção, no contexto de industrialização e produção da construção civil nacional e da Arquitetura Moderna nos anos 1960. A proposta enfrenta o entrosamento entre a arte e a indústria, em escala de projeto reduzida para moldes industriais. Por sistema construtivo em ciclo aberto, o partido concilia na ordenação arquitetônica componentes leves industrializados disponibilizados pelo mercado consolidado, e técnicas convencionais racionalizadas, como alternativa viável em pequenas escalas de atuação, conforme se configura a maior parte dos programas arquitetônicos, enfrentados de forma isolada. A solução apoia-se em prática acumulada nesta investigação, em contexto brasileiro de industrialização tardia e difusa, no qual a racionalização e a pré-fabricação não se repercutiram em transformações expressivas na indústria da construção civil, ou nos moldes de construção, com raras realizações, em maiores escalas, e/ou com apoio do Estado – com destaque à esforços criativos individuais, ilustrando à época questões atemporais sobre sistemas construtivos, critérios de concepção de projeto, e caminhos de industrialização na construção civil.

PALAVRAS-CHAVE: racionalização construtiva; pré-fabricação; industrialização; arquitetura moderna; concepção de projeto.

ABSTRACT

Through a study of the modular chalets of Eduardo Kneese de Mello and Sidnei de Oliveira for the Clube de Campo de São Paulo, supported by modeling based on surveys, iconographic and bibliographic research, visits and interviews, this article aims to reflect on the simplification of construction processes incorporated into design thinking. The party brings rationalization and prefabrication in its conception, in the context of industrialization and production of national civil construction and Modern Architecture in the 1960s. The proposal faces the relationship between art and industry, on a

reduced project scale for industrial moulds. By means of an open-cycle constructive system, the party reconciles in the architectural ordering light industrialized components made available by the consolidated market, and rationalized conventional techniques, as a viable alternative in small scales of action, as most architectural programs are configured, faced in isolation. The solution is based on accumulated practice in this investigation, in a Brazilian context of late and diffuse industrialization, in which rationalization and prefabrication did not have repercussions in significant transformations in the civil construction industry, or in construction molds, with rare exceptions, on larger scales, and/or with State support – highlighting individual creative efforts, illustrating at the time timeless issues about construction systems, project design criteria, and industrialization paths in civil construction.

KEYWORDS: constructive rationalization; prefabrication; industrialization; modern architecture; project design.

RESUMEN

A través de un estudio de los chalets modulares de Eduardo Kneese de Mello y Sidnei de Oliveira para el Clube de Campo de São Paulo, apoyado en modelación basada en levantamientos, pesquisas iconográficas y bibliográficas, visitas y entrevistas, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la simplificación de los procesos de construcción incorporados al pensamiento de diseño. El partido trae racionalización y prefabricación en su concepción, en el contexto de industrialización y producción de la construcción civil nacional y la Arquitectura Moderna en la década de 1960. La propuesta afronta la relación entre arte e industria, en una escala de proyecto reducida para moldes industriales. Mediante un sistema constructivo de ciclo abierto, el proyecto concilia en el ordenamiento arquitectónico componentes de industrialización liviana puestos a disposición por el mercado consolidado, y técnicas convencionales racionalizadas, como una alternativa viable en pequeñas escalas de actuación, ya que la mayoría de los programas arquitectónicos se configuran, enfrentan en aislamiento. La solución se basa en la práctica acumulada en esta investigación, en un contexto brasileño de industrialización tardía y difusa, en el que la racionalización y la prefabricación no repercutieron en transformaciones significativas en la industria de la construcción civil, ni en los moldes de construcción, con raras excepciones, en grandes escalas, y/o con apoyo del Estado – destacando esfuerzos creativos individuales, ilustrando en ese momento problemas atemporales sobre sistemas de construcción, criterios de diseño del proyecto y caminos de industrialización en la construcción civil.

PALABRAS CLAVES: racionalización constructiva; prefabricación; industrialización; arquitectura moderna; diseño de proyecto.

INTRODUÇÃO

Programa que atende em meados dos anos 1960 ao lazer de final de semana exclusivo a sócios proprietários de um clube, o partido dos chalés modulados na Represa de Guarapiranga (1965)¹, em São Paulo, de Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994) e Sidnei de Oliveira (1939), parece relevante e de interesse mais abrangente para uma reflexão sobre industrialização e simplificação dos processos construtivos, incorporadas ao pensamento de projeto, por meio de leitura da solução arquitetônica, apoiada em modelagem a partir de levantamento métrico e fotográfico², pesquisas iconográfica e bibliográfica, visitas e entrevistas.

Com vistas a compreensões de questões mais universais que transcendem o partido, seu tempo e o programa, este texto aborda, a partir deste projeto, as relações entre a Arquitetura Moderna, o enfrentamento da construção, o contexto produtivo nacional, e as investigações de Kneese de Mello em suas estratégias de projeto, entre um grupo de arquitetos, que enfrenta a problemática arquitetônica por meio da pré-fabricação e de um possível entrosamento com a indústria - em busca de uma maior democratização da construção, de qualidades arquitetônicas, e de um enfrentamento artístico integrado à tecnologia em seu tempo, problemática central encampada pelos arquitetos modernos.

Segundo critérios de projeto da Arquitetura Moderna, entre outros casos à época, este projeto indica, em sua concepção, caminhos possíveis de incorporação de racionalização construtiva e tecnologias de pré-fabricação pela arquitetura em programa de pequena escala, frequente no campo de atuação dos arquitetos no contexto nacional e local do período.

Figura 1: Chale de 01 dormitório



Fonte: Foto do autor, 2020

O projeto dos chalés é desenvolvido três décadas após as primeiras obras da Arquitetura Moderna no país, em momento que pode ser considerado precoce às tecnologias industriais, quando nascia a indústria nacional

(GITHAY E XAVIER, 2002, p.27). Concebida entre 1929 e 1930, a Casa Modernista de Gregori Warchavchik (1896-1972), de importante pioneirismo formal, encontra limitações para sua construção, em momento de efervescência cultural, e de pouco respaldo tecnológico para novos sistemas construtivos. No mesmo período, a Caixa d'água de Luiz Nunes (1909-1937) em Olinda (1934) traz novos princípios construtivos e formais, em estrutura de concreto armado, com térreo livre sobre um pódio que faz o equilíbrio com a topografia acidentada local. O fechamento dos vãos modulados incorpora cobogós ventilados pré-fabricados, solução que é largamente explorada pela Arquitetura Moderna brasileira. A obra relaciona-se com o debate da simplificação dos processos construtivos, e da incorporação de tecnologias da indústria na construção, além de considerar questões climáticas, culturais e artísticas. É executada, porém, por processos artesanais, conforme a cultura produtiva. Propõe, entretanto, novos caminhos.

Nos anos que se seguem, a produção da Arquitetura Moderna brasileira apresenta partidos bastante inovadores, destacando-se soluções formais que exploram a plasticidade da tecnologia do concreto armado, o entrosamento com o clima, a reinterpretação da tradição e a incorporação da Arte Moderna pela arquitetura. A Igreja da Pampulha (1943) marca novas possibilidades plásticas com sua quadrupla abóbada de concreto armado moldado revestida pelo painel de pastilhas de Paulo Werneck. Uma obra única e simbólica, a solução de Oscar Niemeyer (1907-2012) com ênfase à forma responde ao programa e ao contexto e, sobretudo, às aspirações artísticas, sem que a prioridade a critérios de repetição ou custos fizesse parte do programa ou do partido.

Em parte por outro caminho que o da formalidade desenvolvida em obras reconhecidas pela historiografia – que dá o maior reconhecimento à Arquitetura Moderna brasileira por suas qualidades plásticas –, a solução dos chalés, e parte da obra dos arquitetos modernos brasileiros apoia-se em ênfase central à simplificação dos processos construtivos. A forma é concebida com prioridade aos processos de racionalização e alcança, em alguns casos, graus de incorporação de tecnologias de pré-fabricação – caminho que também pode ser entendido a partir da interpretação de características próprias no enfrentamento de cada partido, a cada programa e contexto específico.

KNEESE DE MELLO, ARQUITETURA MODERNA E O ENFRENTAMENTO DA CONSTRUÇÃO

É possível fazer boa arquitetura com qualquer tecnologia ou combinação de soluções construtivas a partir de qualidades conceptivas entrosadas em seu contexto. Reflexões sobre compreensão do contexto produtivo, racionalização da construção, incorporação de tecnologias industrializadas ou de pré-fabricação parecem relevantes diante de demandas em larga escala, e/ou como resposta a parte do problema arquitetônico e da construção.

A Arquitetura Moderna - constituída por uma síntese formal da problemática arquitetônica com critérios técnicos, utilitário-científicos, artísticos, e ético-políticos, variando conforme condicionantes e interpretações pessoais - reflete, na investigação de soluções em novos moldes de construção com critérios de racionalização e de pré-fabricação, o anseio por uma

democratização maior da arquitetura, entendida a partir da escala produtiva, e de critérios de qualidade e economia, com ênfase à habitação, em sentido amplo de relações urbanas e sociais – enfrentando o entrosamento entre arte e indústria.

A investigação da simplificação dos processos construtivos é verificada na carreira de Kneese de Mello desde fase inicial. Avança gradativamente à medida que encampa princípios de concepção da Arquitetura Moderna,³ e acompanha desenvolvimentos da indústria nacional. Incursões pioneiras e experimentais com técnicas de pré-fabricação, bastante distintas em seus aspectos e no que representam como caminhos possíveis, tem importante repercussão em sua obra posterior, em reflexos mais amadurecidos de alternativas para a industrialização da construção que, em seus contextos temporais e locais, trazem também questões atemporais e gerais.

O Ed. Leônidas Moreira (1942) apresenta pioneira fachada despojada, com emprego de componentes industrializados⁴. A Uni-seco do Brasil (1953-1955)⁵ representa um primeiro envolvimento prático com processos de pré-fabricação, apoiada em sistema modular inglês, constituído em parte por ciclo fechado⁶ popularizado no pós segunda guerra. Com pré-fabricação quase artesanal de parte dos componentes, eram empregadas matérias-primas industrializadas como placas de cimento amianto. O empreendimento, de tamanho reduzido para moldes industriais, perdura por dois anos em momento precoce no contexto nacional, com problemas técnicos e econômicos. Com cerca de 80 edificações realizadas, traz entretanto números significativos no contexto produtivo da Arquitetura Moderna brasileira em moldes de pré-fabricação (Ver CAMARGO e MONTENEGRO FILHO, 2021, e MONTENEGRO FILHO, 2007, pg.110-155, 2012, p.78-118).

No mesmo período, Kneese desenvolve em conjunto com Luis Saia (1911-1975) o projeto para o pavilhão provisório da I Bienal de Arte de São Paulo (1951), um programa que sugere ênfase à racionalização construtiva e à economia⁷. Também no contexto do Estado de São Paulo, em escala significativa, o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) (1961) serve como importante campo experimental e prático de pré-fabricação, e de incorporação de tecnologias e componentes industriais nacionais, ainda incipientes sob certos aspectos. Com qualidades construtivas conceituais propositivas, e reconhecidos problemas tecnológicos e de execução, a experiência antecipa soluções, problemas, e reflexões a obras posteriores (Ver MONTENEGRO FILHO, 2007, 2013).

Aproximadamente uma década após a incursão na Uni-Seco, quatro anos após o projeto do CRUSP, os chalés são concebidos em fase de maior maturidade e entrosamento com possibilidades de racionalização, pré-fabricação, e industrialização da construção, quando há maior respaldo, desenvolvimento, e consolidação tecnológica e industrial no país. Kneese de Mello, entre outros arquitetos, incorpora em suas concepções componentes industrializados como perfis para caixilhos, telhas, contraplacados plásticos leves nos fechamentos, como exemplificam, além dos chalés na Represa, os partidos para a Confederação Nacional da Agricultura (1959), as Séries Experimentais de Habitação (1968) (não realizadas), e o Edifício à Rua Cincinato Braga (1968), onde funcionou seu escritório (Ver MONTENEGRO FILHO, 2007, 2012). Os partidos ora definem a modulação, ora são definidos e produzidos em modulações idealizadas pelos projetos.

O Edifício Portofino (1961-64) (Santos, SP), de Pedro Paulo de Mello Saraiva (1933-2016), com fachada concebida segundo a modulação dos componentes leves pré-fabricados de fechamento⁸, sem hierarquia de ambientes internos e usos – e realizada em uma semana- (Ver GIMENEZ, 2016, p. 214-221), é também caso em que a concepção da arquitetura se apoia em racionalidade construtiva através da utilização de componentes oferecidos pela indústria – situando o partido dos chalés e a atuação de Kneese de Mello em um contexto maior.

ANOS 1960 | INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO NACIONAL

Apesar de certa consolidação industrial no país, e do interesse de um grupo de arquitetos pela ampliação da industrialização e incorporação de componentes produzidos para a arquitetura, no Brasil dos anos de 1960 não se constata desenvolvimento significativo na pré-fabricação que corresponda a transformações expressivas na construção civil – do que incorre a importância da criatividade dos partidos arquitetônicos que enfrentam esta problemática.

A efetivação no Brasil de pré-fabricação das primeiras estruturas completas em concreto protendido moldado em 1969⁹ pela Sociedade Brasileira de Fundações (SOBRAF) (BARBUGIAN, 2005, p.24), cinco anos após o projeto dos chalés, indica um lento processo de racionalização da construção e de incorporação de tecnologias de pré-fabricação, em país de industrialização heterogênea pelo território, e em seus estágios de desenvolvimento, considerada difusa e tardia em relação aos países protagonistas da Revolução Industrial.

A indústria da construção é caracterizada por forte desvalorização da mão de obra, em conjuntura geral com predomínio de tecnologias artesanais. A habitação ocorre majoritariamente pela autoconstrução. A produção oficial enfrenta descontinuidade de políticas e ações, com raras iniciativas abrangentes, em escalas maiores, ou com apoio consistente. Muitas vezes a política oficial restringe-se à isenção de impostos nos materiais básicos utilizados.

A cidade é construída sem qualidades arquitetônicas, de maneira excludente, em condição de precariedade, sem um planejamento amplo da construção, ou um enfrentamento mínimo das relações entre a sociedade, a cidade, a cultura, a qualidade de projeto, o meio ambiente, e a tecnologia. A prática é agravada pela insuficiência da produção formal de habitações, diante de enorme déficit, dificuldades de acesso à terra, ou à cidade (Sobre autoconstrução e essa problemática ver MARICATO, 2009).

Exceções conhecidas por qualidades e por promoção oficial são a produção habitacional para os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP)s¹⁰- em escalas significativas no contexto nacional, em planejamento de maior abrangência-, e algumas obras de João Filgueiras Lima (Lelé)¹¹(1932-2014), reconhecida pelos estágios de pré-fabricação e racionalização alcançados, e caminhos viabilizados¹², com maior ênfase a partir dos anos 1980.

A produção de habitações verticais pela Construtora Formaespço (São Paulo) - de Abrahão Sanovicz (1933-1999), Eduardo de Almeida (1933), e Paulo Mendes da Rocha (1928-2021) -, com destaque à qualidade de sua

arquitetura, configura-se como raro caso em maior escala, apoiado em critério de repetição¹³, por iniciativa de capital privado (Ver SILVA, 2017).

Assim, o contexto de atuação é caracterizado por emprego de tecnologias difusas, onde predominam programas enfrentados isoladamente em escalas reduzidas. A simplificação da construção é enfrentada por iniciativas de alguns arquitetos, gestores e incorporadores em soluções tecnológicas mistas, conciliando serviços artesanais e racionalizados, em estágios parciais de pré-fabricação e incorporação de componentes industrializados. Possivelmente, em certos casos, com custos elevados que refletem, entre outras questões, o caráter isolado de atuação profissional, além da cultura geral, em sua dimensão social produtiva.

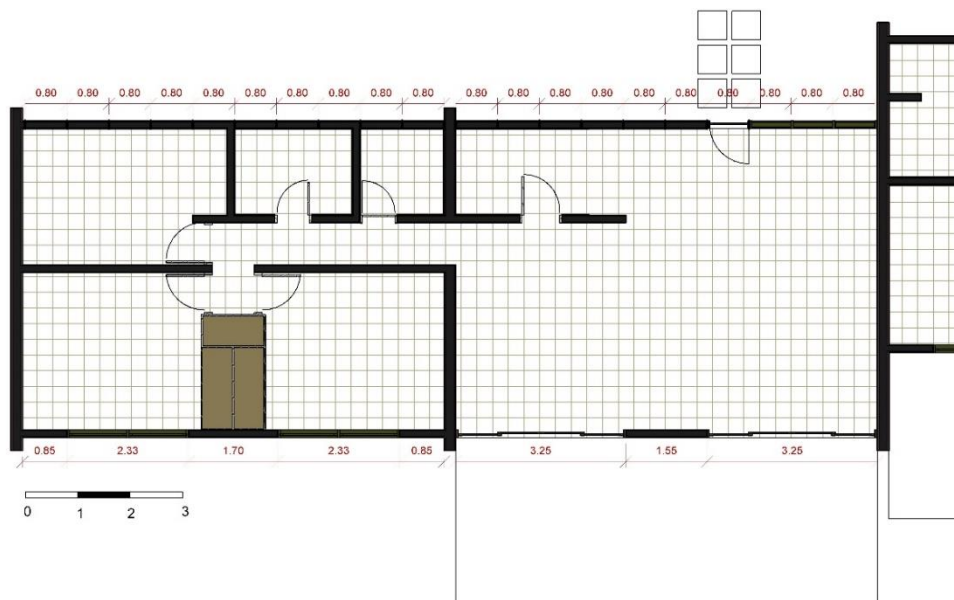
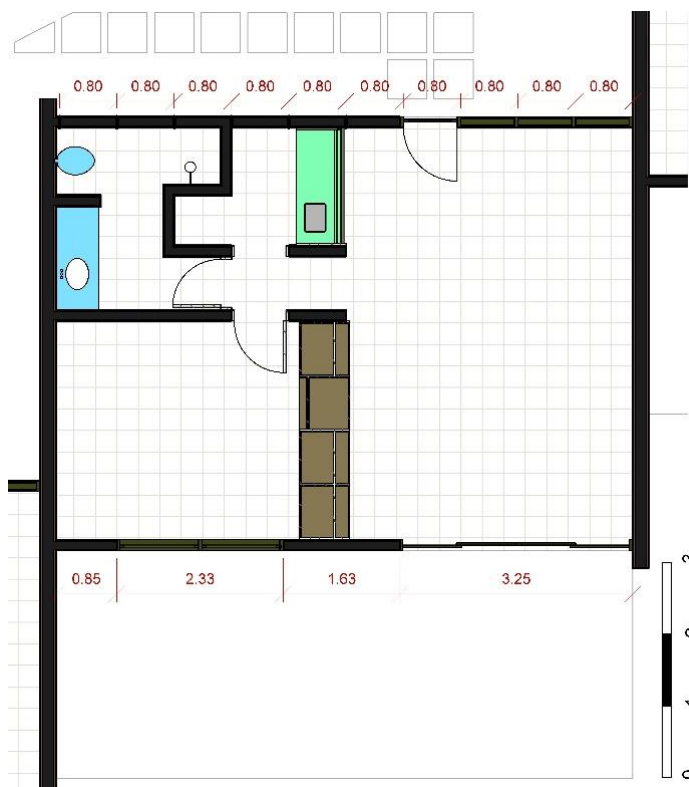
O PROJETO

Segundo preceitos da Arquitetura Moderna, o partido soluciona amplo leque de questões – utilitárias, éticas, culturais, geográficas, construtivas, etc. – em síntese única, a partir de escolhas específicas a cada caso. A estética resulta deste enfrentamento, que deve conjugar disponibilidades materiais e técnicas e superá-las, em abstração formal que aspira valor artístico em sua espacialidade.

A construção é um instrumento para conceber [...] não deve determinar solução alguma, senão propiciar decisões cujo sentido necessariamente há de transcendê-la; seu destino é contribuir decisivamente para a sistematicidade congênita do edifício (PIÑON, 2006, p.126).

A opção construtiva dos chalés é entendida como resposta ampla ao problema arquitetônico, por caminho de investigação de diálogos com a indústria da construção civil nacional, com último fim de ordenar o espaço. A construção submete-se à sistematicidade espacial concebida para o enfrentamento do programa, constituído por 34 unidades de final de semana¹⁴ dentro do Clube de Campo de São Paulo¹⁵ - 28 com um quarto¹⁶, sala, varanda, cozinha (quifinete), e banheiro, e seis com dois quartos a mais.

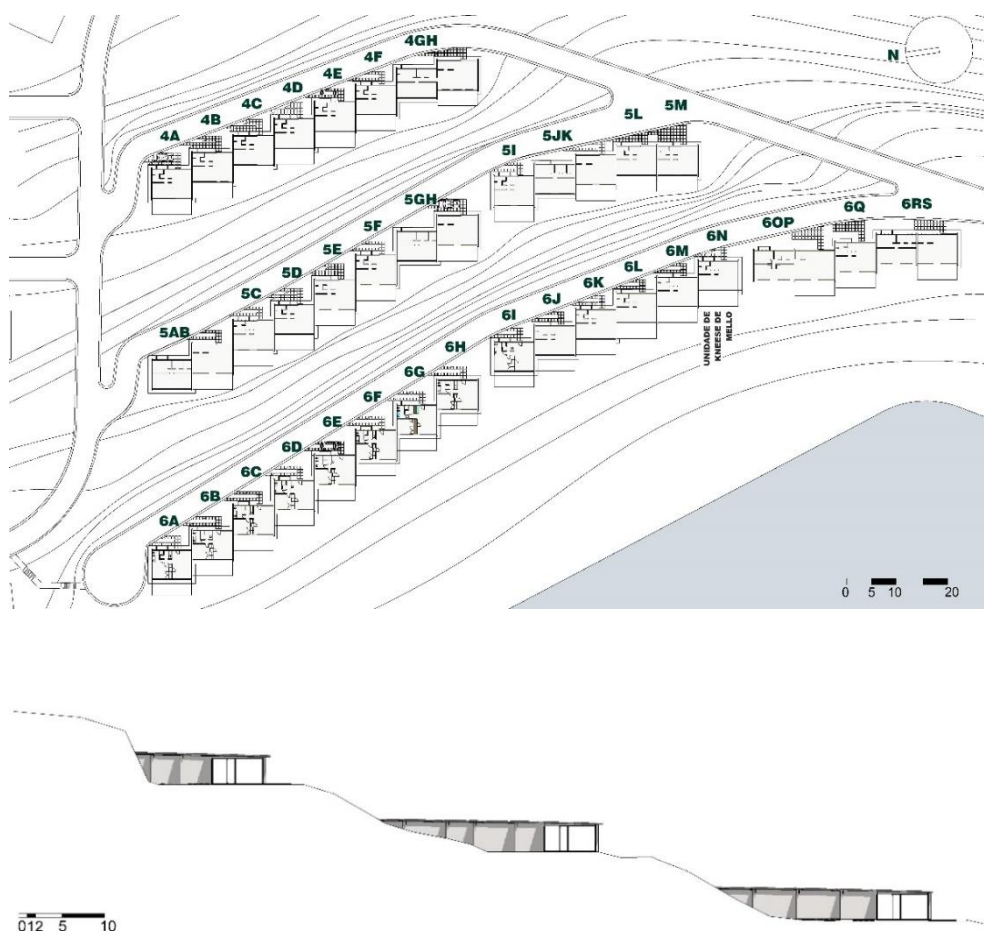
Figuras 2 e 3: Plantas unidades com 1 e 3 dormitórios



Fonte: Redesenho pessoal a partir de levantamento

A implantação do conjunto, segundo interpretação da geografia, constitui-se por fileiras de unidades geminadas seguindo as curvas de nível e com orientação Norte-Sul, uma escolha adequada para disposição de acessos, em configuração topográfica em declive, que prioriza a vista da Represa (Oeste) nos ambientes de quartos, salas, e varandas em todas as unidades – sem que neste contexto climático esta fachada seja impeditiva ao conforto térmico. Na fachada oposta, são alocadas entradas, vagas descobertas, banheiros, e um quarto menor nas unidades maiores. Um escalonamento em planta no alinhamento de cada módulo define maior privacidade entre os chalés.

Figuras 4 e 5: Implantação Corte Transversal



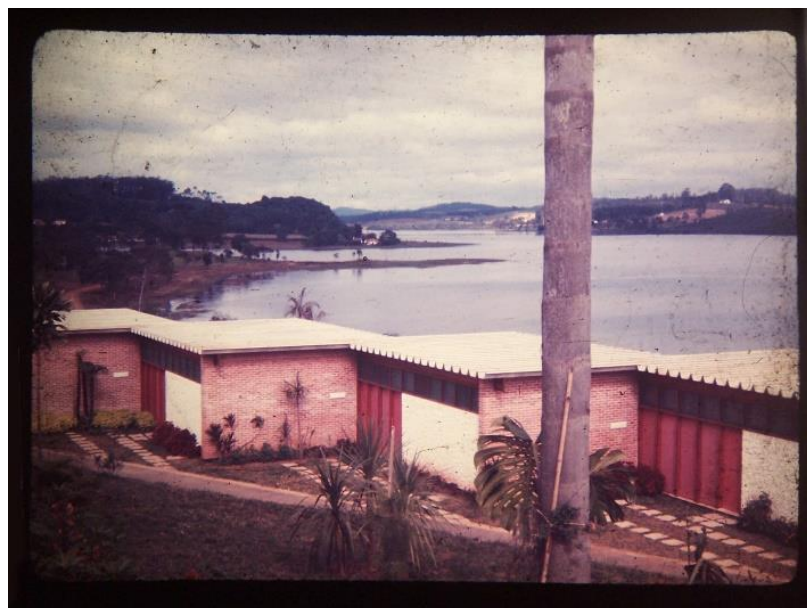
Fonte: Redesenho pessoal a partir de levantamento

Figuras 6: Fachadas Oeste, por Kneese de Mello



Fonte: Acervo FEBASP

Figura 7: Fachadas Leste, por Kneese de Mello



Fonte: Acervo FEBASP

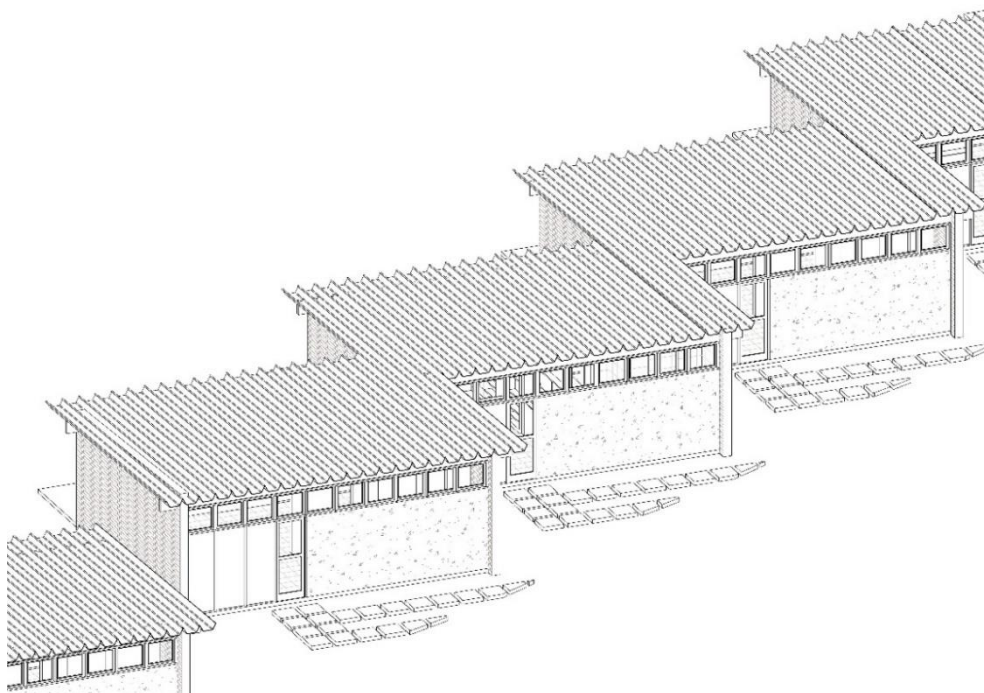
Em sua solução construtiva, com vistas à simplificação da construção e à industrialização, o partido incorpora componentes padronizados pré-fabricados para fechamentos e cobertura, oferecidos pelo mercado da indústria da construção locais, com ênfase a materiais leves: janelas guilhotina *Ideal*, sistema de portas piso teto com bandeira superior - eliminando a necessidade de vigas sobre as portas -, sistema de cobertura industrializado em telhas calhetão de fibrocimento amianto e contraplacados de *Formiplac*, que definem a modulação de projeto em aproximadamente 1,00 x 0,80 metros: tudo entregue na obra e montado a seco, sem argamassa, cortes ou adaptações para otimizar a logística de

execução, transporte e mão de obra - caminho defendido por Kneese de Mello:

[...] A técnica que preferimos é a de estruturas independentes, totalmente pré-fabricadas [...] e simplesmente montadas na obra. As paredes são apenas elementos de vedação [...] o arquiteto tem possibilidade de variar o aspecto e a composição do edifício, usando painéis leves de vedação, facilmente encontrados nos mercados locais (KNEESE DE MELLO, 1975).

As medidas dos componentes de fechamento definem também o módulo dimensional dos chalés: 6,00 x 8,00 nas unidades menores, enquanto as unidades maiores incorporam dois módulos – como resposta espacial ao programa, enfrentando também o comportamento estrutural dos componentes de cobertura, em solução sem apoios internos intermediários. A largura transversal do chalé é definida pelo tamanho da telha calhetão, que vence seis metros por peça única.

Figura 8: Perspectiva axonométrica



Fonte: Modelagem pessoal a partir de levantamento

A solução em uma água define a estética do partido, solução que se verifica em outros projetos de Kneese de Mello, como a Casa em Pariquera-Açú (1976) ou o Cemitério da Vila Paulicéia (1969), e permite pequena inclinação, o que se reflete em economia de materiais, execução rápida, e emprego de poucos componentes.

Figura 9: Fachada Leste



Fonte: Modelagem pessoal a partir de levantamento

Integra também o sistema industrializado de cobertura uma peça de fechamento entre as telhas e o forro, que permite a ventilação e evita o acesso de animais. O forro em lambris de madeira resolve o conforto térmico, definindo um colchão de ar.

Duas pranchas de madeira fazem a transição entre os componentes modulados de fechamento e a cobertura. Servem como terças de apoio, suportadas nas extremidades por empenas de alvenaria, assentadas tradicionalmente. Revestidas com tijolos de barro laminado¹⁷, cumprem funções estruturais de apoio, isolamento acústico, e divisórias entre as unidades.

Figuras 10 e 11: Prancha de apoio da cobertura, e cobertura



Fonte: Fotos do autor (2005).

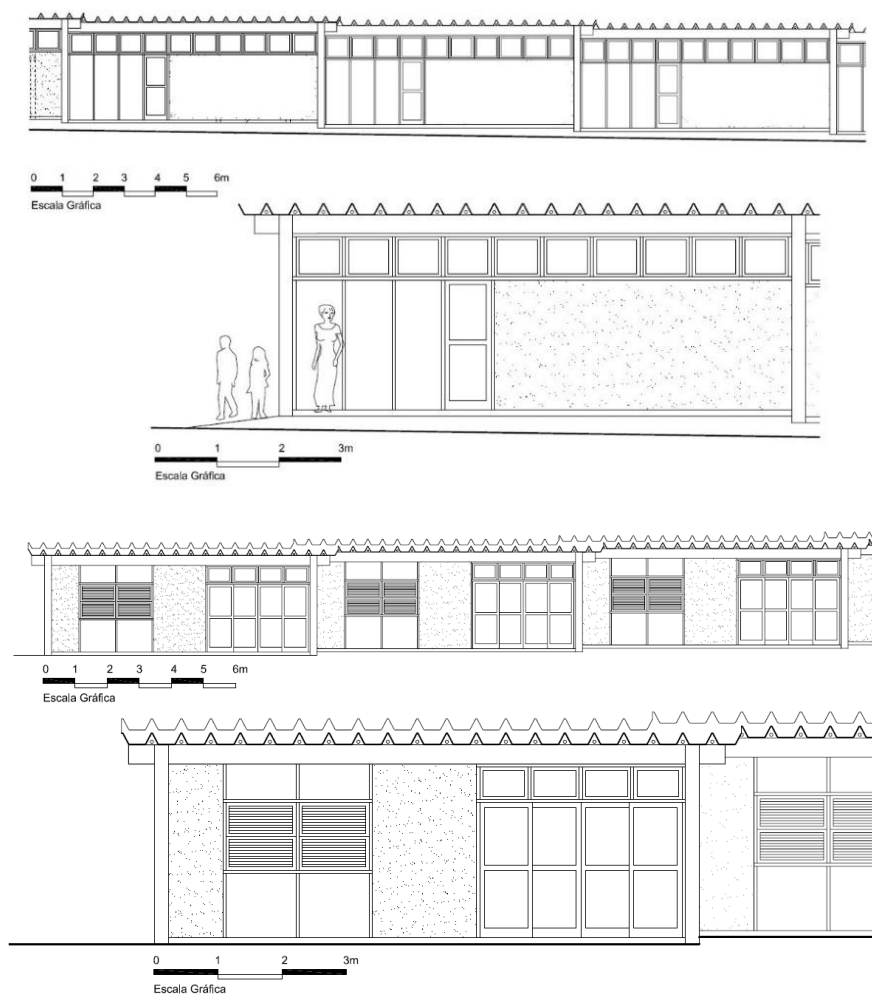
A ordenação arquitetônica das fachadas Leste e Oeste é definida por dez contraplacados de oitenta centímetros. Estruturados em perfis de madeira, eram originalmente combinados em cores alternadas pelas unidades. A janela guilhotina dos quartos na fachada Leste, em modulação distinta do restante do sistema construtivo, tem paredes laterais que fazem a transição de um sistema modular para o outro, em solução mista entre componentes industrializados e alvenaria tradicional de tijolo. A solução linear em janelas altas acima da cota de 2,10m na fachada de acesso (Leste) prioriza a intimidade e a conservação das áreas molhadas, realizadas em alvenaria tradicional, revestidas por cerâmica.

Figuras 12 e 13: Fechamento em *Formiplac* nas cores originais (Fachadas Leste)



Fonte: Fotos do autor (2011)

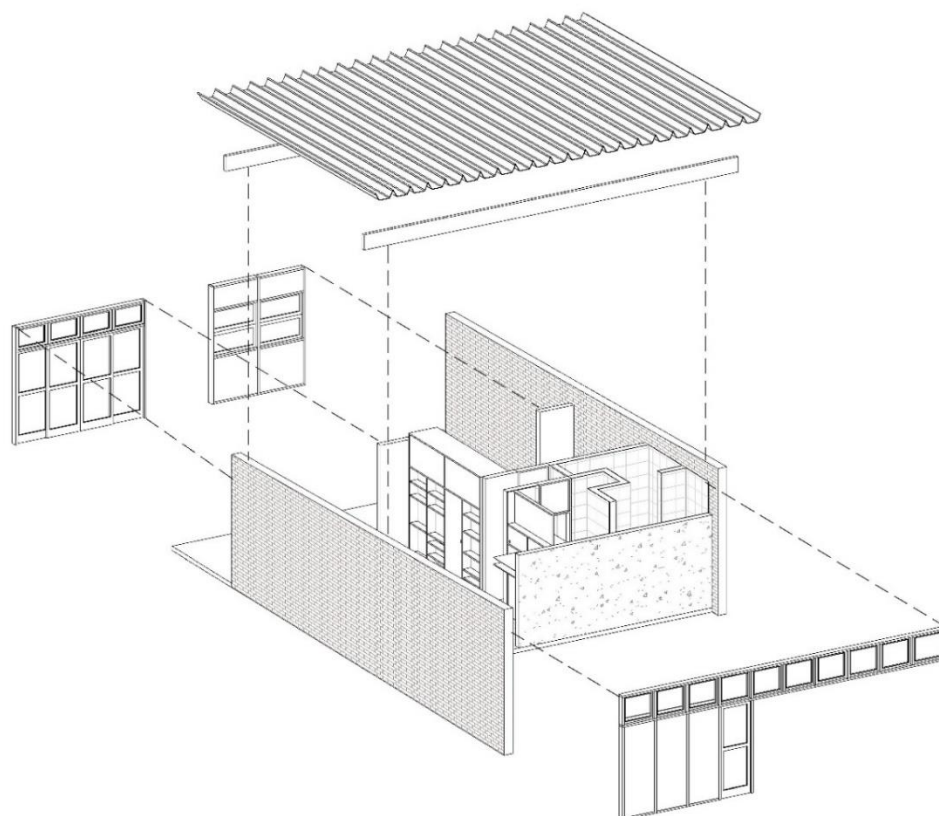
Figuras 14 e 15: Fachadas Leste e Oeste



Fonte: Desenho pessoal a partir de levantamento

As fundações, que respondem a cargas leves, empregam técnicas convencionais racionalizadas. A solução tecnológica mista concilia aspirações de racionalidade com a cultura da construção, em suas disponibilidades e limitações tecnológicas, econômicas, e de escala.

Figura 16: Perspectiva explodida



Fonte: Modelagem pessoal a partir de levantamento

A solução em tipologia térrea apoiada no solo não apresenta complexidade ao enfrentamento estrutural. Neste quesito confere ampla liberdade propositiva. Sem a necessidade de apoios internos intermediários à cobertura, as divisões entre os ambientes empregam elementos leves, definidos segundo a modulação de projeto, concebendo espaços flexíveis, que permitem modificações futuras, conforme podem ser verificadas em reformas posteriores, realizadas em parte das unidades.

A divisão da sala, da cozinha, e do dormitório, é constituída por elemento único, em marcenaria. Cuidadosamente concebido, faz a função de armário, estante, e balcão, em solução espacial bastante otimizada. A peça situada entre a sala e a cozinha, e frequentemente empregada nos projetos do arquiteto, pode ser aberta pelos dois ambientes para acesso a louças e utensílios. O balcão para apoio, elevadiço, permite o isolamento ou a integração da cozinha. Entre a sala e o quarto, são dispostos nichos para a televisão, estantes, cabideiro de roupas, e gavetas.

Figuras 17, 18 e 19: Armário divisório, e registro de Kneese de Mello em sua unidade.



Fontes: Modelagem pessoal a partir de levantamento, e Acervo FEBASP.

Mesmo que não se trate de um programa voltado a custos mínimos, que permite maior liberdade econômica e apuro de soluções, destaca-se a opção pela racionalização e otimização de recursos, e a incorporação de componentes industrializados.

Incorporando grau modesto de industrialização em sua execução, segundo uma compreensão de moldes industriais em outros setores que não o da construção civil, e se o programa não apresenta escala de repetição em quantidades adequadas para uma pré-fabricação de componentes especiais, os chalés trazem significativa incorporação de componentes industrializados comercializados ao processo construtivo e, sobretudo, ao raciocínio de projeto.

A solução apresenta entrosamentos com a indústria da construção estabelecida à época – em sintonia com possibilidades oferecidas pelos fabricantes nacionais, como é observado na produção de outros arquitetos que assumiram essa investigação, e que participaram em certo momento do desenvolvimento de componentes junto à indústria - como foi o caso da interlocução de Kneese de Mello junto a *Eternit* e a *Brasilit*, durante a viabilização da patente da Uni-Seco, para definição da modulação produtiva das placas de fibrocimento (Ver CAMARGO e MONTENEGRO FILHO, 2021).

CONSIDERAÇÕES

A estratégia de concepção do partido, apoiada em modulação e repetição de componentes industrializados comercializados, traz reflexão sobre graus de racionalização construtiva possíveis, através da conciliação entre a utilização de componentes industrializados pré-fabricados, de técnicas convencionais racionalizadas, e serviços manuais. Apresenta-se como caminho para uma incorporação de tecnologias de pré-fabricação na construção civil, em ciclo produtivo aberto, à custos viáveis – que de fato parece ter maior força para a industrialização da construção de um modo geral, em diversos contextos geográficos, políticos, e econômicos, conforme estágios possíveis e características próprias em cada caso, escala, partido, contexto cultural e/ou produtivo.

Nesses moldes que boa parte da construção norte-americana incorpora as possibilidades de industrialização, por empresas da sociedade civil, em ciclo aberto, com repercussões ao pensamento de projeto. Segundo Russell (1981, p.33) (Ver também VENTURA, 2002), no decorrer do Séc. XX é verificado em países de maior industrialização desenvolvimento gradativo de uma indústria de componentes e partes intercambiáveis, com profundos impactos nas construções. Os produtores foram se especializando em componentes específicos, incorporados à construção civil de maneira generalizada, verificando-se consolidação de significativa universalidade de componentes (Ver também ROSA, 2006), o que não é distante do que defendia Walter Gropius (1883-1969).

Nossas futuras casas não serão necessariamente produtos estereotipados como consequência da padronização e da pré-fabricação; a competição natural, no mercado livre, cuidará para que as partes de construção pré-fabricadas apresentem uma multiformidade tão individual quanto os artigos de consumo produzidos pela máquina, que hoje dominam o mercado (GROPIUS, 2004, p. 119).

Entre a produção das *Case Study Houses*, reconhecida por qualidades arquitetônicas, pela vanguarda, pela racionalização construtiva empregada, e pela incorporação de componentes da indústria, destaca-se isoladamente a Casa Atelier, de Charles (1907–1978) e Ray Eames (1912–1988), em Santa Mônica (1949), pela velocidade de montagem, e sobretudo pelo seu baixo custo em relação à outras casas do programa, e à construção convencional norte americana do período (RUSSELL, 1981, p. 298-299). O partido e sua modulação apoiam-se em componentes leves disponíveis pelo mercado norte-americano a baixos custos: perfis estruturais metálicos, painéis de fechamento, janelas de aço e vidro, e decks metálicos industrializados para a montagem da cobertura e do piso superior: tudo especificado a partir de catálogos de comercialização oferecidos pela indústria, sem o emprego de peças especiais: Um partido único, que poderia ser submetido à repetição, com variações de arranjos dentro de sua lógica conceitual, apoiada nos mesmos componentes industrializados – incorporando à ordenação arquitetônica a compreensão produtiva e mercadológica, com consistência artística – em caminho alternativo à boa parte das arquiteturas apresentadas, com componentes específicos concebidos e produzidos para cada obra.

No Brasil, os partidos de Lelé em fase madura - após fase com os elementos pesados, empregados também por Kneese de Mello e Oliveira¹⁸-, voltam-se também à soluções em elementos leves, de maior facilidade de execução e transporte, o que permite maior escala de produção - um pré-requisito à industrialização-, e maior alcance pelo território para distribuição em massa. Reforça a opção a natureza de programas horizontais, e em pequenas escalas, que não conferem um bom custo-benefício no uso de equipamentos como guindastes, necessários para montagem de elementos estruturais ou de fechamento em concreto pré-fabricados, melhor justificados em partidos verticalizados, em largas escalas, apoiados em muita repetição, nos quais os custos se diluem¹⁹ (Ver TEIXEIRA, 1986, BRUNA, 1975, 2002).

Em momento de certa maturidade, consolidação, respaldo, diversificação industrial, e conhecimentos acumulados sobre possibilidades de racionalização construtiva, pré-fabricação, e industrialização na construção civil do país, dentro de seus objetivos, a solução dos Chalés na Guarapiranga demonstra maturidade em sua qualidade formal a partir de síntese entrosada com o programa, a construção, e a industrialização enfrentada nesta escala - conforme se configura a maior parte dos programas arquitetônicos, que costumam ser enfrentados de forma isolada, a partir de esforços individuais, em pequenas escalas para moldes industriais.

Se menos ambicioso no controle da produção que em projetos anteriores do arquiteto, ou casos idealizados conhecidos pela historiografia de pré-fabricação de unidades inteiras, o caminho dos Chalés apresenta sua viabilidade por conciliação de racionalização de técnicas convencionais incorporadas pela cultura, e combinação de peças pré-fabricadas comercializadas, a partir de investigação e compreensão de limitações e do que pode ser oferecido em moldes mercadológicos e produtivos, no contexto local, com vistas à uma maior integração da arquitetura com a indústria.

Os chalés caracterizam-se por proposição de novos paradigmas arquitetônicos, por caminho de enfrentamento da técnica e da dimensão artística-estética, com ênfase à simplificação dos processos construtivos, aliada a possibilidades de industrialização. O projeto insere-se em investigação contínua pela adequação da arquitetura e de sua concepção às necessidades, ao contexto, e a ciência contemporânea, aspirando valor artístico em sua síntese formal, por investigação universal e atemporal, que transcende o programa, o contexto, e a solução desenvolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBUGIAN, Ercio. **Pré-fabricados de concreto na arquitetura escolar**. Tese de Doutorado. FAUUSP. São Paulo, 2005. 411p.

BRUNA, Paulo. **A Indústria da Construção e o Plano habitacional do Estado de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1975. 57p.

_____. **Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 307p.

BONDUKI, Nabil. Caps. 2, 3 e 4. In: **Origens da Habitação Social no Brasil**. Estação Liberdade, São Paulo, 1998. Pg. 73– 176.

CAMARGO e MONTENEGRO FILHO, Monica Junqueira de e Roberto Alves de Lima. **UNI-SECO DO BRASIL: Repercussão de pré-fabricação do pós-segunda guerra.** In: **14º Seminário Docomomo Brasil**, 2021, Belém. Anais [...] Belém: Docomomo Brasil, 2021. p. 1 a 15.

GIMENEZ, Luis Espallargas. **Pedro Paulo de Melo Saraiva Arquiteto.** Romano Guerra Editora. São Paulo, 2016.

GITAHY E XAVIER, Maria Lucia Caira e Paulo César. Cap. 2 e 3: A Construção habitacional em São Paulo na Década de 30, e Arquitetura Moderna e Construção Habitacional em São Paulo na Década de 30. In: _____. **O Complexo Industrial da Construção e a Habitação Econômica Moderna 1930 – 1964.** São Paulo: Editora Rima, 2002. p. 15 – 33.

GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Novarquitetura.** 6ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. 220p.

IMBRONITO, Maria Isabel. **Três Edifícios de Habitação para a Formaespço:** Modulares, Gemini e Protótipo. In: **Docomomo.** Endereço virtual Docomomo: Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/105R.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, s/d. In: **Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências.** Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

LEITE e BONDUKI, Maria de Jesus Britto e Nabil. Cap.1: Popular. In: MONTEZUMA, Roberto. (organizador). **Arquitetura Brasil 500 anos: O Espaço Integrador.** Volume 2. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008. p.22-121.

LATORRACA, Giancarlo (organização). **João Filgueiras Lima - Lelé.** Instituto Lina Bo Bardi. Editorial Blau. Lisboa, 2002.

MARICATO, E. Por um novo enfoque teórico na pesquisa sobre habitação. **Cadernos Metrópole**, n.21, p. 33-52, 2009.

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. **Pré-fabricação e a obra de Eduardo Kneese de Mello.** 2007. Dissertação de Mestrado. FAUUSP. São Paulo, 2007.

_____, Roberto Alves de Lima. **A pré-fabricação na trajetória de Eduardo Kneese de Mello.** 2012. Tese de Doutorado. FAUUSP. São Paulo, 2012.

PIÑON, Helio. **Teoria do projeto.** Trad. Edson Mahfuz. Livraria do Arquiteto, Porto Alegre, 2006. 227p.

ROSA, Wilhelm. **Arquitetura Industrializada e evolução de um sonho à modularidade.** Dissertação de Mestrado. FAUUSP. São Paulo, 2006. 90p.

RUSSELL, Barry. **Building Systems, Industrialization and Architecture.** Londres: John Wiley & Sons, 1981. 758p.

SILVA, Helena Ayoub. **Abrahão Sanovicz, arquiteto.** Romano Guerra Editora, São Paulo, 2017. 280p.

TEIXEIRA, Eduardo Henrique Santos. A História dos Pré-fabricados e sua evolução no Brasil. **ABCI.** Projeto Editores Associados LTDA. São Paulo, 1986.

VENTURA, Alessandro. **Arquitetura, Indústria, e produção modular.** Tese de Livre-docência. FAUUSP. São Paulo, 2002.

NOTAS

- 1 Executados pela Construtora Eusébio de Queiroz Mattoso (1965).
- 2 Levantamentos apoiados em visitas in loco. Não foram encontradas plantas originais.
- 3 Sua carreira e o amadurecimento da Arquitetura Moderna brasileira caminham em paralelo, junto ao debate internacional, e às transformações gerais: culturais, políticas, econômicas, sociais, e urbana, com crescente preocupação com a habitação, a indústria, e a tecnologia nacional.
- 4 O Edifício traz importante grau de racionalização construtiva e incorporação tecnológica, por novos paradigmas. A fachada definida pela modulação da estrutura de concreto é definida por tijolos de vidro e brises móveis industrializados, para controle de sombreamento, ventilação natural, e otimização de luz natural, de maneira indireta.
- 5 O sistema visava habitações, escolas, creches e clínicas, apoiado em pré-fabricação desenvolvida durante as guerras para outros fins. A patente trazida ao Brasil conta com a participação de Kneese de Mello na adaptação do sistema, e no desenvolvimento de projetos.
- 6 Na pré-fabricação em ciclo fechado é produzido o objeto inteiro com todos os seus componentes, com controle de todas as etapas de produção. As peças são especialmente fabricadas para o produto, sem possibilidade de intercâmbio de componentes entre os fabricantes. No sistema aberto, um produto final pode empregar componentes de diferentes fornecedores, viabilizando maiores escalas de produção, se houver padronização de encaixes e medidas.
- 7 No belvedere do Parque Trianon. Parece tratar-se de um sistema convencional racionalizado que incorpora elementos pré-fabricados.
- 8 Apoia-se nas lajes dos pavimentos, sem a mesma independência das fachadas cortina.
- 9 Primeira empresa nacional a pré-fabricar estruturas inteiras em concreto moldado (Volta Redonda, RJ, 1946).
- 10 Por promoção estatal, é caso único em sua escala, apoiado em racionalização, redução de custos, e normatização de materiais, alcançando 5000 unidades em alguns de seus projetos (BONDUKI, 1998, p. 154-156). Entre práticas de racionalização inéditas, destaca-se a fábrica de blocos de concreto e painéis pré-fabricados do Projeto do Realengo (1938-43), de Carlos Frederico Ferreira (LEITE e BONDUKI, 2008, p.75). A produção foi entretanto experimental e sem continuidade, em moldes construtivos possíveis, pouco industrializados, em ciclo fechado ou semiaberto, destacando-se caminhos, e qualidades conceptivas.
- 11 Através de escolas, creches, hospitais, a Sede da Prefeitura de Salvador, mobiliários urbanos, passarelas de pedestres, contenções - na Fábrica de Equipamentos Comunitários (FAEC) em Salvador (1985-89), e anteriormente na Prefeitura do Rio de Janeiro.
- 12 A produção combina elementos leves pré-fabricados, e materiais largamente empregados. É um dos casos mais abrangentes de investimento em aplicações de processos industriais à construção realizado no Brasil. Com apoio de políticas públicas, atinge quantidades e qualidades inéditas, entretanto modestas para padrões industriais - seguindo trajetória consistente de investigação de racionalização construtiva, desde a pré-fabricação pesada em concreto, durante a NovaCap, ou as estruturas pré-fabricadas em concreto na Universidade Nacional de Brasília (UNB) (1962).
- 13 Os projetos adotam os mesmos componentes e princípios construtivos, em tipologias, plantas, e dimensionamentos variados, em moldes construtivos convencionais racionalizados, apoiados em modulação padronizada definida pelas

estruturas em concreto moldado in loco, e componentes pré-fabricados - com gama reduzida de elementos empregados, sem acabamentos e revestimentos: caixilhos modulados de alumínio reduzidos a uma ou duas variações, batentes, paredes internas em painéis de gesso, armários divisórios modulados definindo ambientes, quebra-sóis, etc. Inicialmente foram empregados painéis modulados pré-fabricados para fechamento em concreto, descartados por altos custos, substituídos por blocos especialmente produzidos (Ver IMBRONITO, 2011, s/p.).

14 Comercializadas. Kneese de Mello recebeu a unidade 6N como pagamento pelo projeto.

15 Trata-se do grupo II. O grupo I, e posteriormente os grupos III e IV, são de outras autorias.

16 Segundo levantamento in loco, sem apoio documental. Não se sabe se a tipologia de três quartos fez parte da encomenda original.

17 As tecnologias tradicionais são restritas às fundações, pisos, paredes, hidráulica e elétrica.

18 Em outros projetos à época, em programas de maiores escalas, como o Ambulatório INPS (Instituto Nacional da Previdência Social) Várzea do Carmo (1966), o Posto de Assistência Médica INPS Vila Maria Zélia (1976-77), a Cidade Universitária de Bragança (1968), não realizada, a Fábrica para Produtos Eletromecânicos (Prema S.A.), Sede do Cemitério da Vila Paulicéia (1969) – onde são empregados elementos pré-fabricados em grande escala para canalizações como componentes construtivos, de custos mais baixos que os componentes pré-moldados empregados usualmente -, e, posteriormente, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Guarulhos (1980), em consistente investigação construtiva, que atinge graus significativos de incorporação de componentes pré-fabricados na concepção projetual, e de entrosamento com a indústria da construção nacional corrente (Ver MONTENEGRO FILHO, 2007, 2012).

19 Na Europa pós-guerra destaca-se o papel do Estado na reconstrução e na promoção habitacional e de serviços públicos, com emprego de pré-fabricação em ciclo fechado, apoiada em tecnologias pesadas de concreto armado, em certos casos atingindo importantes escalas de produção.

UM ARQUITETO CLÁSSICO NA MODERNIZAÇÃO DO RECIFE:

Um Cineteatro e uma Ponte de Giacomo Palumbo, 1931-1943

*A CLASSIC ARCHITECT IN RECIFE'S MODERNIZATION:
A Cinetheater and a Bridge by Giacomo Palumbo, 1932-1940*

*UN ARQUITECTO CLÁSICO EN LA MODERNIZACIÓN DE RECIFE:
Un cineteatro y una puente de Giacomo Palumbo, 1932-1940*

Karine Maria Gonçalves Cortez

Mestre em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) karinemgc@gmail.com

Fernando Diniz Moreira

Ph.D em Arquitetura (UPenn), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fernando.moreira@ufpe.br

RESUMO

O italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) foi o arquiteto de maior destaque atuando na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930. Legitimado por sua formação em Paris, produziu as mais importantes obras públicas e privadas deste período, seguindo um vocabulário arquitetônico clássico e eclético. Apesar da magnitude de sua obra, que se estendeu para outras cidades do Nordeste e para o Rio de Janeiro, existem grandes lacunas e omissões na historiografia da arquitetura sobre sua figura. Como recorte de uma pesquisa mais ampla que procura resgatar sua trajetória e obra no Recife, este artigo buscou analisar sua atuação a partir dos anos 1930, quando a cidade atravessava um processo de modernização com o estabelecimento de profissionais alinhados ao movimento moderno, como Luiz Nunes, e com intensas discussões urbanísticas que levaram à remodelação do centro durante o Estado Novo. Diante deste novo cenário, buscamos mostrar como Palumbo procurou se inserir na nova conjuntura, que também incluiu reviravoltas políticas, por meio da gradativa atualização de sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco ou protoracionalismo, como pode ser visto na remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, efetuada entre 1932 e 1933, e na proposta para Ponte Duarte Coelho cujo o caráter de monumental de obra arte representava a capacidade desse arquiteto em lidar com diferentes programas, estilos e funções, não deixando se inserir neste debate, adaptações às novas circunstâncias locais e referências.

PALAVRAS-CHAVE: Giacomo Palumbo; Recife; Art Déco; Arquitetura Moderna; Modernização.

ABSTRACT

The Italian Giacomo Palumbo (1891-1966) was the most prominent architect working in the city of Recife during the 1920s and 1930s. Legitimized by his training in Paris, he produced the most important public and private works of this period, following a classic and eclectic architectural vocabulary. Despite the magnitude of his work, which spread to other cities in the Northeast and to Rio de Janeiro, there are large gaps and omissions in the historiography of architecture about his figure. As part of a broader research that seeks to recover his trajectory and work in Recife, this article seeks to analyze his work from the 1930s onwards, when the city was going through a process of modernization with the establishment of professionals aligned with the modern movement, such as Luiz Nunes, and with intense urban discussions that led to the remodeling of the city center during the Estado Novo. Faced with this new scenario, we seek to show how Palumbo sought to insert himself in the new situation, which also included political upheavals, through the gradual updating of his language with the introduction of Art Deco or protoracionalism elements, as can be seen in the remodeling of the Cineteatro Moderno in Recife, carried out between 1932 and 1933, and in the 1938 proposal for Duarte Coelho Bridge, whose monumental nature of a work of art represented the architect's ability to deal with different programs, styles and functions, not allowing adaptations to new circumstances to be included in this debate. locations and references.

KEYWORDS: Giacomo Palumbo; Recife; Art Deco; Modern Architecture; Modernization.

RESUMEN

El italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) fue el arquitecto más destacado que trabajó en la ciudad de Recife durante las décadas de 1920 y 1930. Legitimado por su formación en París, produjo las obras públicas y privadas más importantes de este período, siguiendo un vocabulario arquitectónico clásico y ecléctico. A pesar de la magnitud de su obra, que se extendió a otras ciudades del Nordeste y a Río de Janeiro, existen grandes lagunas y omisiones en la historiografía de la arquitectura sobre su figura. Como parte de una investigación más amplia que busca rescatar su trayectoria y obra en Recife, este artículo buscó analizar su actuación a partir de la década de 1930, cuando la ciudad atravesaba un proceso de modernización con la constitución de profesionales alineados con el movimiento moderno, como Luiz Nunes, y con intensas discusiones urbanísticas que desembocaron en la remodelación del centro durante el Estado Novo. Ante este nuevo escenario, buscamos mostrar cómo Palumbo buscó insertarse en la nueva situación, que también incluía convulsiones políticas, a través de la paulatina actualización de su lenguaje con la introducción de elementos Art Deco o protorracionalismo, como se puede apreciar en el remodelación del Cineteatro Moderno de Recife, realizada entre 1932 y 1933, y en la propuesta del Puente Duarte Coelho, cuya monumentalidad de obra de arte representaba la capacidad del arquitecto para lidiar con diferentes programas, estilos y funciones, no permitiendo adaptaciones a nuevas circunstancias a incluir en este debate, lugares y referencias.

PALABRAS CLAVES: Giacomo Palumbo; Recife; Art Déco; Arquitectura Moderna; Modernización.

INTRODUÇÃO

Chegado no Brasil em 1917, o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) atuou na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930, tornando-se o principal protagonista de arquitetura por meio de muitas obras públicas e privadas. Nestas obras, que incluem o Grande Hotel do Recife, a Faculdade de Medicina do Recife, o Hotel Central e o Hospital Centenário, além de diversos palacetes que adornavam as áreas de expansão da cidade, ele seguia os ensinamentos herdados de sua formação clássica como arquiteto em Paris, mas buscando atender aos requisitos funcionais e aos anseios de seus clientes, o que fazia-o adicionar a esta tradição elementos do ecletismo e do neocolonial.

Entretanto, sua sorte começaria a mudar com o início da década de 1930, quando uma série de transformações de cunho modernizante iriam desestabilizar sua posição na cidade: O rearranjo político local provocado pela Revolução de 1930 levou o declínio político de alguns dos seus principais clientes, como a família Pessoa de Queiroz e o grupo do governador deposto, Estácio Coimbra; a chegada de profissionais alinhados à arquitetura moderna, como Luiz Nunes, convidado pelo interventor do Estado de Carlos de Lima Cavalcanti (1930-1937); a chegada da arquitetura dita Art Déco; e, ao surgimento de um rico debate urbanístico sobre a remodelação do centro. A partir do início dos anos 1930, suas encomendas públicas foram drasticamente reduzidas, talvez pelo fato de seu estilo não estar mais sintonizado com a visão do regime de Vargas e de ser visto como representante do velho regime político.

Essa situação talvez tenha contribuído para sua transferência para o Rio de Janeiro, cidade natal de sua esposa, no final da década de 1930, mas antes disso o arquiteto buscou se adaptar aos novos tempos políticos e às correntes modernizantes. Seguindo a crença generalizada de que a sólida formação parisiense na *École Spéciale d'Architecture* capacitava os arquitetos ali formados a lidar com diferentes programas, estilos e funções, Palumbo buscou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco ou protoracionalismo.

Parte de uma pesquisa mais ampla que visa contribuir para preencher lacunas na historiografia sobre a obra e trajetória de Palumbo, este artigo busca mostrar como Palumbo enfrentou esta realidade por meio do estudo da remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, fruto de uma encomenda privada e efetuada entre 1932 e 1933 e da proposta ganhadora para o concurso da Ponte Duarte Coelho de 1938. O estudo é pautado em pesquisa documental e bibliográfica, priorizando diversas fontes de pesquisa, incluindo a documentação do projeto existente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, os periódicos e jornais diários da época, com o apoio de fontes secundárias.

Este trabalho se divide em três partes. A primeira apresenta o arquiteto e oferece uma visão de conjunto de sua obra nos anos 1920. A segunda e busca apresentar a conjunção de novos fatores políticos e culturais de cunho modernizante, que alteraram o cenário para o arquiteto. Por fim, a última parte propõe um olhar mais aprofundando sobre o Cineteatro Moderno e a Ponte Duarte Coelho, duas das suas principais obra da década de 1930 no Recife.

O ARQUITETO GIACOMO PALUMBO

Devemos a João Maurício Miranda (1981) a primeira tentativa biográfica de Palumbo, indicando a sua chegada à cidade do Recife em 1918. Geraldo Gomes da Silva (1987) apresentou as características estilísticas do Palácio da Justiça, da residência Costa Azevedo e da Faculdade de Medicina, apontando para a versatilidade do arquiteto em lidar com elementos estilísticos distintos. Guilah Naslavsky (1998) apontou a relação profissional entre Heitor Maia Filho e Giacomo Palumbo, atribuindo o rigor clássico das composições da dupla a Palumbo. Já George Dantas afirmou que o Plano Geral de Sistematização de Natal, concebido em 1929 por Palumbo, foi de grande importância para o crescimento futuro daquela cidade. Apesar de escassas, as poucas informações sobre Palumbo permitem entrever que, ao longo da década de 1920, ele esteve à frente dos grandes projetos públicos da cidade do Recife e de algumas outras cidades da região.

As poucas informações que temos sobre a vida de Palumbo foram coletadas em entrevistas à sua filha única, Yvette, e ao seu neto, Hélio Eichbauer, realizadas entre 1981 e 2008¹. Por meio delas, ficamos sabendo que Giacomo Palumbo nasceu na Ilha de Corfu, na Grécia, em 1891, de pais italianos, Gabrielle e Giulia Palumbo. Seu pai era engenheiro e participou como engenheiro da equipe de Ferdinand Marie de Lesseps, responsável pela construção do Canal de Suez. Os entrevistados afirmam que Palumbo estudou na *École de Beaux-Arts*, em Paris, França, concluindo o curso em 1910, contudo, ele também assinava os seus projetos com a sigla E.S.A. o que supomos ser *École Spéciale d'Architecture*. Essa suposição foi importantíssima para pesquisa, pois a partir dela chegamos aos documentos existentes no arquivo desta escola, confirmando seu ingresso nesta instituição em 1908 e sua saída em 1911, sem recebimento de diploma. Diante das grandes dificuldades encontradas na Europa devido a Primeira Grande Guerra, resolveu migrar para a América do Sul em busca de trabalho e de uma nova vida, provavelmente com seu irmão, o engenheiro Victor Palumbo, desembarcando no Rio de Janeiro em 1917, e chegando ao Recife em 1919.²

Ao longo de sua permanência na cidade do Recife, Palumbo estabeleceu diversas parcerias. Com o pintor alemão Heinrich Moser desenvolveu os vitrais na Residência Costa Azevedo e no Palácio da Justiça, com Heitor Maia Filho e Hugo Azevedo Marques, arquitetos licenciados atuando no Recife e com Francisco Lopes de Assis e Silva, arquiteto responsável pela remodelação do Palácio do Governo de Pernambuco em 1920, com escritório técnico tanto no Recife quanto no Rio de Janeiro.

Assim, fica claro que a relação que Palumbo estabeleceu com os principais arquitetos (ainda não diplomados) da época, ora considerados discípulos, ora parceiros para trabalhos pontuais, evidencia a rápida ascensão e a grande proeminência dele no meio profissional local. Seja formado na *École des Beaux-Arts*, seja na *École Spéciale d'Architecture*, o que certamente qualificou-o para exercer com competência no Brasil não apenas as atividades de projeto e construção, mas também de ensino, como professor catedrático da Escola de Belas-Artes de Pernambuco, da qual foi um dos fundadores.

Pouco tempo após seu estabelecimento, ele passou a obter as principais encomendas de novos edifícios na cidade do Recife, particularmente os edifícios públicos, não só na gestão estadual de Sérgio Loreto (1922-1926), como na seguinte, de Estácio Coimbra (1926-1930). Ao longo de sua

atuação na cidade, aproximou-se da elite econômica de Pernambuco, entre eles usineiros, comerciantes, empresários, que passaram a contratá-lo para projetar suas residências e empreendimentos, já que era o “único arquiteto” aqui presente, segundo o depoimento no eminente jornalista Aníbal Fernandes no Diário de Pernambuco em setembro de 1922:

Numa terra em que se commettem diariamente os mais horíveis attentados à belleza, ao bom gosto e à própria dignidade da vida, em matéria de architectura, numa terra em que o architecto não existe, porque só consegue vencer o mestre de obra presumido e inconsciente, v. teve essa grande audácia, verdadeiramente inédita: mandar construir a sua habitação pelo único architecto que aqui existe. [...] Isso que v. está fazendo, meu amigo, e constitue neste pacato meio provinciano, um verdadeiro escândalo, fazem-no com applauso de todas as pessoas de gosto (BARRETO, 2016).

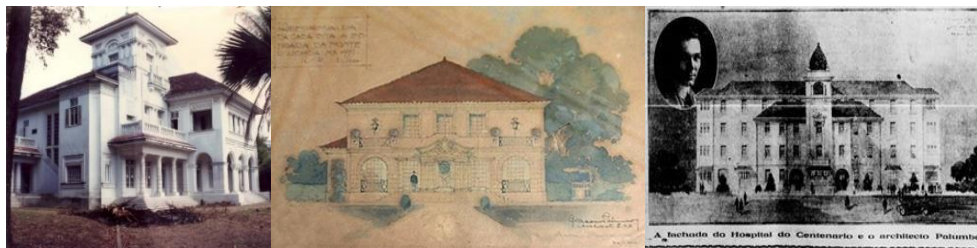
Em 1921, Palumbo já havia elaborado uma proposta não executada para o Parque Treze de Maio e para o Parque Interno do Palácio do Governo. Na sequência foi contratado pelo Governo Sérgio Loreto para realizar o projeto do Palácio da Justiça (1924-1930) e do Grande Hotel do Recife (1924-1938), e o Hotel Central (1928) por encomenda particular. À medida que a cidade se expandia com os melhoramentos públicos, o aparecimento de equipamentos de lazer e cultura, Palumbo também era requisitado a projetar seguindo os anseios e desejos dos novos modos de morar, socializar e trabalhar. Nos subúrbios, Palumbo projetou o Hospital do Centenário (1922-1925), a reforma do Asilo Bom Pastor (1922- 1924), a Faculdade de Medicina (1925-1927), além de projetos para várias residências à elite pernambucana, entre elas a residência Othon Bezerra de Melo (1922), Annita Cherques (1927) e a Costa Azevedo (1934).

Figura 1: Obras de Palumbo na área central: Hotel Central, Grande Hotel e Palácio da Justiça



Fonte: Diário da Manhã, 1927; Arquivo Público do Estado de Pernambuco; Luciano Ferreira/Prefeitura da Cidade do Recife (2013)

Figura 2: Obras de Palumbo nos subúrbios: Residências Costa Azevedo, Othon Bezerra de Melo e Hospital do Centenário



Fonte: Diário da Manhã, 1927; Arquivo Público do Estado de Pernambuco; Luciano Ferreira/Prefeitura da Cidade do Recife (2013)

Além das encomendas públicas e projetos particulares, Palumbo foi responsável por outros projetos e trabalhos, desde decoração de eventos à atuação como perito de sinistros do Estado. Também atuou em João Pessoa, Natal e no Rio de Janeiro, onde conquistou e expandiu seu círculo de relacionamentos, colaborando também com alguns projetos, como na ampliação do Colégio Santo Inácio (MIRANDA, 1981), no plano de urbanização para uma área no Recreio dos Bandeirantes (MENEZES; REINAUX, 1997) e no projeto do edifício Netuno³, na Avenida Atlântica em Copacabana.

O RECIFE NA DÉCADA DE 1930: UMA CIDADE EM MODERNIZAÇÃO

Giacomo Palumbo já havia alcançado grande prestígio como arquiteto perante a sociedade recifense, com sua arquitetura de filiação europeia clássica e eclética, mas a partir de 1930, assistimos a uma série de eventos de cunho modernizante no cenário político, urbanístico, artístico e arquitetônico que iriam desestabilizar sua posição e atenuar o prestígio que o arquiteto italiano tinha nos meios locais.

A Revolução de 1930 vai provocar fortes rearranjos na política pernambucana, com a queda do governador Estácio Coimbra e a ascensão de Carlos de Lima Cavalcanti ao governo do Estado, o qual governará entre 1930 e 1937. Lima Cavalcanti era proprietário dos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde, que veiculavam ataques à gestão de Coimbra e passaram a ser quase porta-vozes do novo governo (AQUINO, 2011, p.59-61).⁴ Talvez devido à esta turbulência e sua ligação os grupos preteridos, particularmente com as famílias Pessoa de Queiroz e Coimbra, Palumbo se ausentou da cidade por quase um ano.⁵ Em 1931, quando retorna ao Recife, suas demandas haviam sido drasticamente reduzidas prevalecendo os projetos privados, ainda que em menor escala.

Um panorama favorável à arquitetura moderna já existia desde meados dos anos 1920, tanto com artigos apontando as vantagens da arquitetura moderna na imprensa local⁶, como inovações técnicas.⁷ No começo dos anos 1930, as feições do ecletismo e do neocolonial começam a ser lentamente superadas por meio da simplificação das linhas e dos volumes com o abandono dos ornamentos mais elaborados, mas mantendo a composição clássica das fachadas (MOREIRA, 2022, p.212). Muitas edificações antigas passaram a ser reformadas adotando linhas retas e ornamentos com caráter geometrizar, balcões em balanço, platibandas, mostrando uma aceitação da arquitetura moderna (NASLAVSKY, 1998,

MARGENAT, 2000, p.14, CORREIA, 2008, p.14). Ora chamada de Art Decó, protomoderno, protorracionalismo, ou ainda “moderna pragmática”⁸, esta arquitetura buscou unir referências das vanguardas artísticas, das tradições acadêmicas Beaux-arts e do racionalismo moderno. O Recife iria assistir, desde o começo da década de 1930, a construção de diversos exemplares desta arquitetura, sendo um deles o Cineteatro Moderno de Palumbo.

Um marco na consolidação da arquitetura moderna deu-se com a experiência a Diretoria de Arquitetura e Construções (DAC), posteriormente Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU), chefiada por Luiz Nunes entre 1934 e 1937 no âmbito estadual. Com o máximo de economia possível e buscando atender carências da população no âmbito da saúde e do ensino, os edifícios seguiam princípios corbusianos, muitas vezes baseados em um volume prismático sobre pilotis com utilização de pano de cobogós e brise-soleil para controle da insolação (MARQUES, NASLAVSKY, 2011).⁹ Esta experiência do DAC/DAU sinalizou a preferência pelo poder público estadual da arquitetura moderna, no lugar da linguagem clássica de arquitetos como Palumbo.

Também neste momento, o Recife passou a sediar uma ampla discussão sobre urbanismo, tendo como objeto a remodelação do bairro de Santo Antônio, centro administrativo e comercial da cidade, embasada em teorias e experiências urbanísticas europeias e norte-americanas que, de fato, já vinham sendo discutidas desde meados da década de 1920. Entre os planos de maior destaque estão o de Nestor de Figueiredo (1932) e o de Atilio Correa Lima (1935).¹⁰

Figura 3. Plano de Nestor de Figueiredo – Perspectiva (1932) e Plano de Atilio Corrêa Lima (1935)



Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, 1940; Revista Urbanismo e Viação, 1940

Estas propostas animavam um rico debate de ideias urbanísticas que atraiu a atenção de urbanistas de todo o país, mas que foi interrompido com a promulgação do Estado Novo, que provocou um novo rearranjo das elites locais. Lima Cavalcanti, cujo prestígio junto à Vargas vinha se encolhendo, caiu imediatamente com o golpe, e em seu lugar Vargas designou Agamenon Magalhães como o novo governador, que, por sua vez, nomeou Antônio Novaes Filho (1937-1945) como o novo prefeito de Recife, fato que

teve repercussões importantes na remodelação do bairro. Em dezembro de 1937, o novo prefeito estabeleceu uma nova comissão, que avaliou o que já tinha sido feito até aquele momento, com enfoque maior nas demolições, e propôs uma solução. A nova comissão decidiu resgatar o plano de Figueiredo (1932), reduzindo a proposta a uma única avenida e a massa de edifícios imponentes em seu alinhamento. A construção de uma avenida central, a futura Avenida 10 de Novembro com altos edifícios oferecia uma imagem clara de uma cidade moderna e do pensamento urbanístico e arquitetônico vigente (MOREIRA, 2016, p.301).

Figura 4. Vista Panorâmica da Avenida Guararapes, década de 1950.



Fonte: Museu da Cidade do Recife

Os edifícios da Avenida Guararapes foram construídos entre 1939 e 1949 para serem os mais altos e modernos na cidade. Utilizaram das técnicas mais modernas que havia na época e definiram o padrão estético da década de 1940 no Recife. Concebidos de maneira a estar em concordância uns com outros, observa-se a continuidade das cornijas e linhas horizontais, as mesmas alturas, as galerias no térreo e um escalonamento dos andares superiores, de forma muito similar às Avenidas Presidente Vargas no Rio de Janeiro e à Borges de Medeiros em Porto Alegre, tornando-se uma expressão da remodelação dos centros na era varguista (MOREIRA, 2016, p.303-305, MOREIRA, 2022, p.220-228).

Entre os profissionais responsáveis pelos projetos desses edifícios, estão Heitor Maia Filho e Hugo Marques, ambos parceiros de Palumbo¹¹. Ainda que não tenha sido identificada a participação de Palumbo nestes edifícios nem na discussão urbanística dos anos 1930, não podemos deixar de supor que ele também era responsável pela circulação de ideias¹², especialmente sabendo de sua contribuição para o desenvolvimento do Plano de Remodelação da Cidade de Natal, a partir de 1929 (DANTAS, 2003) e do projeto para a Ponte Duarte Coelho (1938-1940), que fazia a ligação da nova avenida Guararapes com o bairro da Boa Vista.

Outra novidade do início da década de 1930, foi a criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) em 1932, fruto do esforço de um grupo de artistas, arquitetos, engenheiros, entre eles Palumbo, para criar um curso superior de arquitetura, pintura e escultura.¹³ Segundo Marques (1983, p.150), a escola não tinha apoio de nenhuma entidade mantenedora, nem conseguia cobrar matrículas ou mensalidade, dependendo apenas de doações e subvenções governamentais. Assim, até o reconhecimento federal da Escola (novembro de 1945), os professores trabalhavam sem salários e era frequente o abandono de muitos, assim como de seus alunos. Para Palumbo, ainda que fundador da Escola, conciliar essa situação deveria ser algo muito difícil, em função da falta de encomendas públicas, como também, pelas dificuldades aos arquitetos estrangeiros geradas pelo decreto-lei 23.569 de 11 de dezembro de 1933, que regulamentava a profissão do arquiteto

O decreto estabelecia que aqueles formados no exterior em escolas ou institutos técnicos, cujo diploma tivesse sido revalidado de acordo com a legislação federal do ensino superior até aquela data, poderiam exercer a profissão de arquiteto no país.¹⁴ Embora o decreto tenha trazido inegáveis benefícios à profissão, muitos arquitetos estrangeiros tiveram dificuldades para terem seus registros definitivos, a exemplo de destacados profissionais como Lucjan Korngold e Franz Heep (Silva, 2012). Como provavelmente Palumbo não finalizou o seu curso de arquitetura no exterior, não encontramos documentação sobre a revalidação ou registro no Brasil, o que tudo leva a crer que ele passou a ter dificuldades para atuar, dependendo de parceiros licenciados.

Assim, a década de 1930 trouxe inúmeras novidades de cunho modernizante com grandes impactos para a prática profissional e para a consolidação da arquitetura moderna, mas acarretou inúmeras dificuldades para o pleno exercício profissional de Palumbo. Apesar destes impasses e dificuldades, ele procurou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco, como o edifício do Cineteatro Moderno.

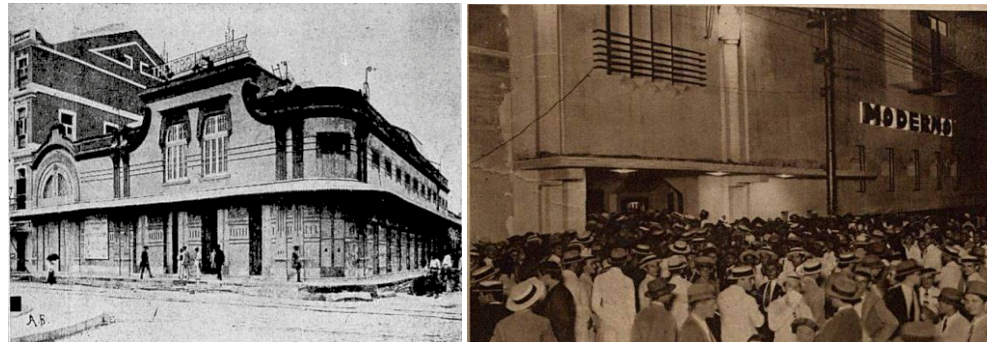
O CINETEATRO MODERNO

Como já visto, a cidade do Recife experimentou diversas manifestações ligadas ao modernismo, com a vida urbana tornando-se mais ativa e agitada, com novas formas de sociabilização. Entre estas, a mais marcante foi, sem dúvida, o cinema, que influenciava a sensibilidade e o modo de vida da população, ditando modas e comportamentos. A cidade sediou um dos polos mais importantes de cinema no Brasil, o Ciclo do Recife, ativo entre 1923 e 1931 (SARAIVA, MOREIRA, 2020). As primeiras exibições no início do século XX aconteciam em teatros, circos, festas de largo e cafés, aos poucos salas especializadas foram surgindo, adequada à exibição dos filmes, atendendo a requisitos de visibilidade, acústica e conforto. Após a inauguração do primeiro cinema, o Pathé, surgiram outros como o Royal, o Moderno (ambos no Bairro de Santo Antônio), o Polytheama e o CineTeatro do Parque (na Boa Vista) e o Ideal (no bairro de São José).

Um dos melhores representantes desse tipo edifício foi, sem dúvida, o Cineteatro Moderno. Inaugurado em 1913 como teatro, no bairro de Santo Antônio, na esquina da Praça Joaquim Nabuco com a Rua Frei Caneca, o Moderno foi adaptado dois anos depois de sua inauguração, em 1915, para

receber o cinema. Em sua primeira versão como teatro, o edifício possuía os traços da composição clássica, com um frontão marcado por frisos e cornijas que fazem referências ao Art Nouveau.¹⁵

Figura 5. Cineteatro moderno, década de 1910 e década de 1930



Fonte: Museu da Cidade do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1931, Palumbo foi contratado pelos proprietários, a firma Marques, Fernandes e Cia, para adequar o Cineteatro em um moderno cinema. Essa passagem definitiva de teatro para o cinema pode ter incentivado Palumbo a deixar de lado sua costumeira linguagem clássica e eclética e escolher uma linguagem arquitetônica que melhor refletisse o caráter de um cinema: o Art Déco. A geometrização e simplificação dos componentes decorativos, dos balcões e marquises e a ênfase dada ao volume da cabine nas fachadas parecem melhor sugerir a modernidade deste novo uso. Foi o primeiro exemplar na cidade de cinema como elementos Art Déco.¹⁶

Nos periódicos da época, a remodelação do Teatro Moderno era anunciada como um sinal inegável da modernidade. Algumas críticas associando a obra apenas a uma reforma de fachada foram rechaçadas nos periódicos, que reforçavam sua importância para a cidade:

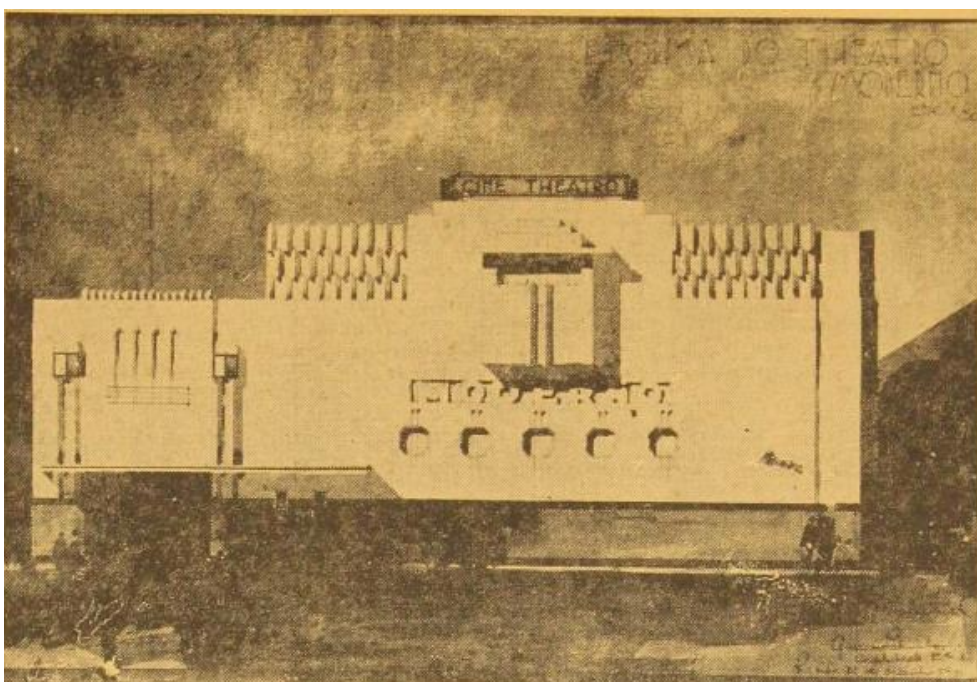
[...] já não se trata de um projeto, simplesmente, mas de uma vigorosa e tenaz iniciativa que marcha vitoriosamente para belíssima realidade. Quem passa, hoje, pela Praça Joaquim Nabuco, que é um dos pontos mais movimentados da cidade, está ao par do trabalho maravilhoso que se realiza, para dotar o Recife com um cinema que será, senão o maior, falando de certo ponto de vista, pelo menos o mais luxuoso e capaz de oferecer um atestado eloquente do grão de adiantamento que a capital pernambucana atingiu nestes últimos dez anos. [...] A arrojada iniciativa de reconstrução do moderno é, pois, uma necessidade e não uma obra de fachada, como se supõe, e malevolamente se quer fazer acreditar (DIÁRIO DA MANHÃ, 16 de abril 1933, s.p.d).

Assim como em outros projetos, sua capacidade técnica e artística foi um determinante para a escolha de Palumbo: “Artista no verdadeiro sentido da palavra, conhecendo seu *métier* todos os detalhes, Palumbo idealizou, para o grande cinema pernambucano, uma verdade obra técnica moderna”¹⁷.

O fato de Palumbo ter explorado o concreto armado para criar uma composição símbolo do progresso e elegância, foi também ressaltada:

O Theatro Moderno será completamente reconstruído, adaptando-se às condições de progresso da cidade [...] terá teto de cimento armado, além das remodelações internas que constarão de cinco camarotes de luxo, uma plateia superior construída a concreto, iluminação moderna, aumento de lotação e fachada completamente nova[...]. (DIÁRIO DA MANHÃ, Janeiro de 1932, s.p.d).

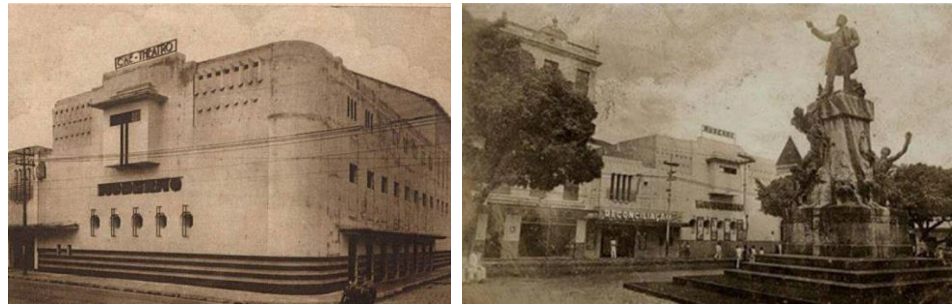
Figura 6. Fachada do Cineteatro Moderno, no canto direito assinatura do arquiteto Giacomo Palumbo (1931)



Fonte: Diário da Manhã, janeiro de 1932

A partir do estudo de projetos anteriores de Palumbo, especialmente o Hotel Central de 1928, sabemos que as novas técnicas construtivas já eram conhecidas por Palumbo, mas agora ele parecia permitir que a técnica do concreto se manifestasse mais livremente, explorando sua dimensão estética e, adequando-se assim, aos desejos da época. Ele tirou partido da expressão do material na composição formal da fachada, como pode-se perceber nas esquinas arredondadas cujo dinamismo parecer ser mais acentuado graças aos frisos do térreo, talvez uma tentativa de fazer algo similar ao que tinha feito Eric Mendelsohn no Cinema Universum em 1928 em Berlim.

Figura 7. Cineteatro após a reforma de Palumbo



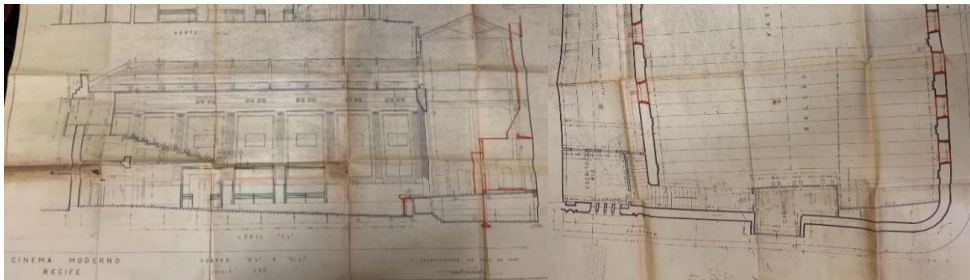
Fonte: Diário da Manhã, junho de 1932 e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Pode-se identificar a composição clássica, no respeito a simetria e valorização do eixo do edifício na fachada frontal. A cabine de projeção destaca-se no alto, conferindo maior dinamismo ao volume e anunciando a função do edifício.¹⁸ Acima, em ferro, e abaixo, incrustado na alvenaria, da cabine estão os letreiros com grafia Art Déco. Em cada lado da cabine estão grandes rasgos horizontais interrompidos por montantes verticais. Cinco janelas circulares (óculos) e no térreo as linhas de frisos já mencionadas. Na fachada lateral, para Rua Frei Caneca, as aberturas são simples, simétricas e seguem um mesmo espaçamento ao longo de todo plano. Destaca-se ainda na lateral e na entrada do edifício o uso de marquises no passeio, de modo a conferir uma certa proteção ao pedestre, na compra do bilhete, mas Palumbo não estende a marquise a todo o plano da edificação, garantindo que o acesso ganhe maior destaque. O edifício assume um destaque na paisagem urbana, sem destoar da escala do casario ao redor.

A entrada principal, antes era realizada pela parte frontal, na proposta de Palumbo foi deslocada para a lateral esquerda, com chegada a um hall de espera. O fechamento das portas frontais, provavelmente tiveram por prerrogativa garantir melhor acústica e um fluxo adequado ao cinema. Já o acesso para o balcão, construído em concreto, dava-se por uma escada lateral localizada no hall de espera. Infelizmente, não foi possível localizar as plantas da reforma realizada por Palumbo, mas a partir da planta de reforma de 1953, que se concentrou no exterior da edificação com poucas alterações internas, pode-se observar o funcionamento do espaço e os elementos que podem ter feito parte da proposta de Palumbo.

De acordo com os periódicos, o antigo edifício parecia sofrer de calor excessivo. A fim de resolver essa questão, Palumbo propôs na parte posterior um volume ainda mais alto para circulação do ar e aberturas superiores na lateral do edifício. A iluminação foi projetada para garantir acolhimento e efeitos decorativos, tanto interna como externamente.

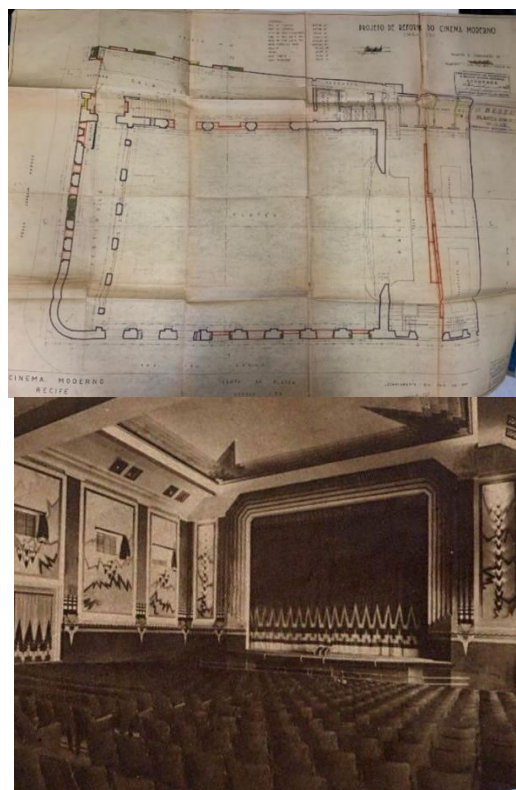
Figura 8. Corte do Cineteatro Moderno e Planta baixa do mezanino (balcão) de 1953



Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife

Na parte interna, é possível identificar elementos decorativos aludindo a arte marajoara nas pinturas das paredes e nos elementos decorativos, tais como cortinas, além de uso de molduras e frisos que poderiam ter função de minimizar os ruídos internos.

Figura 9. Cineteatro Moderno, planta baixa do Térreo de 1953 e fotografia interna da área de Plateia após a reforma de Palumbo.



Fonte: Acervo da Prefeitura do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1933 foi reinaugurado o Cineteatro Moderno, podendo acolher 1200 pessoas, sendo 760 na plateia, 400 no balcão e 40 pessoas nas galerias laterais. A construtora Jorge Martins ficou responsável pela obra, a decoração ficou a cargo do pintor Wilson Carvalho e as poltronas foram encomendadas a uma fábrica do Rio Grande do Sul responsável pela confecção na época de mobiliários de luxo.¹⁹

Figura 10. Interior antes da reforma de Palumbo e após a Reforma de Palumbo



Fonte: Revista P'ra Você, n. 18, 1930 e n. 30, 1933 – FUNDAJ

No projeto de 1953, é possível observar uma nova reforma, já com o fechamento das aberturas superiores, retirada dos óculos, abertura de nova porta no eixo central da fachada para Praça Joaquim Nabuco e ampliação da marquise em todo plano da fachada. Provavelmente os fechamentos das aberturas tenham sido realizados para viabilizar a introdução de sistema de ar-condicionado. Foram também dispostos elementos publicitários as várias partes da fachada do edifício.

De um modo geral, o Cineteatro Moderno antecipava a linguagem da Av. 10 de Novembro, futura Guararapes, que só iria ter os seus primeiros edifícios construídos a partir de 1938 e o projeto do Cinema Art Palacio de Rino Levi de 1937, a duas quadras de distância. No decorrer dos anos, com a chegada das novas salas de cinemas nos shoppings center e as novas relações da sociedade com o espaço urbano, os cinemas de bairros foram gradativamente fechando, assim aconteceu com o Moderno, em 1996, que hoje funciona como uma loja de eletrodomésticos.

A PONTE DUARTE COELHO

Como já visto, as transformações ocorridas trouxeram para o Recife uma maior circulação de automóveis, a construção de novos edifícios, a criação de imponentes avenidas que garantissem fluidez e conectividade viária, entre outros. A expansão do sistema de bondes em curso desde 1914, ligando várias partes da cidade, reforçou a centralidade do bairro de Santo Antônio, passando o sistema viário a sofrer cada vez mais com os problemas de trânsito. A abertura de uma larga avenida, como a 10 de Novembro, iria demandar a construção de uma nova ponte que desse continuidade a esse eixo ligando ao Bairro da Boa Vista e o futuro alargamento da rua Formosa (atual avenida Conde da Boa vista), que ocorreria na década de 1950. Assim, diante deste cenário, o prefeito Novaes Filho passou a investir em vários projetos de construção e reconstrução de pontes e pontilhões, entre eles a da Ponte Duarte Coelho, considerada “monumental obra de arte” (PMR, 1944, p.28) ligando os dois bairros acima mencionados.²⁰

O apoio financeiro do Estado viabilizou um edital para o concurso de projetos para nova ponte Duarte Coelho sujeitos a classificação por uma comissão de técnicos. A diretoria de obras municipais, na chefia do engenheiro José Hermógenes Tolentino Carvalho, ficou responsável pelo edital. Dentre os dezoito concorrentes, o projeto identificado como de

"Palumbo e Assis" é classificado em primeiro lugar.²¹ No Diário da Manhã, em 1939, que lançou a notícia, constava o seguinte:

Reuniu-se, ontem, na prefeitura, sob a presidência do prefeito Novaes Filho, a comissão julgadora dos projetos da ponte a ser construída no bairro de Santo Antônio. Estiveram presentes os engenheiros Domingos Ferreira Moreira Reis, Clovis Castro, Antonio Praxedes Lima, os sr. Eric Reventlow e Alfredo de Azevedo. Abertos os invólucros, verificou-se que haviam obtido os três primeiros lugares, os seguintes concorrentes: Letra D – Palumbo & Assis – Rio de Janeiro – 1º lugar; Letra C – J. Brandão & Magalhães – Recife – 2º Lugar; Letra M – Antônio Alves de Noronha e Júlio Carneiro de Albuquerque Maranhão Filho – Rio de Janeiro - 3º lugar (Diário da Manhã, 4 de maio de 1939)²².

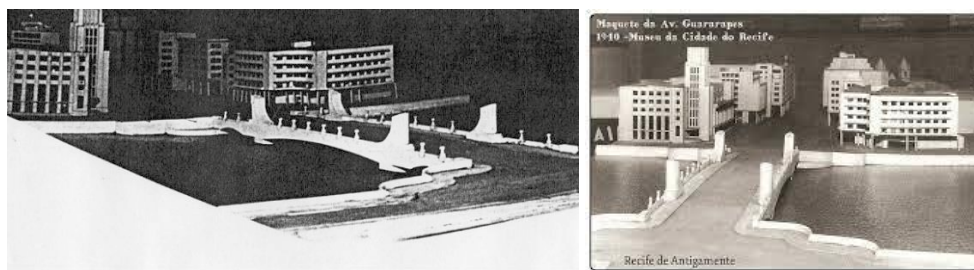
Para escolha do projeto vencedor, a comissão levou em consideração as condições técnicas no tocante a visibilidade; facilidade de circulação; possibilidade de navegação sob a obra e redução produzida pela mesma na secção de vazão do rio; custo provável e despesas de conservação decorrentes do sistema construtivo e do material adotado e por fim, quanto a originalidade e valor estético como obra de arte monumental (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31 de março de 1939).

No parecer realizado pela comissão, além de mencionar projeto ganhador, foram feitas algumas restrições de projetos aos três primeiros colocados. No projeto de Palumbo e Assis a comissão estabeleceu:

Os projetos que servem de apoio ao arco central em que descansam uma das nascentes de cada um dos arcos marginais, apresentam-se excessivamente robustos, o que também sucede aos maciços ornamentais que sobre os mesmos se erguem. Além disso, esses pilares determinam, por motivo de sua grande largura, redução da secção de vazão do rio e os maciços ornamentais, servindo de soco às figuras alegóricas que no projeto se indicam, invadem os passeios, reduzindo sua largura (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31 de março de 1939)

A comissão complementa que na execução fica a prefeitura responsável em corrigir as inconveniências e sugere a substituição das estatuas alegóricas por estátuas de vultos notáveis da história de Pernambuco, quando assim for oportuno e possível ao erário municipal.

Figura 11. Maquete da ponte Duarte considerada de autoria de Giacomo Palumbo e Assis por dois ângulos.



Fonte: Folha da Manhã, 14 dezembro 1938; Museu da Cidade do Recife

Nas imagens acima podemos observar os quatros maciços ornamentais que de fato estreitavam o passeio público e os arcos das margens que aparentemente se apresentavam com maior volume, reduzindo a vazão do rio nessa parte, essas imagens corroboram para o discurso da proposta vencedora.²³ Nessa proposta, percebe-se também que tanto pela rua da Aurora, quanto pela rua do Sol, Palumbo dimensionou a calha viária de forma mais ampla na entrada e saída da ponte garantindo um acesso fluído, sem deixar de lado o fluxo de pedestre.

A ponte foi desenvolvida em concreto armado, com arcos triarticulados.²⁴ Era comum as pontes desse formato terem até 30 metros realizadas em concreto simples, no entanto a ponte Duarte Coelho foi pensada para vencer um vão de 140 metros por 25 metros de largura, o que requeria do projetista um entendimento ainda maior do funcionamento das estruturas de concreto armado.

Pode-se observar que Palumbo buscou um tratamento compositivo que claramente confere imponência e caráter monumental singular, ao fazer uso de quatro elementos verticais nas cabeceiras da ponte, que marcariam o acesso da ponte, assim como na tradição clássica aconteciam com arcos antigos de acesso as pontes. A associação desse tipo torreão vertical robusto ao conjunto de balaustradas menores ao longo de toda a ponte proporcionava ritmo e elegância, além de buscarem uma relação com os novos edifícios propostos para avenida. Pela sua formação, é possível supor que Palumbo acreditava que mesmo uma infraestrutura de uma cidade moderna deveria ser pensada como obra de arte, como o fez nesse projeto.

O prefeito Novaes Filho menciona que não hesitou em aprovar as conclusões da comissão para escolha do projeto, mesmo que suas preferências não coincidissem com o julgamento feito pela comissão. Mais tarde, com a obra em andamento, ele retorna a colocar sua opinião quando a Comissão do Plano da Cidade introduz modificações ao plano original:

Tempos depois de iniciada a construção alvitrou a Comissão do Plano da Cidade introduzir algumas modificações no plano primitivo, vindo, com isso, ao encontro das minhas impressões do primeiro momento acerca, por exemplo, do estilo da balaustrada, tal como se prefigurava no projeto, mas evidentemente sem ambiência em nossa paisagem urbana. (PMR, dezembro de 1944, p. 29)

A expressão “estilo da balaustrada” colocada por Novaes Filho anunciava que a estética vigente gradativamente já vinha perdendo espaço e que para ele, aquela não seria a escolha mais adequada à fisionomia cidade. Como visto, a arquitetura moderna já era anunciada e os novos condicionantes desse momento revelavam os novos símbolos do progresso.

A construção foi confiada a empresa Cesar Melo Cunha a partir de uma concorrência pública, a mesma empresa responsável pela finalização do Grande Hotel do Recife. A “nova ponte sobre o Capibaribe”, como diversas vezes é anunciada pelos periódicos, tornou-se um novo elemento de utilidade pública e de grande destaque estético.

Figura 12. Construção da Ponte Duarte Coelho, entre 1941 e 1942 e Vista da Ponte Duarte Coelho, em 1957.



Fonte: Acervo Benício Dias/Fundaj e Biblioteca do IBGE

Embora a proposta seja de 1939, a obra só foi iniciada dois anos depois e finalizada em 1943. O projeto sofreu alterações com simplificação de elementos, mas a ideia norteadora para estrutura da ponte se manteve. Embora o prefeito Novaes Filho fale da falta de ambiência na paisagem urbana em virtude de alguns elementos arquitetônicos proposto por Palumbo e Assis, a própria liberdade de propor um vão arrojado, provava a habilidade do arquiteto em lidar com os aspectos urbanos. A ponte, foi na sua escolha, considerada um novo elemento de utilidade pública e de considerável realce estético para cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o novo rearranjo político local proporcionado pela Revolução de 1930 e a chegada de novas tendências arquitetônicas inclinadas ao modernismo, as encomendas públicas de projetos feitas a Palumbo, foram drasticamente reduzidas. Além disso, o enfraquecimento dos grupos políticos e econômicos locais que lhe davam apoio e a nova legislação profissional colocaram empecilhos ao seu exercício profissional. Entretanto, ao longo da década de 1930 Palumbo investiu suas energias na modernização de sua linguagem arquitetônica, tirando partido da expressão do concreto armado, eliminando e simplificando ornamentos rebuscados ou restringindo-os a poucos elementos e adotando elementos como frisos de contorno do edifício, balcões e marquises curvos e outros elementos que associados com o que convencionamos chamar de Art Déco.

Ele buscou uma mediação entre o legado clássico e as novas demandas da vida moderna, sugerindo que existiria uma arquitetura perene que deveria ser adaptada a diferentes momentos e circunstâncias, e que o arquiteto de formação clássica seria capaz lidar com a complexidade da vida moderna. Mesmo aliado das grandes discussões urbanísticas e das novas iniciativas arquitetônicas modernas, Palumbo conseguiu participar com obras que evidenciaram a contribuição de um viés clássico e morfológico. Sua obra dos anos 1930 mostra também que o processo de consolidação da arquitetura e da cidade moderna nesta década é muito complexo, um campo de disputa entre diversas correntes que admitindo diversas nuances.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a FACEPE pelo apoio concedido a esta pesquisa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PRÓXIMA...**Diário da Manhã**, Recife, 16 abr. 1932.

CARRASCO, Daniel Matus. Diplômes et diplômés en urbanisme: Paris 1919-1969. **Architecture, aménagement de l'espace. Université de Nanterre** - Paris X, 2018. França. Disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-02165940/document>.

CONDE, Luiz Paulo Conde & ALMADA, Mauro. Panorama do art déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, [1996] 2000.

CORREIA, Telma de Barros. Art Déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, v.16, n.2, p.47-104, 2008.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. **Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em Natal nos anos 1920**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.

ÉCOLE SPÉCIALE D'ARCHITECTURE (ESA). **Établissement d'enseignement supérieur décrété d'utilité publique en 1870 reconnu par l'état (décret du 9 janvier 1934)**, Paris, n.24, janeiro de 1968. Acessado em [brochure_ESA_1968.pdf](#).

MARGENAT, Juan P. **Arquitetura art deco en Montevideo (1925-1950)**. Montevideo: Mercur, 2000.

MARQUES, Sônia. **Maestro sem orquestra, um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil 1820-1950**. (Dissertação de Mestrado) - PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife. **Arquitextos**, 11, n.131.02, p.1-17, 2011.

MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. **Palácio da Justiça**. 2. ed. rev. e ampl. Recife: Gráfica e Editora Linceu, 1997.

MIRANDA, João Maurício Fernandes. **380 anos de história fotográfica da cidade de Natal 1599-1979**. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1981.

MOREIRA, Fernando Diniz. A aventura do urbanismo moderno no Recife. LEME, Maria Cristina (org.) **Urbanismo no Brasil 1895-1965**, São Paulo: Nobel; Edusp, 1999.

MOREIRA, Fernando Diniz. A Transformação do Bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Carlos: IAUUSP, 2016.

MOREIRA, Fernando Diniz. Avenidas, arranha-céus e mocambos: O Recife das décadas de 1930 e 1940. MOREIRA, Fernando Diniz (org.). **Recife: Cinco Séculos de Cidade e Arquitetura**. Recife: CEPE, 2022.

NASLAVSKY, Guilah. **Modernidade arquitetônica no Recife: Modernização da Arquitetura no Segundo Quartel do Século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 1998.

OUTTES, Joel. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas: contribuição à história do urbanismo (1927-1945)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1991.

PONTUAL, Virginia. **Uma cidade e dois prefeitos: Narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950**. Recife: Ed da UFPE, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE (PMR). **Seis Anos de Administração Municipal, 1937-1943**: Relatório apresentado pelo prefeito A. Novaes filho ao interventor Agamenon Magalhães, em Dezembro de 1944.

O THEATRO Moderno...**Diário da manhã**, Recife, jan. 1932.

REABRIU...**Diário da Manhã**, 7 jun. 1932.

REYNALDO, Maria. **As cabeceiras das pontes segundo seus padrões formais: O caso do Centro da Cidade do Recife, dos séculos XVII ao XX**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

RIBEIRO, Cecília. Luiz Nunes e o projeto de instituições de saúde em Pernambuco. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.593-620.

SARAIVA, Kate. **Cinemas do Recife**. Recife: Funcultura, 2013.

SARAIVA, Kate, MOREIRA, Fernando. Recife: Cidade e Cinema (1923-1931). **Sillogés**, v.3, 2020.

SILVA, Geraldo Gomes da. Arquitetura eclética em Pernambuco. In: Fabris, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, Edusp, 1987.

SILVA, Joana Mello. **O arquiteto e a produção da cidade:** a experiência de Jacques Pilon. São Paulo: Annablume, 2012.

TORRES, Niedja F. Santos. **O ensino do desenho na escola de belas artes de Pernambuco (1932 a 1946).** (Dissertação de Mestrado) – Artes Visuais, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

VIDA Social – Viajantes. **Diário da manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.

NOTAS

- 1 Em 1981, João Miranda entrevistou Yvete e Hélio, filha e neto, respectivamente, de Palumbo (MIRANDA, 1981). Em 2000, George Dantas realizou nova entrevista com ambos os familiares (DANTAS, 2003; 2006), e por fim, em 2008, Luiz Henrique Sá entrevistou seu neto (SÁ, 2008).
- 2 As entrevistas apontam a chegada ao Recife em 1918, mas seu neto afirma que ele de fato se estabeleceu na cidade em 1919. Apesar da divergência de informações, é certo que o seu casamento com Heloísa Meneses de Pádua em 24 de junho de 1919 aconteceu no Rio e que a única filha deles, Yvette Palumbo nasceu no Recife em 21 de março de 1920.
- 3 Revista Arquitetura e Urbanismo, novembro/dezembro de 1936
- 4 Com o pretexto de investigar a corrupção política no estado, o novo governo perseguiu e prendeu opositores, expulsou do quadro técnico os que eram contrários ao novo regime, buscou apoio popular dos sindicatos. Com sua nomeação, diversas famílias opositoras à Vargas foram perseguidas, entre elas a família Pessoa de Queiroz, que teve seus palacetes, bens e objetos destruídos e incendiados. Membros de algumas dessas famílias, incluindo Estácio Coimbra, se refugiaram na Europa.
- 5 As notícias de embarques e desembarques em navios na imprensa local mostram que ele embarcou no Recife no dia 17 de maio de 1930 (navio Zeelandia) ao lado de sua esposa Heloísa e Yvette Palumbo com destino a Lisboa e desembarcou no Recife em 08 de abril de 1931 (navio Bagé), vindo de Paris. Vida Social – Viajantes. **Diário da Manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.
- 6 Em entrevista à Revista de Pernambuco, já em 1925, Graça Aranha defendia que o concreto armado exigia uma arquitetura nova, que não mais copiasse elementos do gótico ou do colonial (MOREIRA, 2022, p.210). O engenheiro Alde Sampaio, em um artigo intitulado A Casa Tropical, em 1927, alertava para a necessidade de adequação da casa à nossa realidade climática. O poeta Manuel Bandeira, em 1929, em artigo publicado em A Província, mostrava a novidade da planta livre, sem paredes, e das janelas contínuas, como defendido por Le Corbusier poucos anos antes (NASLAVSKY, 1998, p. 77). O médico Aluísio Bezerra Coutinho, em sua tese O problema da habitação higiênica nos países quentes em face da "Arquitetura Viva", de 1929, propôs uma reconciliação entre a ideia de casa higiênica, a arquitetura moderna e a cultura popular de construção (MOREIRA, 2022, p.210).
- 7 Em 1930, engenheiros locais patentearam o cobogó, um pré-fabricado de cimento e areia que tornava a construção mais leve e rápida. Por possibilitar grandes vãos, o concreto já vinha sendo usado nos meios técnicos locais desde a década anterior em pontes, armazéns e alguns edifícios maiores, mas na década de 1930 anúncios mostravam que já existiam muitas firmas que usavam o material (NASLAVSKY, 1998).
- 8 O uso destes termos para definir esta arquitetura ainda não é um consenso. Em artigos publicados nos anos 1980, Luís Paulo Conde usa o termo Art Déco. Guilah Naslavsky em 1998 sugere o proracionalismo. Acharnos mais adequada a classificação de Hugo Segawa que considera o Art Déco como uma "modernidade pragmática", uma legítima expressão arquitetônica da

modernidade brasileira entre as décadas de 1930 e 1940, tendo convivido com o final da produção eclética e com o surgimento da linguagem moderna da escola carioca, que se tornariam prevalente a partir de meados da década de 1940.

9 Dentre os projetos realizados sob a chefia do arquiteto Luís Nunes estavam a Escola de Anormais, 1934, a Usina Higienizadora de Leite, 1934, e o Hospital da Brigada Militar, 1934, entre outros (RIBEIRO, 2019, p.596).

10 Entre os principais planos elaborados entre 1926 e 1943, estão os de Domingos Ferreira (1926-1927), pela da Comissão Clube de Engenharia (1930), Nestor de Figueiredo (1932), Attilio Corrêa Lima (1935) da Comissão do Plano da Cidade (1938) e de Ulhôa Cintra (1943), cujos conteúdos podem ser encontrados em Pontual (2001), Outtes (1991) e Moreira (1999, 2022).

11 O início da construção dos primeiros edifícios na Avenida Guararapes coincide com a saída definitiva de Palumbo do Recife. Não foram achados indícios de sua participação no projeto dos edifícios de seus ex-parceiros, Maia Filho e Marques.

12 Embora A disciplina do Urbanismo tenha surgido oficialmente na ESA apenas em 1932, o tema já aparecia desde 1865 na disciplina de Legislação da Construção e na disciplina de higienismo (ofertada pela ESA a partir de 1900) (ESA, 1968; CARRASCO, 2018, p.111).

13 Palumbo aparece como professor catedrático nos relatórios e nas reportagens de revistas locais, pois muitos profissionais estrangeiros eram enquadrados na categoria de catedráticos por não possuírem diploma reconhecido pelo Departamento Nacional de Educação (DNE), podendo assim, a qualquer tempo, serem substituídos das funções por determinação do conselho da escola (TORRES, 2015, p.110). No Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938, diz que "de acordo com o regulamento primitivo, eram professores catedráticos os professores fundadores e aqueles que viessem a ser classificados em primeiro lugar em concurso público. Até o período estudado, eram catedráticos, especialistas nas disciplinas em que atuavam e fundadores da EBAP os seguintes professores:" (...) Heitor da Silva Maia Filho; George Munier; Jaime Oliveira; Nelson Novares; Luiz Mateus Ferreira; Abelardo de Albuquerque Gama; Giacomo Palumbo; (...). (TORRES, 2015).

14 Decreto-Federal n. 23.569 de 11 de dezembro de 1933. Confea. Disponível em: <<http://normativos.confea.org.br/downloads/23569-33.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2021

15 THEATRO MODERNO, Diário da Manhã, janeiro de 1932. Ele chegou a funcionar também como cassino.

16 A linguagem do Art Decó foi logo seguida nos edifícios do Cinemas ideal (1932) e Eldorado (1937) ambos projetados por Jorge Martins (SARAIVA, 2013, p.86-87).

17 A PRÓXIMA REABERTURA...Diário da Manhã, 16 de abril 1933.

18 Interessante notar, que alguns anos depois, em 1937, Rino Levi criou solução semelhante para seu projeto do Cine Art Palácio, localizado a duas quadras do Moderno, já no conjunto da Avenida Guararapes.

19 REABRIU,...Diário da Manhã, 7 de junho de 1932.

20 Anterior a ponte Duarte Coelho, a antiga ponte "da Maxambomba", "da Caxangá", "da rua do Sol" ou "da estrada de Ferro" inaugurada em 1884 fazia a ligação entre esses dois bairros. Com as inovações significativas no campo do transporte urbano essa ponte tornou-se obsoleta, sendo demolida em 1915. (REYNALDO, 2008)

21 Quando o Diário da Manhã noticia a sociedade "Palumbo e Assis" como a vencedora da concorrência para construção da Ponte Duarte Coelho em 1939, Palumbo já estava no Rio de Janeiro, o que nos leva a acreditar que "Assis" esteja relacionado ao arquiteto Francisco Lopes de Assis e Silva pelo projeto realizado, em mesma época, para o palácio do Governador.

-
- 22** A proposta de “Palumbo e Assis” foi postada do Rio de Janeiro, isso indicava que Palumbo, no início de 1939 já não se encontrava na cidade do Recife.
- 23** Pela descrição realizada pela comissão, verificamos que coincide com a maquete do Plano da Comissão do Plano da cidade de 1938, encontrada no periódico Folha da Manhã, dezembro 1938.
- 24** As primeiras pontes em concreto começam aparecer no início do século XX. Em 1917, já se tinha no Recife, a Ponte Maurício de Nassau reconstruída em concreto armado

REVISTA DO COMOMO BRASIL #07

SITE

revistabr.docomomobrasil.com

EMAIL

revistadocomomobrasil@gmail.com

ISSN 2594-8601

